

FUNDADO POR ÉDSON RÉGIS
EM 27 DE MARÇO DE 1949

Correio das Artes

Setembro 2015 - ANO LXVI Nº 7

A detailed oil painting of a man's face and upper torso. He has dark, wavy hair and is looking slightly to the right with a thoughtful expression. He is wearing a light blue collared shirt and a red and white striped tie. The background is a soft, warm gradient of yellow and orange.

Luiz Augusto Crispim

Conhecimento
é direito de todos



O Sesc, mantido e administrado pelos empresários do Comércio de Bens, Serviços e Turismo, visa o bem-estar social dos trabalhadores do terceiro setor, seus familiares e dependentes. Mas o público atendido pelo Sesc é muito maior. Abrange também as populações da periferia de cidades de pequeno, médio e grande porte, que são assistidas pela entidade através de parcerias com o poder público e empresas privadas.

• Educação • Saúde • Cultura • Lazer • Assistência •



A estética do afeto

O jornalista, escritor, advogado e professor Luiz Augusto da Franca Crispim era um dos intelectuais mais admirados do seu tempo, na Paraíba. Reconheciam-no não só pelo talento com que regia as palavras e a facilidade que tinha de gerir os negócios públicos, como também pela gentileza com que tratava as pessoas.

Crispim imprimiu sua marca no jornalismo, na cultura e na administração pública do Estado e da capital paraibana. De seu vasto currículo constam, por exemplo, um Prêmio Esso de Jornalismo e cargos de direção em secretarias e instituições voltadas para o desenvolvimento da arte e da cultura.

A crônica (*O arco e a fonte*, *A dama da tarde*) era o seu gênero preferido, destacando-se entre os que, por aqui, praticam-na em folhas diárias e livros. Exercitou-se também no ensaio (*Por uma estética do real*), no romance

O legado espiritual e cultural de Crispim não pode ser esquecido porque engrandece a Paraíba. Ele deu um valioso testemunho de seu tempo, que cresce o sonho de mudar para melhor o mundo.

(*Os anéis da serpente*) e na poesia (*Poemas da estação*, *Os pecados da tarde*).

O legado espiritual e cultural de Crispim não pode ser esquecido porque engrandece a Paraíba. Ele deu um valioso testemunho de

seu tempo, que acresce o sonho de mudar para melhor o mundo. E os homens e as mulheres que assim o fazem devem ter suas memórias preservadas.

A família de Crispim, capitaneada pelos filhos Luiz Augusto Crispim Filho e Teresa Elizabeth, está fazendo a sua parte. Fundou um Memorial, no local onde funcionou o primeiro escritório do pai, próximo ao centro de João Pessoa, no qual está reunindo um rico acervo, disponível para visitas e pesquisas.

O jornal **A União**, por meio de seu suplemento de artes e literatura, presta nova homenagem a Crispim, na forma de uma reportagem que revela como era o intelectual na intimidade: um homem que vivia uma vida poética, afetuosa, e que sonhava em democratizar o conhecimento, criando bibliotecas.

O Editor

♦ índice



CRISPIM

Luiz Augusto Crispim, da vida, lamentou apenas não ter tido tempo de aprender a tocar piano. Conheça melhor essa história na reportagem de Linaldo Guedes.



LAU

Lau Siqueira revela seu conceito de poesia e comenta sua sexta publicação, *Livro arbítrio*, com selo da Editora Casa Verde (RS).



SOLHA

Os escritores Clemente Rosas, Joana Belarmino e Vitória Lima escrevem sobre o novo livro de poesia e um romance inédito de W. J. Solha.



LENILDE

A poeta e tradutora Lenilde Freitas participa desta edição com cinco poemas inéditos, ilustrados pela artista Livia Costa, de "Tramas Visuais".



O *Correio das Artes* é um suplemento mensal do jornal **A UNIÃO** e não pode ser vendido separadamente.

A União Superintendência de Imprensa e Editora
BR-101 - Km 3 - CEP 58.082-010 - Distrito Industrial - João Pessoa - PB
PABX: (083) 3218-6500 - FAX: 3218-6510
Redação: 3218-6509/9903-8071
ISSN 1984-7335
editor.correiodasartes@gmail.com
http://www.auniao.pb.gov.br

Secretário Est. de Comunicação Institucional
Luís Torres

Superintendente
Albige Fernandes
Diretor Administrativo
Murillo Padilha
Câmara Neto

Diretor Técnico
Walter Galvão

Diretor de Operações
Gilson Renato

Editor Geral
Walter Galvão

Editor do Correio das Artes
William Costa

Supervisor Gráfico
Paulo Sérgio de Azevedo

Editoração
Paulo Sérgio de Azevedo

Arte da capa
Tonio/Ortilo Antônio

Ilustrações e artes
Domingos Sávio, Tonio,
Livia Costa, Ícaro Medeiros





No dia em que foi receber o resultado de um exame médico que detectou a doença que causou a sua morte, ele virou-se para sua filha e disse: “Minha filha, quando eu me for lembrar-se sempre do que vou lhe dizer agora. Eu vivi pouco, mas vivi intensamente! Fiz tudo o que quis na vida, só não deu tempo de uma coisa, aprender a tocar piano”. Disse isso e sorriu. Assim era Luiz Augusto Crispim, cronista, jornalista, advogado, escritor paraibano que se vivo estivesse teria feito 70 anos em agosto último.

Os depoimentos sobre ele destacam sempre sua inteligência, capacidade literária, elegância, equilíbrio e talento. Teresa Crispim, sua filha, é toda emoção ao falar do pai. Ela conta que Crispim era um apaixonado pelos clássicos. Bach, Mozart e Tchaikovsky eram seus compositores preferidos. No cinema, o filme *Casablanca* e os atores Alain Del- ▶

O SONHO de Crispim

Linaldo Guedes

linaldo.guedes@gmail.com

“CONHECIMENTO É DIREITO DE TODOS”. ESSE ERA O LEMA DO JORNALISTA E ESCRITOR LUIZ AUGUSTO CRISPIM, QUE VIVEU UMA VIDA POÉTICA E ALMEJAVA DISSEMINAR BIBLIOTECAS POR TODA A PARAÍBA

► Ion e Catherine Deneuve eram os prediletos. Já na literatura Eça de Queiroz, Carlos Drummond de Andrade e Jorge Luís Borges eram os autores de cabeceira.

“Meu pai sempre foi determinado e quase tudo que desejou foi por identificação, paixão, por isto alcançou quase tudo o que quis. Para mim, meu pai sempre foi fonte de inspiração para viver a vida intensa e poeticamente! Deixou-me o legado de perpetuar a importância de proporcionar cultura e conhecimento a todos! Ele tinha o sonho de sair abrindo bibliotecas pelos quatro cantos dessa Paraíba! Deixa, portanto, o legado de que o conhecimento é direito de todos!”, recorda Teresa.

Luiz Augusto Crispim Filho, que também é advogado, reforça o depoimento da irmã e diz que seu pai era uma pessoa tranquila, gostava muito de ficar em casa com a família, principalmente em sua biblioteca, lendo, escrevendo e ouvindo música. “Apesar da aparência séria ele era muito bem humorado”, relembra.

A relação de Crispim com os filhos, aliás, sempre foi muito saudável, mas com cada um ele tinha uma maneira de agir. Com Teresa ele tinha um cuidado especial, no bom sentido. Conversavam muito sobre cultura, tinham muita afinidade. “Comigo o papo já era outro. Escritório, conselhos com relação a minha vida afetiva, nosso jogo de tênis (discutia sobre bola fora e bola dentro da quadra). Nunca gostou de perder pra mim... mas éramos bons parceiros”, salienta Crispim Filho.

A relação de Crispim com a esposa, Adília Espínola da Franca, também era de muito companheirismo. Estavam sempre juntos e viajavam muito. Tinham certa dependência um do outro. “Como todo casal, tinham suas diferenças. Mas tenho a mais absoluta certeza de que viveram um grande amor”, afirma o filho.

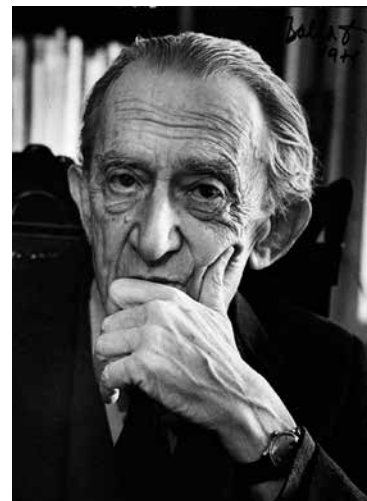
Em casa, ninguém podia ler o jornal primeiro do que ele. Além disso, o jornal tinha que estar na ordem das páginas. Gostava muito de relógios e canetas. Tinha uma bonita coleção. Para Crispim Filho, o pai nasceu para a literatura mesmo. “Ler e escrever, sem dúvida, lhe traziam grande satisfação. Se divertia com cada texto escrito”, assegura.

O APOLOGISTA DE GEORG LUKÁCS

Escritores contemporâneos de Crispim atestam essa sua afinidade com o campo literário. O poeta e crítico literário, Hildeberto Barbosa Filho, conta que como escritor e jornalista, Crispim atuou na crítica e no ensaio literários com obras fundantes em termos locais, a exemplo do opúsculo *Por uma estética do real*, que, em certo sentido, revelou o pensamento de George Lukács aos leitores paraibanos. Nesta mesma seara, dedicou um ensaio considerado primoroso a Coriolano de Medeiros, intitulado “Os delitos da glória”.

“Sem me conhecer pessoalmente, Crispim me convidou para assessorá-lo na antiga Secetur (Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo), criando o Gabinete de Arte Literária e me dando a sua coordenação. Sobre meu livro, *Convivência crítica*, emitiu parecer favorável à sua publicação como volume primeiro da Coleção IV Centenário. Acerca de minha poesia, escreveu dois belos artigos em *O Norte*. Como confrade, na APL (Academia Paraibana de Letras), foi um dos mais gentis e mais ativos”, ressalta.

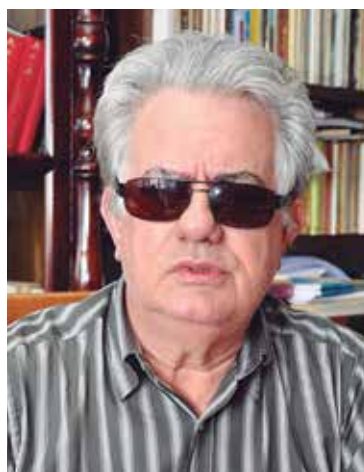
A poesia de Crispim estimulou Hildeberto a escrever dois textos críticos nos quais procurou caracterizar seus veios temáticos e seu compor-



Georg Lukács (1885-1971), filósofo e crítico literário húngaro, autor de *Teoria do romance*

tamento estilístico. “Sei também do seu fazer voltado para obras didáticas e pedagógicas na área de comunicação e de direito, de seu refinamento e seletividade enquanto leitor, de sua erudição e cultura geral. Fica para mim, no entanto, de sua memorável trajetória intelectual, o cronista diário de pendores líricos, de linguagem elegante e escorreita, de fôlego inigualável e sempre atento às facetas paisagísticas, históricas e cotidianas da cidade de João Pessoa, sobretudo no tocante aos sítios mágicos e florados do velho Tambiá. Sua crônica transcende a efemeridade jornalística, para se compor como painel literário dos mais densos em âmbito local. Somente Gonzaga Rodrigues pode emular com ele em gênero tão difícil. De outra parte, Luiz Augusto Crispim, como Virgínius da Gama e Melo, Juarez da Gama Batista, Linduarte Noronha, Geraldo Carvalho, Vanildo Brito, Archidy Picado e José Rafael de Menezes, entre outros que já se foram, é dessas personalidades emblemáticas do patrimônio cultural da cidade e do estado, cuja voz, intelectual, poética e criadora, ainda hoje ecoa nos ouvidos das novas gerações”, analisa.

O poeta Sérgio de Castro Pinto lembra que seu primeiro contato com Luiz Augusto Crispim – de quem foi parente pelo Franca, do seu pai - se



Poeta e professor Sérgio de Castro Pinto, amigo e interlocutor de Crispim em assuntos de literatura

► restringiu ao âmbito da Faculdade de Direito, no início dos anos 60. Os dois conversavam, principalmente, sobre literatura. “Ele encharcado das teorias de Georg Lukács, crítico húngaro que interpretava o fenômeno literário à luz do marxismo mais ortodoxo. Tanto que, de princípio, Lukács chegou a renegar a obra de Franz Kafka e as vanguardas europeias, embora posteriormente tenha tido a honestidade intelectual de reavaliar a obra do ficcionista tcheco e de, finalmente, reconhecer a excelência do autor de *A metamorfose*. Pois bem, foi nesse clima de ebulição que Crispim, na esteira de Lukács, lançou o livro *Por uma estética do real*, editado pela **A União**, que reúne bons ensaios sobre João Cabral de Melo Neto e Euclides da Cunha”, acrescenta.

Sérgio destaca que há quem diga, equivocadamente, que a crônica é um gênero menor. “Tenho para mim, no entanto, que não existe gênero maior ou menor, mas escritores maiores e menores. Crispim foi um cronista maior, principalmente quando se propunha a reconstituir o passado, o tempo pretérito, como o fez em várias crônicas e no livro *Os caminhos de mim*, lançado postumamente. Morreu ainda jovem, em plena efervescência literária”, lamenta.

O jornalista e escritor Abelardo Jurema Filho recorda que conheceu Crispim na redação do jornal *O Norte*, em meados dos anos 70, quando ele já pontificava na literatura da Paraíba como jornalista, ensaísta, cronista e crítico literário. Havia ganhado o Prêmio Esso de Jornalismo, a mais importante premiação da Imprensa brasileira daquela época, e mantinha crônica diária na página de Opinião do jornal ao lado de outras figuras estelares como Virgínius da Gama e Melo, Genésio de Sousa, Gonzaga Rodrigues, Natanael Alves, Barreto Neto e Francisco Pereira Nóbrega.

“Alto, com mais de um metro e oitenta, corpo de atleta, bonito, bem nascido e bem criado, tinha tudo para ser um cara arrogante, chato e prepotente. Daí a minha surpresa quando ele foi apresentado a mim, um ‘foca’ recém chegado do Rio de Janeiro, e deu as boas vindas ‘ao menino de Abelardo’. Me tratou com carinho e intimidade como se já me conhecesse antes mesmo do meu nascimento”, relembra Abelardo em crônica publicada no jornal *Correio da Paraíba*.

E continua o depoimento: “Na redação, via-o passar sob o olhar de admiração dos homens e de cobiça das mulheres. O seu talento era uma unanimidade. Luiz Augusto da Franca Crispim era um nome que impunha respeito e reverência. Conquistava pela simplicidade. Apaixonava pela sensibilidade. Seduzia pelo caráter e pela força de sua personalidade íntegra, solidária e generosa”, arremata.



Luiz Augusto Crispim
Filho e sua irmã
Teresa Elizabeth
cuidam da preservação
da memória do pai

UM MEMORIAL PARA CRISPIM

A família decidiu manter viva para as novas gerações a memória de Luiz Augusto Crispim e criou em agosto deste ano um memorial em homenagem ao autor de *A dama da tarde*.

O memorial fica localizado na confluência das avenidas Maximiano Figueiredo e Pedro II, em João Pessoa. A ideia, conforme Crispim Filho, é transformar o memorial em um instituto. O memorial está localizado no primeiro escritório de advocacia que Luiz Augusto Crispim montou, há 30 anos, inclusive com alguns móveis da época, como o birô em que ele trabalhava, herdado de seu avô.

Entre o material que está disponível no memorial, livros publicados por Crispim, prêmios, homenagens que a ele foram feitas, inúmeras crônicas que lhe foram dedicadas, uma carta de Carlos Drummond de Andrade escrita à mão e dirigida a ele. Também fotografias registrando sua participação em governos, com presidentes da República, com intelectuais, o prêmio Esso de Jornalismo, inúmeros certificados, medalhas, peças pessoais, como relógios que usava, canetas, material esportivo, raquetes de tênis, chapéus que ele colecionava em Gravatá, a paixão pelo bom vinho, muitas peças interessantes.

Parte de sua biblioteca, alguns escritos inéditos, rascunhos, inúmeros, blocos onde ele rascunhava algumas obras, os livros escritos ainda no início para prova da gráfica. “É apenas uma pequena parte do enorme acervo dele. O espaço é pequeno, mas é emblemático porque lá começou sua vida como advogado e eu tentei retratar o escritório como ele era antigamente. Ficou bem interessante. Mas a ideia é crescer como instituto e atuar na promoção da cultura e em questões sociais, assim como ele gostaria de fazer”, explica Crispim Filho.

◆ Quem foi Crispim



Crispim participou de várias atividades jornalístico-culturais organizadas pelo jornal A União

Luiz Augusto da Franca Crispim nasceu em João Pessoa, em 23 de agosto de 1945 e faleceu em 6 de dezembro de 2008. Era advogado, escritor e jornalista. Filho de Napoleão Crispim e Maria Tereza da Franca Crispim, era casado com Adília Espínola da Franca Crispim, com quem teve dois filhos, Teresa Elizabeth e Luiz Augusto Filho. Graduou-se em Direito pela Universidade Federal da Paraíba e era mestre em Ciências Jurídicas e Sociais.

Exerceu as seguintes funções públicas: assistente administrativo da Secretaria das Finanças do Estado; assessor especial da Secretaria da Indústria e Comércio; diretor presidente da Paraíba Turismo (PBTUR); presidente da Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc); secretário estadual de Comunicação Social; secretário estadual de Cultura, Esportes e Turismo; professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), lecionando as disciplinas Teoria da Opinião e Introdução ao Ensino do Direito, na Faculdade de Direito; ocupou o cargo de procurador geral da Prefeitura Municipal de João Pessoa.

Prêmios recebidos: Menção Honrosa do Concurso de Monografias da Universidade Federal da Paraíba sobre a obra de Euclides da Cunha, 1968; Menção

Honrosa da Fundação Cultural “Manuel Bandeira”, de Campina Grande, por serviços prestados à cultura paraibana, 1973; Prêmio Esso de Jornalismo Regional pelo trabalho de incentivo para uma Economia de Cordel, 1975.

Era membro da Academia Paraibana de Letras, da qual foi presidente por dois mandatos consecutivos; da Associação Paraibana de Imprensa, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Paraíba, da Associação Cultural Franco-Brasileira e do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano.

Livros lançados: *Por uma estética do real*, ensaio; *O arco e a fonte*, crônicas; *Os anéis da serpente*, romance; *A expiação de Orfeu*, **A União**, 1981; *Poemas da estação*, **A União**, 1981; *Os pecados da tarde*, poemas, **A União**, 1984; *As artes da paixão*, crônicas, **A União**, 1985; *Os delitos da glória* (Coleção Literatura Viva), SEC/APL, 1985; *Estudos preliminares de Direito* (Introdução ao Estudo do Direito), São Paulo, Ed. Saraiva, 1997; *A dama da tarde*, crônicas, Gráfica Santa Marta, 2001. ✦



Como secretário, Crispim era sempre requisitado para eventos relacionados à comunicação social e publicidade



Crispim presidiu a Academia Paraibana de Letras (APL) por dois mandatos consecutivos

FOTOS: INTERNET



A evolução do pensamento e do estilo de Epitácio Pessoa foi tema de um ensaio...

Neide Medeiros Santos
Especial para o *Correio das Artes*

E

m 1965, no centenário de nascimento de Epitácio Pessoa, o diretor da Faculdade de Ciências Econômicas de Campina Grande, professor José Paulino da Costa Filho, convidou o escritor e crítico literário Virginius da Gama e Melo para proferir uma palestra naquela instituição alusiva a Epitácio Pessoa.

A palestra depois foi publicada em forma de plaqueta com o título "Atualidade de Epitácio Pessoa" (Campina Grande: Faculdade de Ciências Econômicas, 1965) e distribuída com alguns professores. Posterior-

EPITÁCIO PESSOA

E VIRGINIUS DA GAMA E MELO: **razões de um estilo**

mente este texto foi incluído no livro de ensaios "Virginius da Gama e Melo – O Romance Nordestino e Outros Ensaios" (João Pessoa: Editora Universitária, 1980). Houve alteração no título que ficou mais abrangente – "Epitácio Pessoa: Um Homem da Paraíba para o Mundo".

Nesse erudito trabalho, Virginius destaca a evolução do pensamento e do estilo de Epitácio Pessoa desde os seus primeiros discursos na Câmara dos Deputados até os pareceres, mensagens presidenciais, despachos, cartas. Tudo foi lido e analisado sob o olhar arguto de quem sabia onde encontrar aspectos semânticos e estilísticos ainda não revelados.

Na análise feita pelo crítico paraibano, ele afirma que Epitácio Pessoa era o homem dos "discursos escritos, refletidos e meditados"; no entanto, por razões de talento, era um "magnífico improvisador". E frisa que, tanto no texto escrito como no de improviso, a precisão e a clareza tinham a "mesma longa e profunda beleza".

O primeiro discurso pronunciado por Epitácio Pessoa na Câmara dos Deputados, aos 27 anos, foi a favor da igualdade

da representação dos deputados para os Estados da Federação, evitando, assim, privilégio para os grandes Estados. Nesse sentido, já aflorava o espírito renovador e justiceiro do deputado paraibano.

Nos anos iniciais de atuação na vida pública, Epitácio Pessoa estava intimamente ligado ao es- ▶



... do escritor, professor e crítico literário Virginius da Gama e Melo

▶ pírito da Faculdade de Direito do Recife, não faltando a lembrança dos grandes nomes que passaram por lá, como o talentoso Tobias Barreto, Castro Alves, uma das suas admirações poéticas, o heróico Maciel Pinheiro e o legendário Joaquim Nabuco.

A respeito da “vetusta instituição”, externou, em um dos seus discursos, que guardava da antiga Faculdade as mais formosas lições de patriotismo, fora lá onde formara seu espírito e aprendera o amor à justiça. E adianta Virginius que lá aprendera, também, ao lado de Clóvis Beviláqua, “a impregnar sua atividade literária, principalmente a oratória, de um autêntico sabor condoreiro.”

Quanto ao estilo dos seus discursos, nesses primeiros períodos, “não era um econômico de adjetivos e advérbios, mas já se observava certa tendência para o dizer exato e direto”. Pouco a pouco, elimina o “enfático verbal” em benefício da “ênfase imagética” e se despoja de artifícios, não buscava “a muleta dos adjetivos ou dos advérbios, até a muleta das citações.”

Referindo-se, mais uma vez, ao estilo oratório de Epitácio Pessoa, Virginius observa que era um “visualizador, antes de tudo, partindo das linhas, dos volumes, das formas, das massas, do pincelamento geral das cenas para o convencimento que se fará mais pela imagem que pela palavra.”

Frisa, ainda, o crítico que, nos comícios, quando se dirigia ao povo e precisava se utilizar da veemência para comover o público era levado ao exagero e a grandiloquência. Se a oratória era de combate, seu estilo era menos feliz; quando a palavra discorria serena brilhava a clareza, o bom senso e o espírito clássico.

Virginius apresenta-nos um excerto de um discurso pronunciado por Epitácio Pessoa em 1919, na época em que era Presidente da República, sobre a seca do Nordeste, um texto digno de figurar em qualquer antologia. Esse discurso guarda muitas afinidades com uma página literária do romance de José Américo de Almeida – “A Bagaceira”.

Segue-se o excerto apresentado por Virginius e um trecho do romance “A Bagaceira” para que o leitor compare e detecte as afinidades estilísticas:

Ide e vede, por fim, a fileira infinita dos que ainda podem arrastar-se, andrajosos e esqueléticos, a face descomposta, o olhar desvairado, sem forças mais para carregarem os pequeninos, sem gota de leite para lhes calar o choro triste, enfraquecido e compungente, com o estômago torturado, a contorcer-se na agonia da fome, a garganta em fogo a queimar-se no desespero da sede, a alma espedaçada, o coração confrangido de luto, de desolação e de dor... ide e dizei-me, depois, se estou ou não redimindo um crime da Nação.

(Epitácio Pessoa)

Era o êxodo da seca de 1898. Uma ressurreição de cemitérios antigos - esqueletos redivivos, com o aspecto terroso e o fedor das covas podres.

Os fantasmas estropiados como que iam dançando, de tão trôpegos e trêmulos, num passo arrastado de quem leva as pernas, em vez de ser levado por elas.

Andavam devagar, olhando para trás, como quem quer voltar. Não tinham pressa em chegar, porque não sabiam aonde iam. Expulsos do seu paraíso por espadas de fogo, iam, ao acaso, em descaminhos, no arrastão dos maus fados.

Fugiam do sol e o sol guiava-os nesse forçado nomadismo.

Adelgaçados na magreira cômica, cresciam, como se o vento os levantasse. E os braços afinados desciam-lhes aos joelhos, de mãos abanando.

Vinham escoteiros. Menos os hidróticos - doentes da alimentação tóxica - com os fardos das barrigas alarmantes.

Não tinham sexo, nem idade, nem condição nenhuma. Eram os retirantes. Nada mais.

(José Américo de Almeida. A Bagaceira. Os Salvados).

Epitácio, no seu texto sobre a seca do Nordeste, é mais preciso, mais direto, apelativo. José Américo, no romance “A Bagaceira”, é mais literário, mais metafórico, porém a descrição que os dois fazem da seca é essencialmente visual. Poderíamos fazer uma associação entre essas duas pági-

nas literárias e o quadro de Portinari – “Os Retirantes” (1944). As imagens criadas por Epitácio (1919) e José Américo (1928) estão muito bem representadas no quadro de Portinari. É a literatura e a pintura que “amorosamente se enlaçam / formando um terceiro tom”. “Os Retirantes” se encontra no Museu de Arte de São Paulo (MASP).

Nos discursos, o crítico nos chama a atenção para o diminuto número de citações literárias. O Presidente privava da intimidade dos juristas, dos lógicos, do convívio dos artistas, dos homens de sensibilidade. Quando parodiava Eça de Queirós, era para indicar a verdade “sem a roupagem da fantasia”.

Raríssimas vezes, o político/orador foi hiperbólico, nunca um metafórico extremado, isso só ocorria, quando procurava a comoção nacional. Quando seu pensamento pretendia a pura convicção, sua linguagem adquiria a “fluência contínua, clara inequívoca, direta”.

Era um autor de textos enxutos, com ideias claras e precisas, isso se evidenciava tanto nos textos escritos como nos discursos de improviso. As razões do seu estilo repousam nos ensinamentos recebidos no Ginásio Pernambucano e na Faculdade de Direito do Recife. Ali ele aprendeu a discursar, a ser um verdadeiro tribuno. Seus mestres souberam incutir no menino e no jovem o amor ao estudo e às ciências jurídicas.

Estava sempre votado para o futuro, via o que os outros não viam, e deixou uma mensagem que era válida para as gerações de ontem, é válida para as gerações de hoje e será válida também para as gerações do amanhã:

Não sou dos que deixam de plantar, por não ter tempo de colher os frutos.

(Epitácio Pessoa) ✶

Neide Medeiros Santos é ensaísta e escritora. É autora do livro *Epitácio Pessoa em Quadrinhos* (Editora Patmos). Mora em João Pessoa (PB)

Alceu, um crítico criador



Para uns, a crítica literária é apenas uma serventia da criação, na medida em que sua destinação central consistiria, segundo T. S. Eliot, no esclarecimento e na compreensão das obras literárias, sobretudo em suas dimensões estéticas. Para outros, no entanto, além de atividade ancilar dos investimentos criativos, a crítica é também criação ou recriação das esferas expressivas contidas no corpo das obras.

No segundo caso, por exemplo, sem abdicar do rastreamento analítico, dos percursos exegeticos e dos riscos judicativos, a partir de critérios mais ou menos objetivos e alicerçados em teorias estéticas, o crítico não descarta os filtros da imaginação, da sensibilidade, da intuição no que concerne aos apelos temáticos e ideológicos dos discursos poéticos e ficcionais, ao mesmo tempo em que demonstra especial cuidado com os artefatos da linguagem e do estilo.

Por isto mesmo, certos críticos literários respondem pelo valor de sua contribuição não somente no que tange ao entendimento e à interpretação das obras sobre as quais se debruçam, descortinando-lhes, assim, os aspectos relevantes e essenciais, mas também pela capacidade formal que

revelam no trato com a palavra e com o ritmo da frase, seja em sua cadência melódica, seja em seu território imagético. Neste sentido, vale tanto o que dizem como a maneira como dizem, o que tende a transformar, consequentemente, a crítica em criação.

Agripino Grieco, Mário de Andrade, Brito Broca, Otto Maria Carpeaux, Augusto Meyer, Antonio Candido, Álvaro Lins, Sérgio Milliet, Oswaldino Marques, José Guilherme Merquior, Alfredo Bosi, David Arrigucci Jr., João Alexandre Barbosa e Alceu Amoroso Lima (o Tristão de Athayde), entre tantos outros, me parecem representantes típicos dessa vertente. Em todos eles, embora sem a exigência radical de correspondência entre matéria e forma, indispensável à linguagem poética, o pensamento e a expressão se mantêm em ativo e rigoroso equilíbrio.

Há, não obstante, no caso de Alceu Amoroso Lima, quem não concorde, de todo, com tal proposição. Antonio Carlos Villaça, por exemplo, em *Estudo crítico* que lhe dedica, no volume 112 da Coleção Nossos Clássicos, da editora Agir, pondera a certa altura:

Curioso, esse grande escritor, esse crítico, esse admirável ensaísta, que ▶



FOTOS: INTERNET

O crítico literário Alceu Amoroso Lima (1893-1983) tornou-se conhecido também pelo pseudônimo de Tristão de Ataíde



Da esquerda para a direita, Alfredo Bosi, Alceu Amoroso Lima, Araripe Junior e Sílvio Romero

► *escreveu regularmente durante mais de sessenta anos, não tinha o gosto da frase, o gosto do estilo, diria até que não tinha o domínio da própria frase. Não dava grande importância ao estilo, ou à pura beleza formal. Era muito mais um escritor de temas e problemas do que de técnicas ou de estilo,*

conquanto, como ele mesmo lembra, fossem seus formadores estilistas da estirpe de Machado de Assis, Eça de Queiroz e Anatole France. E ainda que reconheça o brilho singular dos seus textos evocativos, a exemplo das elegias, dos adeuses, das reminiscências e das páginas de saudade, “como escritor literário”, insiste, “não dava muita importância a estilo”.

É fácil contestar Antonio Carlos Villaça. Basta citar inúmeras passagens, colhidas ao acaso, dos perfis que compõem o livro *Companheiros de viagem* (o de Afrânio Peixoto à beira da morte, sobretudo), tópicos de seus discursos acadêmicos, páginas memoráveis, como a “Elegia de Saint German de Prés”, de “adeus à disponibilidade e outros adeuses”, aliás referidas pelo próprio Villaça.

Esses textos, me parecem, transbordam dos limites da crítica propriamente dita, incidindo muito mais sobre as instâncias da subjetividade, do calor das emoções, do confronto das ideias e dos impactos inesperados que a vida, em seus designios imponderáveis, sempre nos oferta. Vou dar um só exemplo, extraído do perfil de Afrânio Peixoto, logo

após o escritor baiano receber a extrema unção:

Apenas pronunciadas as palavras do rito sagrado, movem-se lentamente as duas mãos descarnadas e roxas, até então imóvel ao longo do esqueleto, e vão aos poucos se unindo sobre o peito, como as mãos que ele unira sessenta anos antes, na manhã de sua primeira comunhão sertaneja. O arco da vida se fecha harmoniosamente, como se todas as curvas e aventuras encontrassem enfim sua razão de ser na volta à casa paterna. As mãos cruzadas sobre o peito se antecipam voluntariamente ao gesto passivo dos defuntos e voltam simbolicamente à aurora da adolescência. O justo abraça o pecador e juntos seguem, de mãos dadas, seu destino único e final.

Ora, este mesmo requinte da frase atenta às virtualidades do idioma também não é incomum nos textos mais objetivos da crítica de obras e autores. A série, em cinco volumes, de seus “Estudos”, contém as mais variadas amostras de discurso crítico que também é discurso criador. Na quarta série, por exemplo, discorrendo acerca da autobiografia de Rodrigo Octávio, intitulada “Coração aberto”, assinala, em certo momento:

Todo esse final do livro é comovente como um crepúsculo. Nada iguala na natureza a doçura e a emoção do crepúsculo. A viração mais branda parece ter medo de quebrar o silêncio, de perturbar o repouso das folhas. E

a luz, que se esvai lentamente, parece fundir no sono que se aproxima tudo aquilo que o dia fizera viver ardente e dividido. A noite que brota do chão, como uma fonte de sombras, não é apenas o repouso, é também a chave do mistério do dia, e tudo que foi rude, e áspero, e árduo de levar avante, como que se transfigura nessa esperança da sombra e do sono, que vêm trazer o silêncio, a frescura e o esquecimento.

A esta prova de que a crítica pode ser criação, dentro do expressionismo crítico de Alceu Amoroso Lima, juntem-se peças outras de sua vasta produção que o tornam referência obrigatória para todos aqueles que amam a literatura. Dentre estas peças, destaque, pela singularidade, argúcia e originalidade do ensaísmo crítico, aquelas que escreveu sobre Pirandello, Marcel Proust, José de Alencar, Augusto Frederico Schmidt, José Américo de Almeida, Mário de Andrade e tantos outros. ❖

Hildeberto Barbosa Filho é poeta, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)

Lau Siqueira

Poesia é escola. Como a vida

Linaldo Guedes
linaldo.guedes@gmail.com

Nascido em Jaguarão, no Rio Grande do Sul, Lau Siqueira está radicado há muito tempo na Paraíba, onde construiu uma sólida carreira literária, com repercussão positiva em todo o país. Este mês de setembro, lançou seu sexto livro de poemas, *Livro arbítrio* (Editora Casa Verde, Rio Grande do Sul) em várias cidades do país, como João Pessoa, Porto Alegre, Olinda e Campina Grande.

Apesar de estar há tanto tempo em João Pessoa, Lau Siqueira não se esquece do sul. Ele ainda mantém alguns hábitos gaúchos, mesmo morando na Paraíba. Como tomar chimarrão, o principal deles. Ou ouvir Vitor Ramiel, para ele, “um compositor tão importante quanto Caetano Veloso, Chico César e outros tantos”. Ou, ainda, fazer um arroz carreteiro ou um arroz de puta pobre. Mas, “oxente, seu menino”, incorporou também alguns hábitos nordestinos. “A linguagem cotidiana, espontânea e alegre do Nordeste me absorve por inteiro. O ritmo do cordel no aprendizado de ler poesia. Comer cuscuz com ovo, bode ou mocotó, graviola, jaca, caju, coco, tapioca, ouvir forró, dançar ciranda... Tirar onda dos amigos. O bom humor nordestino me cativa”, confidencia.

Bom humor que parece ser a tônica desse autor que se descobriu poeta ainda menino. “Acho que eu tinha uns 11 anos. Mas, concordo com Mário Quintana: acho que a gente nasce poeta, assim como algumas pessoas nascem de olhos verdes ou azuis. Comecei imitando o personagem do livro *Os sonhos de José*, de Sérgio Antônio Raupp e nunca mais parei. Na verdade, me descubro poeta todo dia”, revela. ▶

► A poesia, para Lau Siqueira, é um tudo muito nada. “É um imenso céu desconhecido e o poema uma nave perdida, tentando encontrar o que, por não existir, já está ali. É o voo antes do pássaro. É perder o medo do ridículo e, sobretudo, uma procura permanente, selvagem, terna, utópica... A poesia é a própria procura da poesia, como dizia Quintana”, conceitua.

Livro arbitrio é o sexto livro do poeta. Antes, tinha publicado *Comício das veias*, em 1993, dividindo o espaço com Joana Belarmino, que publicou seus contos. “Foi uma atitude um tanto aventureira nossa. No meu caso, sequer fiz uma seleção dos poemas. Apenas reuni alguns que estavam numa gaveta - devidamente datilografados - e enviei para a Editora Ideia junto com os contos de Joana. Para minha surpresa o livro repercutiu bem”, conta.

Até então, explica, não tinha muita expectativa de publicar nada formalmente. “Achava tudo careta demais e estava muito mais preocupado em ser leitor, embora escrevesse muito. Me bastava escrever poemas e publicar nas formas mais alternativas possíveis. De lá para cá acho que mudou muita coisa e ao mesmo tempo não mudou nada. Há uma linha condutora entre as coisas que permanecem e as coisas que mudaram. Por exemplo, procuro manter uma certa carga libertária na construção do poema. Acho que isso permanece. De lá para cá tem uma trajetória que passa por algum experimentalismo em *O guardador de sorrisos* (1998), uma certa pisada neobarroca em *Sem meias palavras* (2002). Todavia, nos demais acho que fui me tornando mais lírico. Radicalmente lírico às vezes”, confessa.

O GOSTO POÉTICO DE VOLTAR AO SUL

Livro arbitrio sai pela Editora Casa Verde, do Rio Grande do Sul. *Poesia sem pele*, em 2011, também foi publicação da Casa Verde. “Quis sentir o gosto de voltar, poeticamente, ao sul onde nasci e escrevi meus primeiros poemas. Eu já andava participando de alguns projetos por lá, como o Porto Poesia, o Cidade Poema, a Feira do Livro de Porto Alegre. Agora a relação com a editora já é uma afirmação. Gostei do resultado final na primeira experiência. O livro, surpreendentemente, foi finalista no prêmio Livro do Ano, da Associação Gaúcha de Escritores. Mesmo sem eu ser um

dos sócios. Gostei do profissionalismo e dos cuidados da editora, dos formatos alternativos. Houve uma inegável empatia com Laís Chaffe, escritora, jornalista, produtora, editora e hoje minha amiga querida. Ou seja: as vantagens são imensas pra quem faz da poesia o respiradouro neste mundo de prosas e boleros”, comenta.

A poesia de Lau Siqueira já foi classificada de inventiva (ainda é), tanto que foi incluída na antologia *Na virada do século - Poesia de invenção no Brasil*, organizada pelos poetas Frederico Barbosa e Cláudio Daniel, para a Landy Editora. Lau garante que nunca teve nenhuma preocupação com essas definições. “Eu tinha e tenho noção do conceito construído por Pound, mas nunca me preocupei em fazer poesia isso ou poesia aquilo. Na verdade, a antologia foi um recorte feito por Fred e Cláudio do que estava sendo produzido na virada do século XX para o XXI, pelos poetas que andaram bebendo nas fontes das vanguardas europeias do final do século XIX, do Modernismo, da Poesia Concreta. Foi um recorte estético, ético e histórico. Representou o reconhecimento de uma poesia mais transgressora, avessa aos incensamentos insensatos. Na época fui reconhecido como neobarroco, também. Tinha até uma comunidade no Orkut me colocando como referência neobarroca no país. Consciente disso, despreocupado com o rótulo, virei a mesa e meu quarto livro (*Texto sentido*) já veio mais lírico, mais musical. Não acho que nós, poetas, devamos nos preocupar com os rótulos. Melhor, com a forma da garrafa onde colocamos nossos poemas. Como um naufrago que coloca um bilhete de esperanças e joga a garrafa ao mar, para comunicar ao desconhecido e às suas próprias impossibilidades que o pulso ainda pulsa”, disserta.

Lau Siqueira diz que um poema que lhe marcou muito foi “Tabacaria”, do Fernando Pessoa. “É o máximo do máximo. Sou apaixonado por toda a obra de Pessoa. Também acho que a obra de Maikovski me marcou muito. Augusto de Campos, Augusto dos Anjos, Drummond, Leminski, Bandeira, Ezra Pound, Brossa, Dylan Thomas... Uma infinidade de poetas imensos”, enumera.

INCOMPATIBILIDADE DE GÊNIOS ENTRE MERCADO E POESIA

Depois de seis livros, Lau Siqueira entende que hoje o grande

entrave para a divulgação da poesia contemporânea não é necessariamente o mercado editorial. Para ele, o mercado editorial é uma ilha transnacional, concentrada, lucrativa e imbecilizada. “Acho que a poesia contemporânea está construindo seus próprios canais de difusão e se espalhando como pode. Há uma incompatibilidade total entre o mercado editorial e a poesia. Ainda bem, porque senão o bispo Edir Macedo vai acabar virando poeta. A poesia corre no paralelo e já está muito na frente. O mercado editorial gordo e rico apodreceu na raiz. A resistência editorial, no entanto, existe: os Novos Escribas, a Casa Verde e a Patuá são apenas alguns exemplos”, cita.

Mas nem só de poesia vive o homem. E Lau Siqueira, além de poeta, é gestor cultural, sendo atualmente o secretário de Cultura da Paraíba. Em relação aos investimentos da sua pasta, no sentido de valorizar a literatura, destaca que ter caminhado junto com o Sistema Estadual de Bibliotecas e com inúmeros e inúmeras militantes do livro, na construção do Plano Estadual do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas, é o ato mais marcante. “O Plano é uma política pública estruturante. Precisamos aproximar o melhor da literatura paraibana contemporânea da juventude, e das crianças, principalmente. Fortalecer a cadeia produtiva, formando leitores, é o melhor passo que se pode dar em direção ao reconhecimento dessa literatura no estado, no país e até no exterior”, justifica.

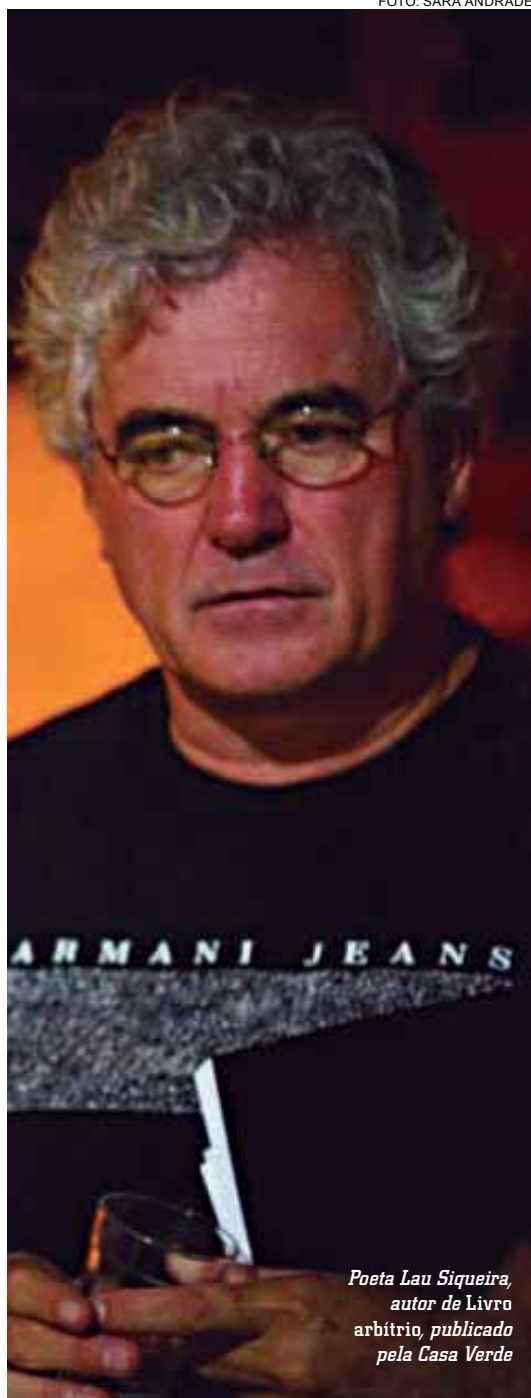
Diante da pergunta inevitável de como conciliar a poesia e a gestão cultural, responde: “Não consegui. A poesia sempre vence. Ainda bem”. E qual conselho ou recado daria aos jovens poetas que começam a engatinhar no mundo da literatura?: “Saíam do chão. Aí não é lugar de voar”. Pois é, voar é com Lau Siqueira, mesmo. Um poeta que define sua poesia com apenas uma palavra: “Aprendizado”. ❖

Linaldo Guedes é poeta e jornalista, autor, entre outros, dos livros *Os zumbis também escutam blues e outros poemas* (1998), *Intervalo lírico* (2005), *Metáforas para um duelo no sertão* (2012) e *Receitas de como se tornar um bom escritor* (2015). Mora em João Pessoa (PB)

O círculo, a curva e a elipse



FOTO: SARA ANDRADE



Poeta Lau Siqueira,
autor de Livro
arbitrio, publicado
pela Casa Verde

No silêncio de seus versos, na calmaria de sua poesia, Lau Siqueira vem dando nova feição à cena brasileira hoje. Ele atua de soslaio, na contracorrente da onda que morre na praia. Como quem nada quer – e tudo faz – está redimensionando nossa poesia a partir de temas cotidianos e prazerosos – quer seja: mundanos. E um jeito de corpo com a palavra que a desnuda e obscurece ao mesmo tempo. Cria uma linguagem da vida nua e crua. Sem pele. Pano sobre a carne. Que explode em epifanias e alumbramentos.

Em *Livro arbitrio* (Porto Alegre: Ed. Casa Verde, 2015), desde o título Lau Siqueira sinaliza para duas linhas principais de sua poesia neste volume: o uso de trocadilhos e a liberdade de experimentar. E experimenta a linguagem partindo tanto de novas como de tradicionais formas poéticas. E toma a vida sob

um outro olhar – o de quem está dentro mas sabe viver fora. Daqule que habita aqui, mas respira mais além. Por isto anuncia: “viver é voar / até sumir”.

Opera sempre com a leveza de quem não tem pressa. De quem se move na companhia de poetas consagrados, ao mesmo tempo que está inserido no tutano da produção de nossa poética contemporânea.

Ao fazer uso dos trocadilhos, um dos recursos que remontam à Antiguidade Clássica, Lau ratifica uma das colunas dorsais de toda sua poética até agora: lançar os dados das palavras, sons e ideias, numa ciranda de eterno retorno. E de eterna busca em espiral.

A imagem do círculo e a da curva em espiral, associadas à da elipse, compõem a trindade geométrica de sua dicção. Condensada. Singular. Significativa.

Ele recicla os trocadilhos com fina inventividade. Desinstala o ▶

▶ leitor e revitaliza o poema através da desestruturação das percepções usuais.

Eis uma das delícias de sua poesia: a iluminação, da qual vislumbramos um tisco. E, no entanto, nos possui em plenitude.

Quando experimenta a partir de formas fixas – como o soneto, o haicai – e quando lança mão do poema longo, como fizera anteriormente apenas em *Texto sentido* (2007), o poeta embrenha-se numa *selva selvaaggia* traiçoeira: revolver os modelos consagrados – ou o jeito engessado –, e embrenhar-se num modo que ainda não explorara.

Ao visitar tais formas, o poeta maravilha o leitor com a beleza do amor dentro da saudade. Tomemos seu soneto. Predominantemente decassílabo, o poeta desafina o ramerrão da escansão ao inserir versos octossilábicos e um alexandrino. Assola (no sentido de invadir e pôr a descoberto) a forma tradicional, tornando-a mais próxima do texto poético: a “escala geométrica” trinca-se em “portas incertas”, já que, pontua o eu lírico: “não tenho sensações que possam / medir este jeito esquisito”.

É assim que o poema comenta, isomorficamente, o que diz. Ou seja: a forma e o fundo estão em interação recíproca e verticalizada. O que se afirma é ratificado pelo modo como é feito. As quebras de expectativas (da vida) associam-se às quebras (das formas) do soneto. Na mesma esteira, acreditamos, o poema intitulado “Nervos devassos” re-incorpora/remete/recicla o título (e o tema) da canção “Nervos de aço”, do amoroso imprescindível: Lupicínio Rodrigues.

Ao lançar mão de outra forma fixa, a dos haicais, que a modéstia do poeta nomeia “tercetos”, os jogos verbo-visuais e sonoros incorporam, à perfeição, a síntese temática e tropicalizada deste jeito oriental de fazer poesia. A homenagem a Alice Ruiz revisita e lança nova luz sobre a rica produção desta poeta.

Ao nos referirmos a Alice Ruiz,



Alice Ruiz é poeta e haikaista

lembramo-nos dos versos “quando eu tiver setenta anos / então vai acabar esta adolescência...”, de Paulo Leminski. E no poema “Black bloc”, de Lau Siqueira, a voz que fala, fala do mesmo megafone do polaco-curitibano:

*rebeldia
não tem idade
aos vinte
joguei pedra
na lua*

*aos cinquenta
desafio a lei
da gravidade*

O mestre foi revisitado no protesto, na malandragem, no amor. Em golfadas de grafite certo.

Nos outros poemas curtos o trocadilho vem associado, não raro, ao chiste. Aquele do riso entre lábios e que satisfaz até a alma. Em “Filosofree”, que abre o volume, já se vislumbra seu projeto:

*dialogar
com o vento*

*mesmo
sem ar*

eu tento

O eu lírico é aquele que busca aos quatro cantos a leveza e a oxigenação dos ambientes. A vida sem amarras e sem limites. Ele quer tudo leve e ventilado. Daí, “dialogAR” “mesmo sem AR”. Poetizar nos atos de inspirAR e expirAR.

Nos poemas discursivos, que se caracterizam pela modalidade logopaica da linguagem – quer seja, pela exposição de ideias, procedimento caro ao barroco, ao neoclassicismo, ao romantismo, por exemplo – Lau não teme bater de frente numa fronteira delicada: a do didatismo, primo-irmão da poesia panfletária. Tal como fez ao valer-se dos trocadilhos, aqui também ele dá asas às ideias, sem trincar o cristal do poema.

Estes poemas longos vêm marcados, via de regra, pela memória familiar – tinta de dor. O sofrimento, no entanto, não imobiliza. Antes: impulsiona as asas do voo “em busca da melhor / ventania”. E o vento, dentro do poema, mimetiza-se no corte sintático que desloca o objeto direto para voar sozinho no penúltimo verso de “Cerro da pólvora”. Vale conferir. Objeto identificado. Mas inusitado. ▶

- › Em “Silêncio (em memória da minha mana, Léia Siqueira)”, a dor imiscui-se no ritmo drummondiano e “engasga / num desaguadouro / de lágrima contida”. Não há vazão. Há retenção. O poeta abisma-se na perda da própria irmã. O que dizer diante do inexprimível? Expressar-se. Parcimoniosamente:

*hoje o dia amanheceu
no aeroporto viracopos*

*os próximos voos
são anunciados mas
não há um único riso
ou cansaço alheio que
me distraia*

*caminho em direção
ao doloroso sol que
me espera*

*paciente diante das
multições apressadas
e das formulações
do espelho nos cacos
da memória*

*a vida também é isso:
dia que não amanhece
noite sem estrelas...*

*e tudo é tão perto
tão dentro tão derme
que a garganta engasga
num desaguadouro
de lágrima contida*

Em “Silhuetas do hábito” a dor atravessa o mundo “em pelo. No lombo redomão”. A vida segue ao arrepio da memória infantil. Dentro dos pampas. No galope dos cavalos indomáveis:

O tempo é o nosso bem mais precioso.

*Depois do tempo, acho que é o vento
ou as estrelas. Quem sabe as nuvens
ou os pássaros...*

*(na verdade
não os pássaros
mas o específico dom de voar)*

*Todavia o tempo que falo não é aquele
de dobrar a esquina e nunca mais voltar.*

Porque é um estar junto.

Sempre...

*Eternamente é o mesmo lugar
em paisagens distintas.*

*O que vem junto com nossos
passos.*

(É assim que atravessamos o mundo.)

*Em pelo. No lombo redomão que não
se entrega às horas que passamos, minutos
que fazem carreira no relógio do absurdo...*

E tudo é só um surto!

Eis, sucintamente, dois (dentre outros) modos poéticos deste livro pleno de miríades & de filigranas – que se oferece como requintada e nobre ourivesaria.

Lau é o feliz proprietário de uma poesia que toma-nos de baixo ao alto – de assalto. Reverte nossa percepção. Põe-na chão abaixo. Toma posse de nós. E, por fim, depois da epifania, leva-nos ao alumbramento do cavalo de terreiro.

Domina a linguagem poética *per se*, bem como a emoção que tatua na pele do leitor. Sua linguagem é entretida na resistência à mesmice, à pasmeira, às facilidades de parte expressiva da poesia de hoje. Ela é expressão do ser, da coisa, do sentimento, do lugar, do amor, da reflexão.

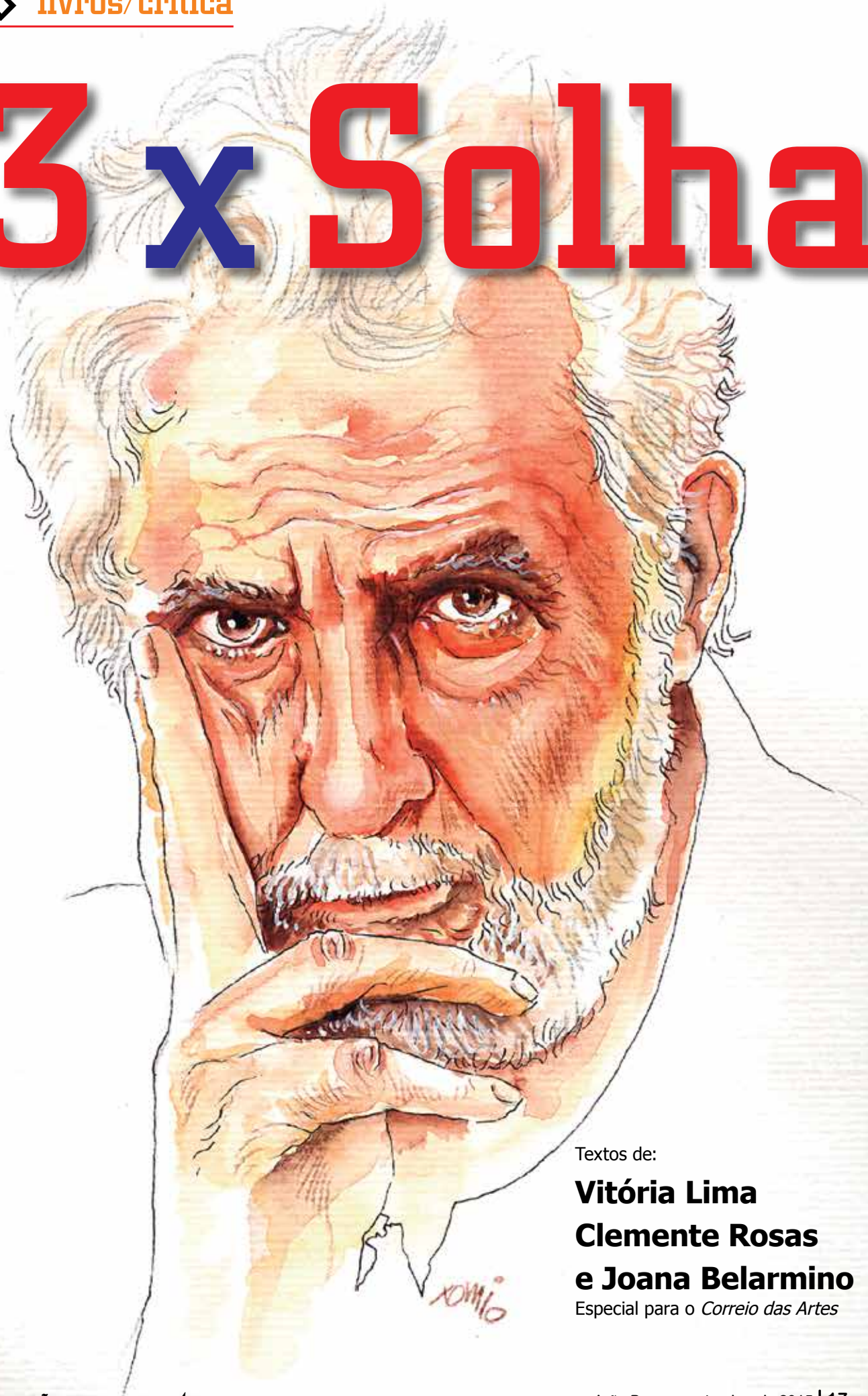
Este modo de tomar a palavra e (con)vertê-la em poesia – como se tudo ocorresse de forma natural, espontânea, impensada – é outra marca fundante do poeta.

Com sua escrita mansa, Lau desconstrói a sintaxe contaminada e contagiosa. Toma a língua submissa e domesticada, torcendo-lhe em raios e chuvas imprevistos. Tudo com a leveza e o entretenimento dos jogos brincantes de sons e sentidos. Sua poesia sabe fazer o leitor feliz.

Esta parece ser sua cartografia: mapear campos e espaços, domínios e fronteiras da palavra como compêndio de revolução, alumbramento, livre arbítrio – e *livro arbítrio*. ✦

Amador Ribeiro Neto é poeta,
crítico de literatura e professor da
Universidade Federal da Paraíba.
Mora em João Pessoa (PB)

3 x Solha



Textos de:

Vitória Lima
Clemente Rosas
e Joana Belarmino

Especial para o *Correio das Artes*

O ÚLTIMO POEMA DE W. J. SOLHA

Vitória Lima

Temos uma paixão em comum: William Shakespeare. Mas além desta há outras paixões que nos aproximam: a poesia, o teatro, a pintura, a música, o cinema...

Solha está com um livro novo na praça: *Deus e outros quarenta problemas*.

É poesia? É ensaio? É aí que começa o problema: como categorizar, enquadrar, definir a obra?

O professor Expedito Ferraz, no seu prefácio, do alto de sua autoridade de professor de Teoria Literária, tentou delimitá-lo, mas chegou à conclusão que sua característica principal está justamente na ausência de fronteiras, incorporando vários gêneros artísticos: o erudito, o popular, o regional, o universal, a arte clássica e a cultura de massa. O próprio Expedito chega à conclusão que o livro “é algo entre a poesia e o ensaio”, “ao mesmo tempo “memória, estética, história, teologia”. O que mais você quiser encontrar nele, encontra. Com a ajuda do Google você chega ao fim.

É um texto ambicioso, que inicia o poema número UM com uma modesta apresentação. (Modéstia só na aparência, pois quem escreve um texto desses não sofre dessa virtude cabotina que chamam de modéstia). E artista nunca é modesto. É preciso ter um ego bem estruturado, não temer as críticas e aceitar os elogios sem que nenhum dos dois lhe suba à cabeça. Só para isso o autor precisa de modéstia:

*Gênio, não tenho.
Me empenho.
Essas palavras me soam
como “Os morcegos não são aves
mas
voam”.*

Mas como continuar modesto depois de produzir obras de dimensões e profundidade épicas como as que tem produzido?

A citação acima, que serve de introito para o poema número UM, nos conduz re-

troativamente ao Canto primeiro de *Os Lusíadas*, quando Camões declara que

*Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.*

Embora admitindo que não tem gênio, (engenho) o nosso poeta se aventura pelo mar tempestuoso da literatura universal e vai bebendo-a pelas beiradas, incorporando tudo que encontra pelo caminho inverso que vai singrando.

Ora um verso de Shakespeare, ora um do nosso HBF, ele, que não bebe no Bar do Baiano, embriaga-se e nos embriaga a todos com as mil e umas cervejas que o amigo bebe... no Bar do Baiano, na companhia e em memória dos amigos que ali beberam com ele.

Shakespeare, Hamlet em especial, é onipresente em sua obra. Falo aqui, particularmente, na sua “Novela Brasileira”, *História Universal da Angústia*, Bertrand Brasil, (2005), 448 páginas, que incorpora Lucas, (sim, o evangelista), Édipo, Hamlet, (claro, Hamlet, o maior dos angustiados da literatura), além de outros personagens da literatura universal.

Universal também na pintura, pintou alguns murais, como o que está afixado no hall da reitoria da UFPB, onde estão retratados vários personagens shakespearianos. Nada mais apropriado para a sala de visitas de uma universidade.

Além desta obra muralística, Solha também tem outro mural afixado na entrada do Sindicato dos Bancários, em João Pessoa, onde figuram os grandes teóricos políticos do socialismo, tendo como figura central Karl Marx, o autor de *O capital*. Talvez um banco fosse local mais apropriado, templo que é do próprio capital. Mas o sindicato dos Bancários também o acolhe bem, para que os operários do capital não deixem de lembrar de sua função na sociedade. ▶

- ▶ Assim é W. J. Solha. Para ele, citando Caetano Veloso, “Muito é muito pouco”. Ele sempre é grande no que faz. Seja como autor, ator, pintor... mas é como poeta que se realiza. E deixa tudo de lado para se dedicar à poesia.

Voltando a *Deus*, prossegue sua viagem, só tomando fôlego entre um P(r)O(bl)EMA e outro, até chegar quase sem fôlego, ao quadragésimo, construindo, no percurso, rimas e analogias como as que se seguem:

Séculos, até *Os Dez Dias que Abalaram o Mundo...* de John Reed.

e

Reds,

No mesmo pique.

Quando Warren Beatty filma a vida do ianque bolchevique.
(Poema OITO) (grifo meu)

Rimas ora internas, ora externas e que se caracterizam, quase sempre pela estranheza, pelas estranhas associações que vai construindo ao longo do poema. Poesia não deve nos causar surpresas? Eis aqui um poema que nos surpreende a cada verso.

Dizer que é um poema metalinguístico é chover no molhado quando se fala de uma obra de W. J. Solha, seja ela poética, ou pictórica. Ele mesmo declara que

Newton disse ter visto mais longe e ... mais... do que antes/ por estar nos ombros de gigantes.

Quando escrevi sobre *Trigal com corvos* identifiquei a presença, a quase onipresença, de T. S. Eliot nesse poema de W. J. Solha. E neste de agora, esta presença também se manifesta em

*A vida é um rio
Que,
“pobre de mim!”,
“pobre de nós”,
Chega,
Inapelavelmente,
à foz. (Poema VINTE)*

A foz é o fim, ou o começo?

O que nos leva diretamente ao Eliot de *Four quartets*, particularmente de “Burnt Norton”, no qual, o poeta diz, o fim está no



W. J. Solha vem reunindo longos poemas em livros como Trigal com corvos, Marco do mundo, Esse é o homem e Deus e outros quarenta problemas

começo e o começo está no fim, um poema igualmente oceânico, melhor dizendo, fluvial, mas marcadamente lírico, o que não podemos dizer deste de W. J. Solha. E, convém lembrar do Eliot de “Tradition and the individual talent”, ensaio em que o poeta/dramaturgo, ensaísta, (também!), desenvolve a teoria da literatura comparada, quando diz que “nenhum artista, de nenhuma arte, é grande sozinho. Só é grande a partir da soma de todos os artistas que o antecederam”. Como cito de memória, talvez tenha sido um tantinho infiel ao pensamento eliotiano. Para mim, esta citação de Eliot explica e justifica plenamente o método de composição de W. J. Solha.

Também hesito em chama-lo de épico, a não ser que seja um épico da própria arte, de todos os gêneros artísticos que abraça ... “com suas armas e barões assinalados”. ✦

Vitória Lima é professora universitária aposentada, poeta e escreve sobre cinema e literatura em jornais, revistas e suplementos. Tem poemas reunidos na *Antologia Contemporânea da Poesia Paraibana* (1995) e publicou *Anos Bissexto* (1997) e *Fúcsia* (2007). Mora em João Pessoa (PB)

POETA NA PÁTRIA PARAIBANA!

Clemente Rosas

Romancista ao Norte! Foi com tal anúncio que, em 1927, Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Athayde, em artigo publicado na imprensa do Rio, chamou a atenção para o então obscuro José Américo de Almeida, que acabava de publicar, modestamente, o seu romance *A bagaceira*. Embora consciente da desproporção, atrevo-me a imitá-lo, para alertar o distinto público sobre o último livro de W. J. Solha, paraibano por adoção e livre escolha: “*Deus e outros quarenta problemas*”.

A tarefa é ciclópica, pois trata-se de livro de poesia, e poesia, embora seja “o gênero literário por excelência”, como a classificou Walmir Ayala, é lida por muito poucos. E, por outro lado, eu não tenho a estatura de arauto do velho Tristão. Para compensar-me, tenho o fato de que Solha não é nenhum iniciante: teatrólogo, ator de cinema, artista plástico, romancista com várias obras premiadas, fixou-se agora no campo poético, com três poemas longos em livro: *Trigal com corvos*, *Marco do mundo* e *Esse é o homem*. O quarto é o que aqui propagamos, com a força da convicção e o tempero da amizade.

Além disso, devo pagar tributo aos prefaciadores do livro – Expedito Ferraz Júnior e Hilton Valeriano – que fizeram uma análise percuciente da obra, ressaltando-lhe a versatilidade do estilo, a originalidade da forma, a riqueza dos recursos, os matizes da emoção. Pouco restou para este deserto da poesia, que faz crítica por puro amorismo.

Fazer poesia é cada vez mais difícil, embora a moderna prática do abandono opcional da rima e do metro tenha aberto o campo para uma enxurrada de “poetas”. O problema é que poesia não é apenas sentimentalismo, tampouco o atual vezo por brinquedos verbais ou metáforas inusitadas. E é cada vez mais difícil desbravar-lhe novos caminhos, trazer-lhe contribuições novas. É por isso que já não me atrevo a cultivá-la, reverenciando os amigos que lhe permanecem fiéis. E é por isso também que meu conterrâneo Hildeberto Barbosa Filho, professor, crítico e poeta, tem afirmado que “odeia poesia” – aquela falsa poesia dos sentimentaloides ou dos propositores de enigmas.

Mas a poesia de Solha é inovadora sem ser artificiosa. Analítica, ao modo de João Cabral, filosófica, como a de Augusto dos Anjos ou Fernando Pessoa, atrai e prende pela singularidade. Segundo um dos seus prefaciadores, desenvolve-se como em espiral, arrebatando o leitor para campos impressentidos da cultura de elite ou de massa, evocando autores clássicos e contemporâneos, girando entre o dramático e o irônico. O recurso da rima é usado de forma descontraída,

sem que venha a amarrar a dicção.

Arrisco ainda imagem mais ousada. Não a da espiral, mas a do buscapé, cuja trajetória é errática: não sabemos para onde vamos ser levados. E desconfio que não só as ideias acomodam-se em rimas: a perspectiva destas pode “puxar” o enunciado para uma ocasional digressão, retomando-se o caminho desejado mais adiante.

Cabe, porém, uma advertência aos apreciadores da boa poesia. A enorme erudição do autor, em matéria de literatura, artes plásticas e música, o faz recorrer a referências que muitas pessoas desconhecem, perdendo parte da fruição estética dos poemas. No meu caso pessoal, não pude acompanhá-lo bem nas remissões à música e à pintura. Mas na literatura fomos quase sempre juntos, autor e leitor, pelas sendas poéticas abertas em terrenos até então inexplorados. Pois o certo é que Solha encontrou e desenvolveu, em meio a tantos descaminhos de maneirismos e fórmulas herméticas por onde ultimamente tem andado a poesia, uma nova forma de poetizar.

Talvez venhamos a ter aqui mais um caso de escritor cujo mérito só virá a ser bem reconhecido após a morte, como ocorreu com Kafka, Proust, o próprio Augusto dos Anjos, o maranhense Sousaândrade, Joyce, Lampedusa, até mesmo o Jorge de Lima da *Invenção de Orfeu*, eterno desafio para os exegetas. Mas isso não é, obviamente, o que desejo para o amigo Solha, que vem pagando o preço da nobre decisão de permanecer na Paraíba. E este texto é um pálido esforço para esconjurar o avantesma. Pois a grandeza de sua atitude ajusta-se ao preceito do poeta Juan Ramón Jiménez, tantas vezes referido pelo Dr. Celso Furtado em seus livros, e que aqui reproduzo, apenas de forma invertida:

*Corazón, cabeza
En el aire del mundo
(pero)
Pied en la patria
Casual o elegida.*

No caso de Solha, não a distante terra paulista, que por casualidade o viu nascer, mas a sua eleita, e sempre cultuada, pátria paraibana. ❖

Clemente Rosas Ribeiro nasceu em João Pessoa, em 27 de setembro de 1940. Formou-se em Direito na Universidade Federal da Paraíba, em 1962. Integrou o grupo de poetas conhecido como “Geração 59”. Publicou *Praia do Flamengo, 132* (memórias), *Coco de roda* (ensaio), *Administração & Planejamento* (artigos) e *Lira dos anos dourados* (textos líricos da sua juventude). Mora em Recife (PE)

A NARRATIVA DE UM ENCONTRO, DE UM DIÁLOGO, “FEITO O ENCANTO DE UM DERRAMAMENTO DE SANGUE”: IMPRESSÕES DE LEITURA DA OBRA INÉDITA DE W. J. SOLHA, A ENGENHOSA TRAGÉDIA DE DULCINEIA E TRANCOSO

Joana Belarmino

Recebi em minha casa, mais um livro publicado pelo escritor W. J. Solha, com o instigante título *Deus e outros quarenta problemas*. Peguei a obra, cheirei suas páginas novas, e a coloquei na estante, ali onde estão outros escritores paraibanos, e fui ao correio eletrônico, pedir ao escritor que me despachasse o pdf do livro, para que eu o pudesse ler na minha linha braille.

Guardei o pdf na pasta onde guardo ebooks e pdfs de escritores paraibanos. Guardei, não por inércia, mas porque já tenho entre mãos, uma outra obra de W. J. Solha, não publicada, à espera de um editor.

É sobre essa obra que escrevo, num diálogo que começou comigo mesma, com minhas impressões, e que depois evoluiu para um princípio de entrevista. Princípio, porque ainda não acabei a obra que lhes apresento, e que ainda nem foi publicada.

O que temos seguro entre mãos, sob os dedos, entre os olhos que sobrevoam a cachoeira dos sentidos, o que temos em mãos é um grande quadro que não para nunca de se aprontar, em imagens, sonoridades, cliques, flashes e apelos.

Mas essa é somente minha primeira impressão, sobrecarregada que estou desse descarregamento, dessa aluvião, dessa chocante beleza do dizer, por rimas emparelhadas, nesse épico pós-moderno?

Não, ele não brinca com as palavras. Cada uma delas encaixa-se para fazer ou desmantelar sentidos. Não. Decididamente ele não brinca com essa escrita rimanceada, mas o que se tem, a cada estrofe, é o pano de circo, no sertão velho, diante da pedra, e o milagre do ajuntamento de Cervantes, Trancoso, Ariano, Sô Leo, e a imprensa do mundo todo dando credibilidade ao espantoso dia.

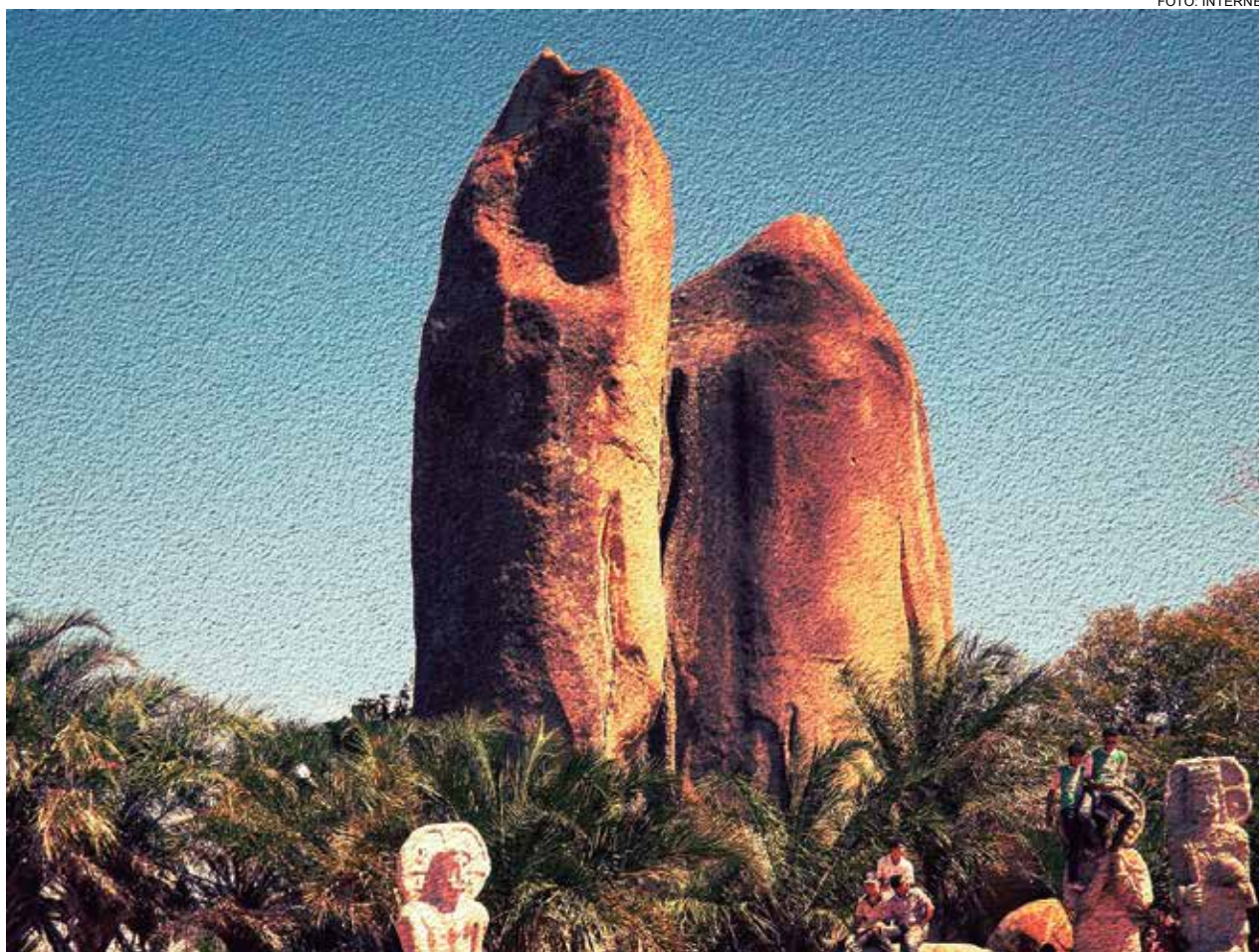
Por que sei que não chove? Por que há tanta claridade a iluminar esse ajuntamento? Mas não se enganem. A escrita de W. J. Solha pede leitor engenhoso, que aqui, há trabalho de rega da cultura, cultura secular, universal, entrelaçando-se com cultura daqui, do mangai, da feira, do cordel, da piada de boteco, enrodilhada com o pensar de Shakespeare e Cervantes e a graça toda feita do alarido rouco e inteligente de Suassuna.

Mas a chuva veio, e pouco depois, a tragédia, com todo o seu alarido, e mesmo assim

se sabe da arte aqui envolvida, que é aquela de homenagear a literatura, a poesia, o circo, todas as musicalidades, da ópera ao forró, essa cultura pulsante, do cômico e do trágico, do risível, do inútil que as vezes é o melhor enfeite da narrativa. E, rima puxando rima, fui também fazendo perguntas ao escritor, para não perder o fio do diálogo entre leitura e escritura, diálogo que tantas vezes se escapa, ou fica no universo fechado de cada um desses entes, o leitor, o escritor, que as vezes nunca se encontram. Eis as perguntas (e as respostas):

Qual a história dessa estória? Como se deu essa engenharia do rimance?

O maestro Eli-Eri Moura recebeu encomenda do Recife, onde o movimento armorial tem muita força, de criar a primeira ópera nessa linha criada pelo Ariano. Eli-Eri, com quem eu já tinha várias parcerias, pediu-me o libreto. O que eu poderia fazer? Dar ao público o que *A Pedra do Reino* não lhe dera: el-rey D. Sebastião saindo dela, feito o encanto de um derramamento de sangue. Para tanto - como o movimento armorial está alicerçado na influência da literatura Ibérica sobre o Nordeste - fiz com que a iminência da abertura do megálito fosse anunciada por dois profetas - Ariano e seu ídolo, Cervantes. Quem iria se sacrificar para que isso acontecesse? Um D. Quixote fajuto, de circo, Trancoso (nome do primeiro contista português, conhecido por seus delírios, daí a expressão “História de Trancoso”, para algo bem mentiroso). E quem seria sua parceira amorosa? Dulcineia, é claro. Apresentada a ópera no Teatro de Santa Isabel, no Recife, e sentindo que ela morreria ali mesmo, tive pena de ver o argumento desperdiçado e resolvi fazer dele um rimance - o velho romance versificado. O texto apenas escrito tem a vantagem, sobre o levado a um palco ou cinema, de poder ser maior, pois a mente humana tem uma capacidade imensa de criar, a partir de palavras. Daí eu ter-me soltado na nova versão, sem me preocupar do que poderia ou não caber num teatro. Daí os espaços abertos, que o cenário da Pedra possibilita. todos ocupados por uma multidão de fiéis e curiosos ante o portento do evento, os céus também ocupados por helicópteros e pássaros o tempo todo. ▶



As Pedras do Reino, no município de São José do Bonfim, divisa de Pernambuco com Paraíba

► **Os jornalistas estão por toda parte, por quê?**

Porque eu queria tornar a narrativa atual, fremente, a que é reproduzida por mil canais de TV e flashes da imprensa escrita, dando-lhe, ao mesmo tempo, uma enorme polifonia.

Astier ganhou muito espaço na trama. Foi ao acaso?

Astier Basílio é um nome extremamente sonoro. E gosto de inserir personagens reais - como o próprio Ariano - em minhas ficções. Isso libera mais o leitor.

Há cenas que são magistrais: 1. O encontro de Dulcineia com Trancoso, depois com Suassuna e Cervantes. Qual é a sua cena preferida?

Minha cena preferida é, também, a que existe na ópera: a Pedra se abre, revela-se uma catedral dentro dela e, do vitral frontal, dela, irrompe a Compadecida, que vem, seguida de um coro de anjos, exortar Trancoso à luta e ao sacrifício.

A primeira cena do rimance é muito bonita. As ribaças, os helicópteros, o povo. Essa foi

mesmo a primeira frase escrita ou não?

Sim. Há muito de cinema, de cinematográfico, nela. Eu queria mostrar a região de um modo dinâmico, não descritivo. No que as arribaçãs irrompem do alto da Pedra, assustadas com a esquadilha de helicópteros, não só imponho o ritmo da ação, como, seguindo pássaros e helicópteros, mostro toda a imensa, gigantesca multidão que aguarda, ali, os acontecimentos.

Querida refazer a pergunta dos jornalistas. Eles estão aí como testemunhas? Como em *Ensaio sobre a cegueira*, onde Saramago deixa como única testemunha que pode narrar, a mulher do médico, a única que não fica cega?

Jornalistas do Nordeste, do Brasil e do exterior, me liberam da narrativa regionalista, tipo Zé Lins em *Pedra Bonita*. Permitem perguntas inteligentes como as que Astier faz ao que supõe ser um impostor vestido de Cervantes e, também, as respostas espartas que ele lhe dá.

E eis a história de uma entre-

vista inacabada, sobre uma obra ainda não publicada, um rimance que cabe tão bem, como pedra nova entalhada, na bela criação feita de pedra, cimento e ousadia, o Teatro Pedra do Reino, em homenagem a Ariano Suassuna, cuja inauguração eu fui assistir, e, para além das apresentações de dança, da música ao mesmo tempo solene e popular da orquestra, só conseguia pensar no rimance de W. J. Solha. ❖

Joana Belarmino é jornalista, escritora e professora da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)

Duas vezes Duília



1. Poesia

As antologias do conto brasileiro estão aí, para apreciação de todos, leitores comuns e especialistas, mas, duvido que um conto tenha tido mais penetração no imaginário nacional do que o belo e perturbador “Viagem aos seios de Duília”.

Inserido no livro *Histórias Reunidas* (1959), o conto de Aníbal Machado relata a difícil aventura de um senhor idoso, funcionário público aposentado, residente no Rio de Janeiro, que se entrega à radical experiência de renegar o presente e remontar ao passado. Na adolescência, uma moça de seu lugar, Pouso Triste, cidadezinha interiorana de Minas Gerais, havia, um dia muito especial, lhe mostrado os seios, visão deslumbrante nunca esquecida, e agora, quarenta anos depois, ele, uma figura anti-social e solitária, quer fazer a viagem que o reconduziria aos seios de Duília. A viagem é longa e penosa e mais penosa ainda é a chegada. Velha e maltratada pela vida, Duília é hoje uma pobre viúva, professora primária num lugarejo tão decrepito quanto ela mesma.

Considerado a obra prima de Aníbal Machado, o conto tem tido grande repercussão, e até no cinema já encontrou expressão (vide texto seguinte), mas, aqui quero tratar de um pequeno e ca-

prichoso poema que traz o nome de “Duília” e está no recém publicado livro de Expedito Ferraz, *Poheresia* (**A União**, 2014), no meu entender, uma excelente “resposta” ao conto. Eis o texto:

a g o r a
s e i o s
t e u s
s e i o s
a q u e
s a b e m

O leitor atento vai se deleitar com a visualidade do texto e seu uso criativo do verbo /saber/, na segunda linha, junto com o artigo definido, renunciando a palavra “seios” do quarto verso, e, no final, mudando de sentido para significar /ter sabor de/.

Mas, claro, o título do poema é inequívoco e o intertexto se impõe, pelo menos ao leitor que também conhece o conto, leitor que se indaga de quem seria a voz que se ouve no poema, a representada pela primeira pessoal verbal (“sei”).

Pois é, o poema se abre com a palavra “agora”, seu primeiro verso, mas que tempo é esse a que esse dêitico se refere? Como sabemos, dêiticos são termos da língua sem sentido próprio, cuja significação só nasce na sua relação com a situação em que a fala se produz, a chamada enunciação. ▶



FOTO: DIVULGAÇÃO

O professor e poeta Expedito Ferraz Jr. reuniu poemas produzidos ao longo de 25 anos em seu primeiro livro, *Poheresia*, de 2014

imagens amadas

- ▶ Seja qual for, esse é o tempo do enunciador, e, repetimos a pergunta: quem é o enunciador do poema?

As possibilidades são várias. Sem pertinência na ordem, vamos considerar algumas delas.

É possível que, em primeira instância, se pense no personagem do conto, José Maria, que aqui estaria recriado. Neste caso, o “agora” que abre o poema coincidiria com o desenlace do conto, algum momento depois do desolador encontro ente José Maria e a idosa Duília.

Uma segunda leitura pode divisar nessa voz o narrador do conto, aquele que, em terceira pessoa verbal, e de modo onisciente, relata a estória de José Maria e, no final, parcialmente, também a estória de Duília. Evidentemente, esse narrador não precisa coincidir com a pessoa concreta de Aníbal Machado.

A terceira possibilidade nos deixa com o leitor do conto, figura ficcionalizada pelo poema – um ser genérico e indeterminado, onde naturalmente, nos incluímos, todos nós que um dia lemos o conto e que agora (novo tempo) lemos o poema.

Por fim, uma quarta possibilidade, talvez a mais óbvia, é que o sujeito do verbo saber seja o eu lírico, uma entidade que não precisa coincidir com a do autor do poema, assim como o narrador do conto não coincide com o seu autor.

Ficar apenas com uma dessas alternativas é perder a riqueza de significação do poema, pois, na verdade, o que ele faz é fundir todas essas entidades numa só, conferindo ao desencanto com os seios de Duília, a sua qualidade de ser universal, o desencanto da humanidade com o que quer que seja que o tempo desfaça – e o tempo tudo desfaz.

Esse personagem múltiplo diz que sabe, mas não diz o que sabe, e essa lacuna básica é um lucro: não diz a que sabem os seios de Duília, porém, a experiência completa de reviver o conto e redimensioná-lo em forma poética, aponta, não para um sentido,

e sim, para um efeito inominado ou, mais que isso, informulável.

E, contudo, antes dessa função actancial, o poema tem uma ordem. Vejam que a frase contida nos seus versos não é, por exemplo: /agora sei a que sabem os teus seios/, frase mais lógica para a linguagem comum. E sim: /agora sei os teus seios a que sabem/. Nessa escolha de ordem se evidenciam implicações de sentido insuspeitas. Enquanto se lê o poema, a primeira metade da frase cria a impressão momentânea de um conhecimento dos seios por parte do enunciador (“sei os teus seios”, sugerindo /conheço os teus seios/), o que é reforçado no significante do termo “seios”, homógrafo e homófono de /seios/, expressão já formulada antes. O termo “sabem” (sentido gustativo e emocional, claro) é deixado para o final, e essa cronologia do poema lembra a cronologia do conto onde deslumbre precede desencanto.

/Agora sei que gosto tem os teus seios/: esta seria a paráfrase do texto, se ela fosse necessária. Não é, mas mesmo assim a formulo para evidenciar o evidente: que o poema, sem dizer seu nome, “descreve” (“aponta” seria mais apropriado) a sensação do “voyeur” (chamemo-lo assim) diante de duas imagens, justapostas na sua mente atormentada, a saber, a dos seios da jovem Duília e a dos seios da Duília idosa, como se uma imagem já estivesse, desde sempre, contida na outra. E convenhamos que só por ironia se escolheu um verbo (“saber”) de aceção gustativa (/ter gosto de/) para expressar a sensação. A implicação é que, como se faz a uma fruta, o eu lírico tivesse “degustado” os seios e... (Estas reticências não são gratuitas!).

Um efeito curioso do poema de Expedito Ferraz é mexer com nossa reação – já tão costumeira e sedimentada - ao conto, e intensificá-la.

E por falar nisso, reações ao conto de Aníbal Machado eu as escuto de longa data, conversando com amigos que gostam de li-

teratura. Sempre tive vontade de anotar essas impressões, formuladas do modo mais espontâneo, geralmente em mesas de bares e em outros lugares. Se coletadas, elas com certeza dariam uma rica página, material para um estudo de Estética da Recepção. Nada, porém, que se compare ao realizado nessa pequena obra prima de Expedito Ferraz.

De minha parte, não posso deixar de me indagar como recebe o poema o leitor que desconhece o conto de Aníbal Machado. Para esse leitor é possível que o “tu lírico” (no poema manifesto no pronome “teu”) seja criado ad hoc, talvez sem toda a carga emotiva aqui sentida e porventura com menos conflito. Uma coisa é certa: o poema é, entre muitas outras coisas, um convite ao conto. Sigamos, portanto, a lição de Jorge Luis Borges, e imaginemos como pode ser o processo inverso ao que fizemos: do poema ao conto.

2. CINEMA

A cinefilia doméstica costuma associar os anos sessenta ao movimento do Cinema Novo Brasileiro, como se, nessa década, nada mais no país, em termos de atividade cinematográfica, tivesse sido feito.

E não é o caso. Para se ter uma ideia, a década de sessenta inteira produziu nada menos que 404 películas, das quais duvido que 40 possam ser caracterizadas como realizações do Cinema Novo. E ainda que possam, sobram 364 realizações fora do esquema do famoso movimento.

Uma dessas “sobras” é *Viagem aos seios de Duília*, película de 1965 de Carlos Hugo Christensen, cineasta oriundo da Argentina que ninguém de bom senso enquadriaria na turma de Glauber Rocha, Rui Guerra e Nelson Pereira dos Santos. Não porque fosse argentino, mas porque, desde sua chegada ao Brasil, vinha comendo filmes com fins visivelmente comerciais, como *Matemática zero, amor dez* (1958) e *Meus amores* ▶

◆ imagens amadas

► *no Rio* (1959), comédias românticas completamente antagônicas ao espírito vanguardista e político dos cinemanovistas.

Em 65 Christensen resolveu adaptar o antológico conto de Aníbal Machado e se deu bem, mas não creio que isso o torne um cinemanovista. Como o conto, o filme narra a desventura desse senhor idoso, solteirão recém aposentado, que decide empreender uma viagem ao passado, em busca de uma miragem: a visão deslumbrante dos seios da jovem Duília, que nunca lhe saíra da memória. Na remota Pouso Triste de sua infância e adolescência, um dia, a moça lhe abriu a blusa e...

Agora a aposentadoria o angustia e José Maria, para surpresa de sua velha empregada, arruma as malas e se entrega a uma viagem penosa que, lamentavelmente, tem um final mais penoso ainda: professora primária e viúva idosa, a Duília de seus sonhos eróticos não tem mais nada a ver com a imagem que dela guardava, e o encontro dos dois é puro desencanto.

Mesmo sem a perfeição do conto – considerado a obra prima de Aníbal Machado – o filme de Christensen tem qualidade e merece uma espíada.

Evidentemente, o primeiro problema da adaptação foi a pouca extensão do texto. Em sua inteireza, o conto daria um curta, ou talvez um média metragem, mas dificilmente um filme de duração padrão. O problema foi resolvido com um relativamente longo preenchimento diegético, onde se narra o que não está no conto, mas, aristotelicamente falando, poderia estar: as primeiras semanas de vida aposentada de José Maria e a crise existencial dela decorrente.

Na ocasião de sua despedida da repartição, os colegas oferecem uma festa a José Maria, mas isso é tudo. O que vem depois é frieza e indiferença. Nas próximas tentativas de contato, José Maria começa a se dar conta do que é ser considerado velho, e, portanto, descartável. Vários incidentes lhe revelam a dureza de ser idoso



Em 1965, o cineasta argentino Carlos Hugo Christensen levou “Viagem aos seios de Duília” para as telas de cinema



Aníbal Machado (1894-1964) é autor de contos notáveis, como “O iniciado do vento”, mas ganhou fama com “Viagem aos seios de Duília”

entre os mais jovens, e aos poucos ele vai aprendendo a se manter no seu lugar de inativo e inútil.

Uma dessas decepções ocorre na noite em que aceita o convite de um dos colegas para ir a uma boate da cidade, na companhia de duas moças, amigas do ex-colega – e a cidade, não esqueçamos, é o Rio de Janeiro – e se vê passado para trás pela companheira de noitada, além de ser conduzido a pagar a conta, e depois, deixado na rua, porque, dali, os dois casais, formados na boate, iam para outras paradas, mais íntimas.

Todo esse preenchimento diegético poderia estragar a imagem que se tem do conto de Aníbal Machado, e, no entanto, não é bem assim. Não apenas ele não macula o conto, como vem a contento para o filme, ajudando a incrementar o conflito central do personagem: o seu enfrentamento da velhice.

Depois de ver o filme (eu não o vira na época de sua estreia), fiquei curioso em checar a autoria de um roteiro tão eficiente, e não tive surpresa em constatar que era de ninguém menos que o escritor Orígenes Lessa.

Um outro ponto nevrálgico da adaptação é o desenlace. Como fazer para expressar em imagens a desolação do protagonista, no

encontro com Duília? A voz em off, repetindo as palavras do texto, seria um recurso manjado que, se consolaria os apreciadores do conto, não soaria satisfatório para os espectadores do filme. Sensata e criativamente, Christensen optou praticamente pelo contrário: ao invés de qualquer verbalidade, encheu a tela de imagens onde se vê uma sequência de cenários vazios, digo, sem a presença física do ator/personagem, sequência que simbolicamente refaz a vida triste de um personagem que, sem saída, se entrega à tristeza de sua condição.

Um comovente filme sobre a “terceira idade”, rodado numa época em que sequer se conhecia a expressão. ❖

Em tempo: aqui unidos por razões óbvias, os dois ensaios acima, marcados com os números 1 e 2, foram concebidos em momentos diferentes, para publicações diferentes: o primeiro, inédito, tem o título original de “Duília”, e o segundo, publicado no jornal *Contraponto*, foi intitulado “Viagem aos seios de Duília, o filme”.

João Batista de Brito é escritor e crítico de cinema e literatura. Mora em João Pessoa (PB)



*Roberto Menezes,
autor do romance
Julho é um bom
mês para morrer,
publicado pela
Editora Patuá*

A Macunaíma de Santa Rita

NO ROMANCE *JULHO É UM BOM MÊS PARA MORRER*, ROBERTO MENEZES DÁ VIDA A UMA ANTI-HERÓI DESILUDIDA E APAIXONADA, PROSA QUE VAI DO PSICOLÓGICO AO URBANO REGIONAL

João Matias de Oliveira
Especial para o *Correio das Artes*

Neste quinto livro de vida e o quarto somente de romance, Beto (nome apócrifo de Roberto Menezes) dá voz a uma narradora sem palavras. Neste romance, a personagem principal, Laura, é uma filha da classe média baixa de João Pessoa. Incomunicável, bissexual, problemática. Sem chão, é a palavra certa. A narradora salta em “loops” entre aquilo que mexe com ela no exterior e no interior, em um duplo movimento que, dentro

do próprio romance, pode ser comparado ao movimento das estrelas, de implosão e explosão, para crescer e iluminar, expandir e quantificar. Exatamente como é descrito no livro, mas há mais. Muito mais.

O romance *Julho é um bom mês para morrer* é uma triste ironia com a vida de quem se perdeu ali pelos anos 90. O livro é escrito com o recurso do discurso indireto livre e da oralidade que é a voz da protagonista deste romance, em ▶

**Pesa a favor e contra,
muitas vezes, o
valor precioso das
metáforas usadas
pelo escritor. Com o
brilho de um esteta,
guardados alguns
exageros, Roberto
Menezes define a
solidão como um
“caminhoneiro
confessando pra si
mesmo seus pecados
na escuridão da BR
duzentos e trinta”.**

► uma rara demonstração, em terras paraibanas, de domínio de um estilo que mistura a prosa psicológica intensa, frenética e urbana com toques do coloquial e do regional, nas metáforas, nos ambientes e na vida corrida de uma jovem universitária sem tantas perspectivas na vida a não ser se drogar, expandir os próprios horizontes sensoriais e a si mesma em um duro processo de aceitação de si.

Julho (e permitam-me aqui esta intimidade, pois ele foi feito para isso) é um romance psicológico e regional, urbano e interior, mapeado e sem qualquer direção a não ser o ritmo do coração de Laura. Por isso, talvez, a inovação, o experimentalismo e as escolhas do autor, para que este não seja mais um romance citadino sem revelar a voz interior de suas personagens, fossem tão importantes, uma vez que raramente um “môfi” (expressão usada na Paraíba pelo jornalismo policial para tipificar os meninos e meninas de condutas não tão ilibadas) vai ter sua vez e sua voz em um romance ambientado em João Pessoa, na periferia, na virada dos 90 para os anos 2000, dando voz a uma geração de ilusões perdidas, de desemprego crescente e de inflação coagida. Laura, uma voz feminina única e que se eleva para além das outras, é a última de uma geração que foi enganada pelas promessas maravilhosas que garantiam um diploma universitário, mas por não saber muito bem como são as coisas da vida, entrega-se em uma longa viagem de redenção. Assim morrem os nossos anti-heróis, e Laura é a Macunaíma de uma kitnet em Santa Rita.

Laura é um anti-herói dos subúrbios de João Pessoa. E com toda a sua quase urgência de anti-heroísmo ela se entrega de braços dados a uma vida

interior sem rédeas pelos terminais de integração do Cristo, pelo ônibus de Santa Rita a João Pessoa, pela praça da UFPB, pelo apartamento nos Bancários. A voz de Laura é um môfi com a tarja preta lhe cobrindo os olhos quando, por trás das telas, dos apresentadores, das tarjas e horários nobres, somos impedidos de ver que, a despeito de tudo na vida, é preciso também saber chorar.

Pesa a favor e contra, muitas vezes, o valor precioso das metáforas usadas pelo escritor. Com o brilho de um esteta, guardados alguns exageros, Roberto Menezes define a solidão como um “caminhoneiro confessando pra si mesmo seus pecados na escuridão da BR duzentos e trinta”. Sobre a própria Laura, “uma gota d’água se descobre bailarina quando cai na chapa quente?”.

Ao fim, fica a boa impressão sobre este novo romance de Beto acerca de um olhar mais sensível voltado para a realidade de uma literatura feita na Paraíba. Como ambos somos ex-integrantes do núcleo literário Caixa Baixa, fica a impressão de que poucos de nós sabemos usar o recurso da oralidade para ouvir e falar a voz das ruas, de personagens reais em situações reais na João Pessoa de entre os anos de 1990 e 2015. Fica a impressão, principalmente, de que todos buscamos uma voz única na literatura que não nos separe do contexto no qual vivemos. E para todos os efeitos, fica a impressão de que a gente tenta, mas somente Laura, “bicha doida”, consegue. ■

João Matias de Oliveira Neto é escritor, editor e pesquisador doutorando em Sociologia (Programa de Pós-Graduação em Sociologia s Universidade Federal de Pernambuco). Mora em João Pessoa (PB)

Os detalhes

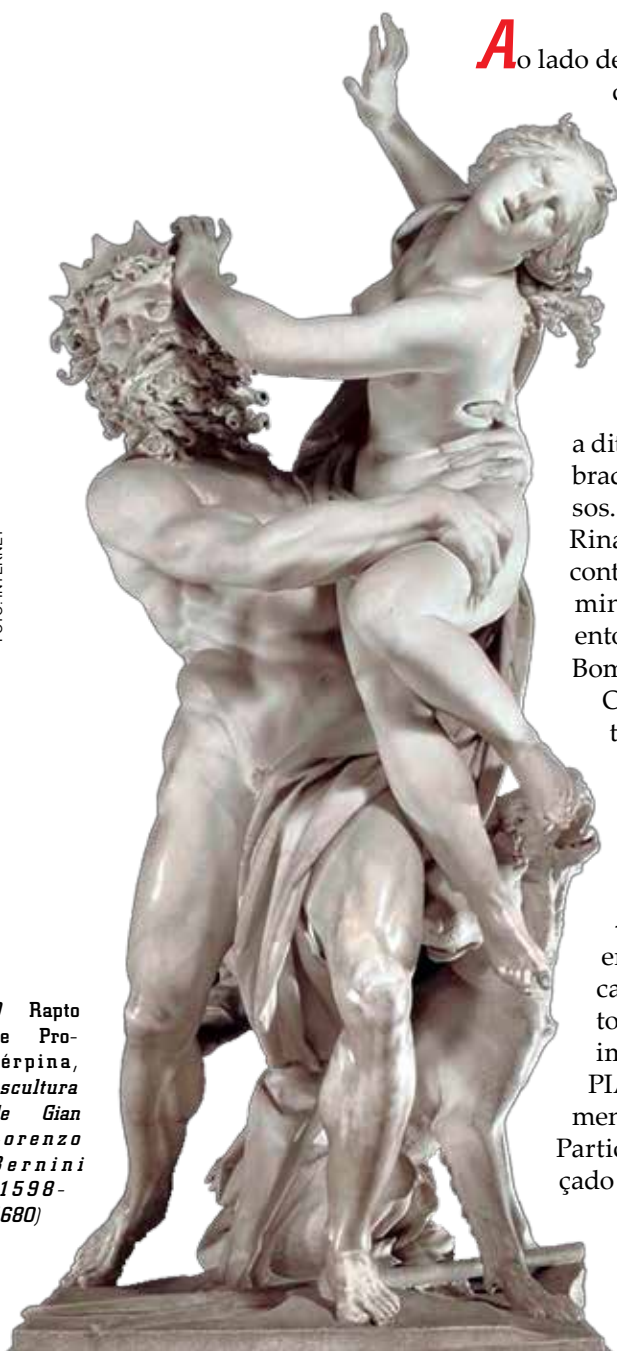
– “COISAS MUITO GRANDES PRA ESQUECER” –

do *Romeu na estrada*, de Rinaldo de Fernandes

W. J. Solha

FOTO: INTERNET

O Rapto de Proserpina, escultura de Gian Lorenzo Bernini (1598-1680)



Ao lado de toda foto do *Rapto de Proserpina* - de Bernini -, há a do detalhe (superior à escultura como um todo) dos dedos da mão direita de Plutão pressionando a coxa da vítima, com o que o mármore, magicamente, parece macio. Junto a toda reprodução da *Criação do Homem* - pintado por Miguelângelo no teto da Sistina -, há, obrigatoriamente, a da aproximação, uma da outra, das mãos de Deus e de Adão. Do mesmo modo, jamais me esquecerei do lance envolvendo mãos do filme *La Historia Oficial*, de Luis Puenzo - Oscar de melhor filme estrangeiro de 1986 - quando a mulher descobre que o marido foi torturador durante a ditadura argentina, e ele, furioso, leva-lhe os dedos às dobras da porta, que fecha com força, partindo-lhe os ossos. Lembrei-me disso ao ler, na página 90 do novo livro de Rinaldo de Fernandes, lançado pela Garamond, que, num contexto bastante parecido, “ele (meu avô) se voltou pra minha avó, o que que é isso o quê?!, e deu um pontapé que entortou o dedo da mão dela, vai embora daqui, cretina!” Bom.

O posfácio que Luciano Rosa fez para o livro é tão brilhante, vai tão fundo na obra, que quase me tirava, durante a leitura dele, a iniciativa de escrever a respeito, até que vi este... detalhe, quase no final de seu comentário, sobre PEQUENAS COISAS que sinalizam a razão deste *On the Road - Pé na Estrada* - do personagem, “a (sua) preferência pela mobilidade e a renúncia à fixidez”: - (...) não me parecem fortuitas as referências aos locais em que o protagonista viveu (a quitinete com o reboco caindo em São Paulo, o “prédio aos pedaços” em Santos, lugares precários, pouco acolhedores, que parecem impeli-lo “para fora”. Do mesmo modo, A TROCA DO PIANO PELO VIOLÃO - ou seja, a escolha de um instrumento portátil em lugar de outro de difícil transporte (...)) Participei, de leve, de um debate sobre se *Rita no pomar*, lançado em 2008, do Rinaldo, era romance ou não, o autor dizendo que sim, os outros - eu no meio - afirmando que não. E eis que pego agora este livro, outra vez com menos de cem páginas, dele, e leio na capa “*Romeu na estrada* - romance”. E o diabo é que, constatei, logo, que se trata de um romance, mesmo. Pela técnica ▶

▶ narrativa, pela complexidade da ação, no tempo e no espaço. O autor apenas... também trocou o piano pelo violão, pra tornar essa complexidade... portátil, célere, ágil, com a medida, peso e contagem exata para o tema. O piano a que me refiro – a título de exemplo - pode ser o próprio famoso romance de Kerouac, com suas 380 páginas. Ou mais: já que o livro de Rinaldo é todo um tecido complexo de agostinianos presentes do presente e presentes do passado, o piano pode ser o *Em busca do tempo perdido*, em que Proust, num de seus sete pesados volumes, tornou célebre uma paisagem do holandês Vermeer, a *Vista de Delft*, diante da qual – centralizando sua atenção num pedaço de muro no meio do casario da cidade - o personagem Bergotte diz:

- Meus últimos livros são secos demais, seria preciso passar várias camadas de cor, tornar minha frase preciosa em si mesma, como esse pequeno pedaço de parede amarela. Vê o que diz Bergotte?

“- C’est ainsi que j’aurais dû écrire, disait-il. Mes derniers livres sont trop secs, il aurait fallu passer plusieurs couches de couleur, rendre ma phrase en elle-même précieuse, comme ce petit pan de mur jaune.”

- Assim é que eu deveria escrever – disse ele. Meus últimos livros são secos demais, seria preciso passar várias camadas de cor, tornar minha frase preciosa em si mesma, como esse pequeno pedaço de parede amarela.

Caramba, veja isto na página 66 de *Romeu na estrada*:

- (...) via os telhados, um trecho do céu. Havia aqueles pombo que cruzavam o teto verde do posto na Marginal, passavam por entre as árvores da avenida e vinham arrulhar nas marquises. Adiante, alguns edifícios, O MURO BRANCO do colégio. Rinaldo de Fernandes conseguiu fazer o livro que Bergotte imaginava! Tornou “cada frase preciosa em si mesma” como aquele pedaço de parede amarela do quadro. Veja um exemplo na página 44: - Vi que seu biquíni era “Mar e Sol”, um que Ângela ganhou mas não usou. O protetor so-



Rinaldo de Fernandes, autor do romance *Romeu na estrada*, publicado pela Garamond

Luciano Rosa explica, no posfácio, que *Romeu na estrada* é o desdobramento do consagrado conto “O professor de piano”, do próprio Rinaldo, um risco que o escritor “dribla com maestria”.

lar era “Naturae Verão”, achei que não era dos mais caros. Nos fundos da pousada, o vestido verde esvoaçava no fio. Ou isto, da página 21, de que só sentimos a importância depois de lido o livro todo: - Às vezes (meu avô) também ia para o quintal, contornava a roseira, permanecia no canto do jardim, olhando em volta, paras folhas das árvores, como quem procura um fruto. Sempre é difícil não lembrar Borges se perguntando “Pra que escrever um romance, se posso dizer tudo num conto?” Digo isso porque Luciano Rosa explica, no posfácio, que *Romeu na estrada* é o desdobramento do consagrado conto “O professor de piano”, do próprio Rinaldo, um risco que o escritor “dribla com maestria”. Mas por que teria ele corrido tal risco? Porque não é um autor comum. Tem enorme experiência de quem também fica do outro lado do balcão: é Doutor em Letras pela UNICAMP e professor de literatura da UFPB. Vem daí o lado leonardesco desse risco, o mesmo que levou o mestre Da Vinci a experimentar tanto, que criou a técnica triunfante do “sfumato” que eternizou Mona Lisa, e o desastre que fez sua Ceia Larga começar a se desprender da parede com ele ainda em vida. Risco é risco. Rinaldo partiu para tal enxugamento de uma narrativa romanesca com a mesma coragem de Frida Kahlo quando foi se apresentar a Riveira – seu futuro companheiro – ele no alto dos andaimes de um gigantesco mural, ela com uma de suas pequeninas telas entre os braços. ✖

W. J. Solha é escritor, ator e artista plástico. Publicou, entre outras obras, *Israel Rê-mora*, *A batalha de Oliveiros* e *Shake-up* (romances) e *Trigal com corvos* e *Deus e outros quarenta problemas* (poesia). Mora em João Pessoa (PB)

Ficção científica e futebol



Dando continuidade ao nosso propósito, nessa coluna no *Correio das Artes*, de relacionarmos literatura e futebol, sempre na perspectiva de que um campo pode se nutrir do outro, mostraremos um texto da chamada vertente da literatura de ficção científica em que o esporte bretão serve como elemento temático a aguçar a inven-

tividade de quem escreve e a imaginação de quem ler. Sendo assim, trazemos aqui uma pequena amostra do que esse tipo de literatura pode produzir tomando o tema do futebol como referência de fatura textual. O autor é o escritor carioca Fábio Fernandes e o texto chama-se, “2010, o ano em que faremos contato”.

TERRÁQUEOS X ALIENÍGENAS

ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SÁVIO



▶ Esse conto, pois, é uma fabulação ficcional genuína da chamada literatura de antecipação – ou de ficção científica – em que um técnico de futebol conversa com um interlocutor virtual, um repórter a quem concede uma entrevista, sobre uma partida entre uma seleção de jogadores - representando a humanidade -, comandada por ele, e uma outra equipe de alienígenas que visitam a terra com o objetivo de fazer intercâmbio de tecnologias. Narrando em primeira pessoa, para reforçar com seu testemunho a verossimilhança da história que conta – apesar da sua tácita, mas apenas relativa plausibilidade -, o narrador-personagem vai desfiando a meada de um caso em que se vê com o encargo de dirigir uma equipe dos melhores jogadores do mundo contra os saranai – povo de outro planeta – como requisito para a troca de experiências interplanetárias. “Pois é, eu até que acabei gostando no fim das contas: deu pra descansar e a gente começou a ficar aliviado, depois de perceber que eles não queriam nos invadir nem nos destruir, só fazer amizade e oferecer um lugar junto à Comunidade Galática, ou seja lá o nome que dão àquilo do que eles fazem parte. Você sabe, aquele negócio de paz e harmonia entre as espécies. Enfim”. Está aí dada a senha para o desenrolar de uma história mirabolante e que para surtir efeito no leitor, é recheada de peripécias em que não falta humor intrínseco:

- *Os senhores vão jogar conosco aqui, com a nossa gravidade?* – perguntei ao Controlador.

- *Quê que é isso, garotinho!* – respondeu o alienígena baixinho. – *Pinçou na grande área, a gente chuta! Se derrubar é pênalti!* – e deu aquele sorrisinho enigmático.

Não falta engenhosidade de conteúdo:

Resumindo: cientes de que, devido à forte gravidade da Terra e à compleição delicada de seus corpos, os saranai jamais poderiam nos enfrentar numa partida de futebol, eles optaram pela solução mais lógica: te-

PARA SABER MAIS



Fábio Fernandes, o autor do conto acima, nasceu em 1966, no Rio de Janeiro (RJ).

É doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e leciona nos cursos de Tecnologia e Mídias Digitais e Jogos Digitais dessa mesma instituição. É membro do Grupo de Pesquisa Com+, da ECA-USP, onde realiza pós-doutoramento sobre a subversão da linguagem no Twitter, e também do Steering Group Visions of Humanity in Cyberculture, da Universidade de Oxford, Inglaterra. Tem publicados os livros *A construção do imaginário cyber*; *William Gibson, criador da cibercultura* (2006) e *Os dias da peste* (2009), além de artigos e capítulos em diversas revistas e livros no Brasil e no exterior. Traduziu os seguintes clássicos da literatura mainstream e de ficção científica: *Neuromancer*, Fundação, *O homem do castelo alto* e *Laranja mecânica*, entre outros. Tem contos publicados em vários países e, atualmente, está traduzindo a série de quadrinhos *Hellblazer*, em São Paulo (SP), onde reside. A história curta, “2010, o ano em que faremos contato” foi publicada na reunião de contos de ficção científica *Outras Copas, outros mundos*, organizada por Marcello Simão Branco e publicada pela editora Ano-Luz, Grupo Pecas, São Caetano do Sul (SP), em 1998.

leclones. (...) O jogo foi um sucesso. Claro, eles podiam ter dado um desconto pra gente; treze a zero foi um pouco demais. Mas, vá lá que seja, o presidente avisou pra não contrariar, que eles nos prometeram intercâmbio de tecnologia.

Não faltam arranjos hiperbólicos de tom retórico:

(...) Afinal, os bonecos – como todo mundo passou a chamar os teleclones – eram onze Pelés em campo, onze garrinchas, enfim os sujeitos eram invencíveis. (...) eles haviam usado os esquemas táticos de todos os países ganhadores das copas do mundo em uma só partida. Começaram no 4-2-4, passando para o 4-3-3, carrossel holandês, pontas rotativos, 3-5-2 com alas, líberos e armadores defensivos, enfim, o escambau. (...) Rapaz, não faltou nem o suicida paredão ucraniano de 2002, o difícilíssimo 10-0-0, que só era tentado em último caso... e que não garantiu a vitória deles em cima dos Camarões na semifinal.

E, por fim, não falta aquele arremate de efeito lógico para transmitir a sensação de verdade pura no que é apenas genuína, fantasiosa e saborosa invenção:

E já tinha clube querendo contratar os bonecos: O PSV Eindhoven foi o primeiro a abrir as negociações oficialmente, seguido de perto pelo Manchester United, pelo Flamengo e pelo Boca Juniors. (...) Sim, eu sei que isso hoje não quer dizer nada, que os saranai nos vendem toda a tecnologia de que precisamos, por um precinho camarada. Dizem até que a fome do mundo está acabando. Mas que o governo francês não gostou daquele negócio da ONU ter vendido o Louvre, isso eu sei que não gostou, que eu conversei outro dia com o presidente Paltini e ele estava puto. Ora, puto fiquei eu: tudo bem que o estádio que eles puseram no lugar do Maracanã é até bonito, funciona, tal e coisa. Mas precisava ter levado o estádio pro planeta deles? Sei não, mas desconfio que nesse intercâmbio de tecnologia que está se dando bem são eles. ✦

Edônio Alves é jornalista, poeta e professor de Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)

Lenilde Freitas

ILUSTRAÇÕES: LÍVIA COSTA



Logro

Porque continua
no âmbito da memória
o gotejar inclemente
da chuva na bacia

e récuas de mulas
perfazem o mesmo caminho
noite a noite
dia a dia

porque a lembrança
das gaiolas
à sombra dos telhados
vergasta o tempo e mitiga a amargura

aceito o logro
caritativo da saudade:
clarão a alumiar
a casa escura.

Saudade

Saudade é lembrar seja o que for
de belo, na escassez em que se esteja
no pouco acrescentar e até repor
se a alma permitir que assim seja.

Saudade é voar, mesmo em declive
ir longe com o olhar, igual condor
viver do que em nós ainda vive
sem nunca revestir-se do incolor.

E por fim quando tudo for distância
— varandas, redes, luas e telhados —
no pátio iluminado de infância

Se a sombra chegar sem que a ouça-
mos
com seus passos macios, aveludados
a vida há de ficar no que cantamos.

Campina

Campina
— grande campina —
quem esboçou no tempo
esse rosto de menina?

Luzes brilhavam acesas
atrás de tuas janelas
que memória ainda se acende
às chamas de tuas velas?

Com os farelos a mais
da poesia sempre à mão
quem alimentou pardais
nos quintais do teu verão?

Quem emendou tua bruma
de inverno denso ao olhar
a ponto de ser de névoa
qualquer caminho que vá?

Naturalidade

Esta cidade cresceu comigo.
Cresceu também a figueira
da casa onde vivi.

Era fina a voz
que em mim morava
e doce a fruta que comi.

Da árvore caíram as folhas
Que, até hoje, sobre a calçada
o vento as tange.

Da casa
só o portão restou.
Mas como range... como range...

Férias em Cabedelo

— E... naquele mundo... o que vias?
— A alva infância de espumas e areias;
o pingar da chuva nas latas vazias;
e — nas paredes boloradas —
as sombras projetadas por candeias.



Lenilde Freitas nasceu em Campina Grande (PB). É poeta, tradutora, mestra em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Pós-graduada em Literatura Brasileira pela Faculdade Frassinetti do Recife (Fafire). É autora, entre outras obras, dos livros *Esboço de Eva e Desvios* (1981), *Cercanias* (1989), *Grãos na eira* (2001) e *A corça no campo* (2010). É vencedora do prêmio All Nations Poetry Contest (USA), Prêmio Cidade de Belo Horizonte: "Emílio Moura de Poesia" (MG) e Prêmio Nestlé de Poesia (SP). Mora em Recife (PB).

Eudes Raony

O sempre

O sempre é um, inteiro, pleno, sempre
 Todavia, como quem não quer nada
 No compasso do constante tempo
 Vai-se indo e, instante a instante
 Despetalam-se os durantes
 Desprovidos de sustento.
 Os intensos vão depois,
 Esvaindo a sofrimento
 Até chegar ao intento
 Onde o tão sempre
 Torna-se punhado,
 Mais um grão
Um antes
 Grãozinho vil
 Une-se aos outros
 Punhados distantes,
 Já não tão espessos,
 Regados a sofrimento;
 Brotam, assim, amiúde
 Até que sem porventuras
 Entrelaçam a vasta memória
 Floridos, aromas mil ao alcance
 Dispostos a um ter mais que agora
 Para finalmente, como quem nunca foi
 O sempre ser um, inteiro, pleno, sempre.

Talvez

Entre teu sim e teu não
 Há uma infinidade de mentiras
 Unidas pela missão comum:
 Apunhalar o risco
 Da dor
 De sentir
 Amor.

Trégua

Não sai de mim um poema,
 Nem sai de ti um gemido;
 Há embate mais sentido
 Que aquele não travado?

Dor esta

Carne em brasa
Sangue em festa
Mais, mordida
Infesta de vida
A memória funesta
Desta ferida estancada.

Morte é ausência
Da dor que resta.

Vinho meu

De mim roubaste o frio
O copo vazio
O branco da roupa
A vergonha vil
O beijo na boca
O sono, a roupa
E meu pavio.

De-votos

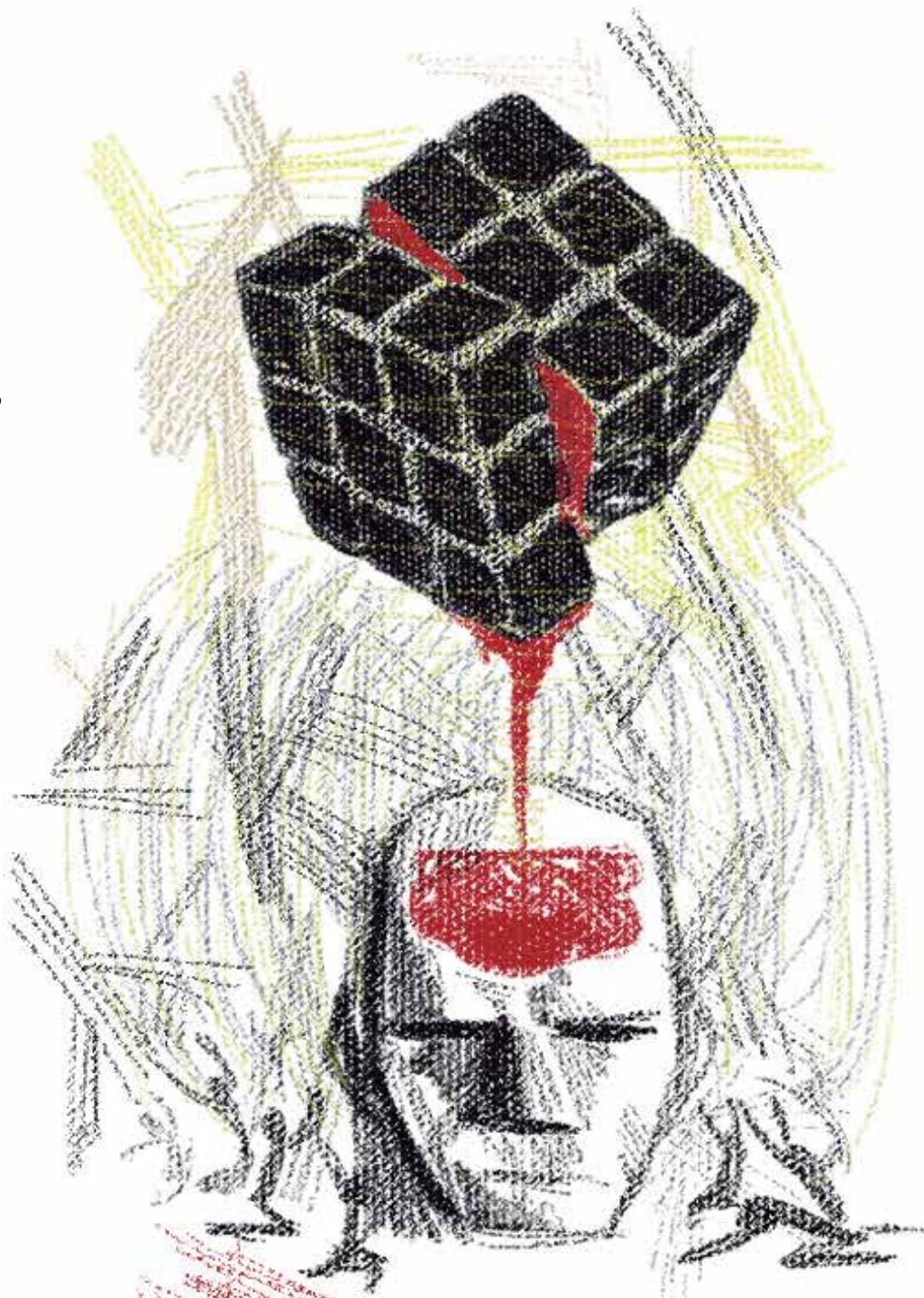
Na alegria
Da incerteza,
No amiúde
Da doença,
Na pobreza
Da beleza:

Serei fiel
À tua morte
Até que a sorte
Nos declare.

Embebido

Me embriago
Com o gosto amargo
Da abstinência
Dos teus olhos calmos.

E logo depois
Me lanço na estrada
Imprudência armada
Infração dos dois.



Eudes Raony tem 28 anos, é arquiteto e urbanista, além de professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Sempre escreve poemas nos percursos de suas viagens. Mora em Cabedelo (PB).



Anotações

sobre romances (14)

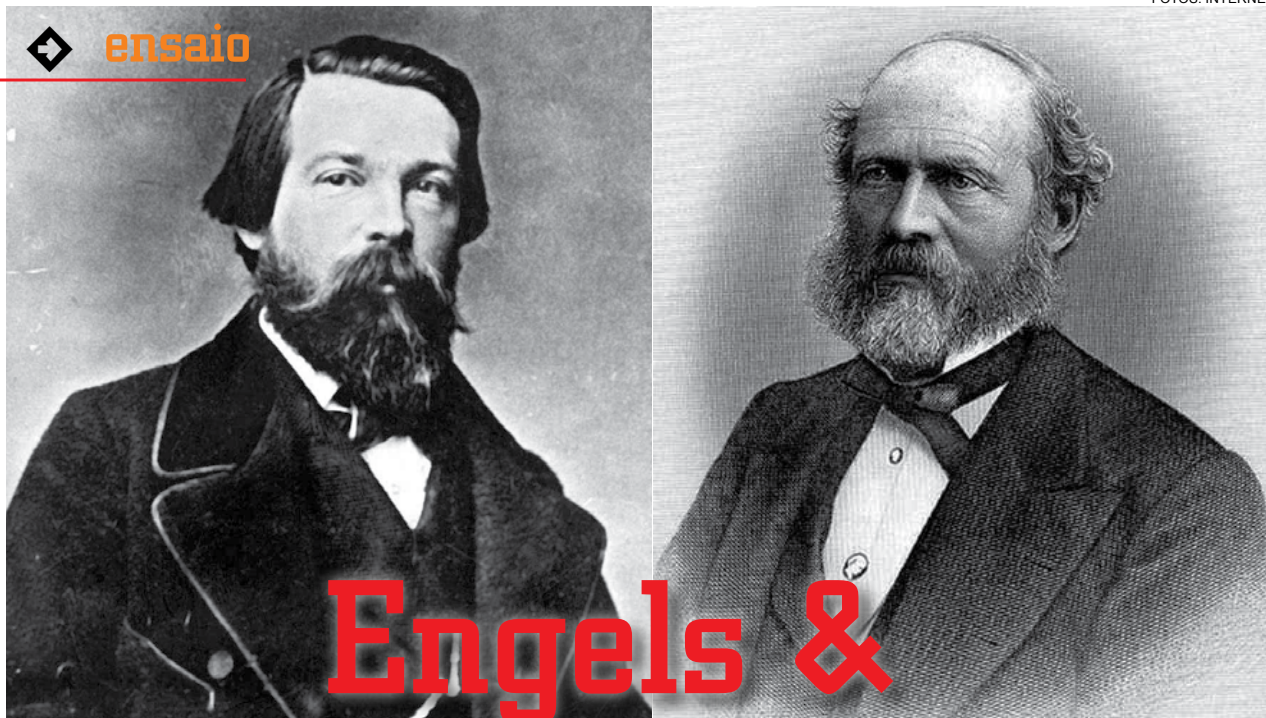
Em *O apanhador no campo de centeio*, de J. D. Salinger, o exército e a guerra (esta, de certa forma, para o protagonista, uma verdadeira instituição americana) sofrem o seguinte ataque de Holden Caulfield: “Acho que não ia aguentar se tivesse que ir para a guerra. No duro que não aguentava. Não seria tão ruim se pegassem logo a gente e matassem ou coisa parecida, mas a gente tem que ficar um tempão na droga do exército. Esse é que é o problema. Meu irmão D. B. ficou no exército quatro anos. Esteve na guerra mesmo – participou do desembarque do dia D e tudo – mas acho que ele detestava mais o exército do que a própria guerra. [...] Depois, quando [D. B.] seguiu para a Europa e para a guerra, não foi ferido nem nada, e nem teve que atirar em ninguém. O único troço que ele tinha que fazer era dirigir o dia inteiro o carro de combate de um general de araque. Uma vez ele disse a mim e ao Allie que, se tivesse de atirar em alguém, não ia saber para que lado apontar. Disse que o exército estava praticamente tão cheio de filhos da puta quanto os nazistas”. *O apanhador no campo de centeio*, reafirmo, é um romance central do século XX. É um lúcido romance. Uma narrativa de protesto, provocativa, perturbadora. Ninguém sai o mesmo desse livro. Perde quem nunca o leu. Perde quem não sabe quem é Holden Caulfield. ✦

FOTO: INTERNET



J. D. Salinger, autor de *O apanhador no campo de centeio*, fotografado durante a 2ª Guerra Mundial

Rinaldo de Fernandes é escritor, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)



Friedrich Engels (1820-1895) ajudou Karl Marx na criação do socialismo científico

Lewis Henry Morgan (1818-1881) é considerado um dos fundadores da antropologia moderna

Engels & Morgan

UMA LEITURA ANTROPOLÓGICA
DE A ORIGEM DA FAMÍLIA

Carlos Alberto Azevedo

Especial para o *Correio das Artes*

Na segunda metade do século XIX, surgiram obras de antropologia significativas que, de certa forma, influenciaram Marx e Engels. Henry Summer Maine publicou *Ancient Law* (1861), Johan Jacob Bachofen, *Das Mutterrecht* (1861), Fustel de Coulanges, *La Cité Antique* (1864), Edward Burnett Tylor, *Primitive Culture* (1871) e, finalmente, o etnólogo americano Lewis Henry Morgan lançou *Ancient Society* (1877).

Nessa época, ou talvez um pouco antes, Marx e Engels já tinham desprezado a teoria hegeliana da natureza:

Para Marx, a humanidade começa com a própria natureza. Ela é a matéria-prima a partir da qual fazem nossas vidas. Nossa evolução social não consiste em avançar da consciência per se, mas na nossa capacidade crescente de criar um mundo de artefatos a partir da natureza, primeiro pedra e cerâmica, depois sistema agrícola, vida urbana e, finalmente, a Revolução Industrial, que representa uma vasta aceleração em nossa capacidade de criar trecos (MILLER, 2013: 89).

Eles (Marx e Engels) faziam a distinção entre história natural e história humana, enfatizavam o papel do trabalho humano em relação à natureza; não se esqueceram de que as “leis da história natural e da história humana são as mesmas”, como observou Lawrence Krader em *Evolução, revolução e Estado: Marx e o pensamento etnológico* (1980).

Talvez por isso, o evolucionismo biológico e social de Lewis Henry Morgan tanto influenciou Marx e Engels: ▶

Quando Marx, quase no fim de sua vida, descobriu Morgan, ele e seu companheiro Friedrich Engels tentaram integrar as ideias de Morgan em sua própria teoria evolucionária, pós-hegeliana. Os resultados incompletos dessa tentativa publicados por Engels em *The Origin of the Family, Private Property and the State*, em 1884, o ano seguinte à morte de Marx (ERIKSEN, 2013: 31).

De fato, pouco antes de morrer, Karl Marx se debruçou sobre a teoria de Morgan, deixando um texto inédito: noventa e duas páginas de notas sobre *A sociedade antiga*. Veio à luz em 1974 – graças ao resgate feito pelo marxista Lawrence Krader, editando *Marx' Ethological Notebooks*.

Em 1976, o mesmo Krader publica pela editora alemã Ullstein *Ethnologie und Anthropologie bei Marx*, obra fundamental para entender as relações entre antropologia e etnologia no pensamento de Marx.

Saliente-se, a bem da verdade, que

A importância intrínseca de Morgan na história da teoria antropológica fortalece-se muito pela circunstância de terem Karl Marx e Friedrich Engels adotado seu esquema. Isso não foi mero acaso. Marx anunciara a concepção materialista da história em 1859 – (*Contribuição à crítica da economia política*), o mesmo ano que presenciou a publicação da *Origem das espécies* (...) Marx voltar-se-ia para o trabalho de Morgan, pois não dispunha de experiência pessoal no campo da etnografia (CHILDE, 1961: 18).

Vale a pena mencionar também que Marx nos *Grundrisse* aborda diversas vezes a pré-história. Ajusta-a à sua teoria materialista, “e embora ele e Engels se tornas-

sem cada vez mais interessados em antropologia histórica, Marx jamais desenvolveu plenamente um estudo desse comunismo primitivo” (cf. Shaw, 1979: 109).

Engels, de fato, foi quem desenvolveu o estudo desse comunismo primitivo.



Nos estágios pré-históricos de cultura, Engels recorre aos “períodos étnicos” de Morgan

Marx jamais desenvolveu plenamente um estudo do comunismo primitivo

BARBÁRIE, SELVAGERIA E CIVILIZAÇÃO

Os dois prefácios à *Origem da família, da propriedade privada e do Estado*, de Friedrich Engels – um à primeira edição (1884) e o outro à quarta edição (1891), ambos escritos pelo próprio Engels, são bastante ricos em informações complementares.

O prefácio de 1891 tece vários comentários sobre suas fontes – cita Bachofen e Mc Lennan. Mas Engels faz severas críticas à obra de John Fergusson Mc Lennan. Tido na época por todos “como fundador da história da família e a primeira autoridade na matéria” (ENGELS, 1987: 13).

O *matrimônio primitivo*, de Mac Lennan, apesar de ter sido duramente criticado por F. Engels, desempenhou um papel importante em *A origem da família*. Não se pode negar as três formas de matrimônios: a) poligamia, b) poliandria, c) monogamia. Toda pré-história da família resume-se a essas formas de união.

Ainda no prefácio à primeira edição de *A origem da família*, Engels acentua que

O grande mérito de Morgan é o de ter descoberto e restabelecido em seus traços essenciais esse fundamento pré-histórico da nossa história escrita e o de ter encontrado, nas uniões

Assim, centramos a nossa análise em *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (*Der Ursprung der Familie, des Privateigentums und des Staats*, 1884), de Friedrich Engels. Trabalho relacionado com as pesquisas de L.H. Morgan.

gentílicas dos índios norte-americanos, a chave para decifrar importantes enigmas, ainda não resolvidos da história antiga da Grécia, Roma e Alemanha. Sua obra não foi trabalho de um dia. Levou cerca de quarenta anos elaborando seus dados, até conseguir dominar inteiramente o assunto. E seu esforço não foi em vão, pois seu livro é um dos poucos de nossos dias que fazem época (ENGELS, 1987: 3).

Não discordamos da apologia que Engels faz ao trabalho de L.H. Morgan. Realmente, *Ancient Society* é, de fato, um dos poucos livros que fizeram época no panorama da antropologia do século XIX. Sua atualidade é reconhecida por muitos estudiosos – marxistas e não marxistas. Massimo Quaini diz que

A recente redescoberta de Morgan tenta definir conceitos que o conduzem a caminhos que “são aqueles que a antropologia social percorreu até agora e também aqueles nos quais ela hesita em se aventurar” – e o enxerto do marxismo ▶

► – operações coligadas na medida em que, como escreveu Engels na *Ancient Society* de Morgan, encontram “a concepção materialista da história que quarenta anos antes tinha sido descoberta por Marx” – vão se revelando particularmente úteis para o desenvolvimento científico da antropologia econômica (QUAINI, 2002: 102).

Nos estágios pré-históricos de cultura – primeira parte de *A origem da família*, - Engels recorre aos “períodos étnicos” de Morgan, ou seja, três “períodos étnicos” identificados: barbárie, selvageria e civilização.

Esse esboço dos “períodos étnicos” é, na verdade uma sequência, para, como notou o próprio Engels, “introduzir uma ordem precisa na pré-história da humanidade” (ENGELS, 1987: 21).

Lamentavelmente, Engels não se aprofunda nos estágios pré-históricos da cultura. Apenas no segundo estágio (a barbárie) é que se detém mais um pouco, detalhando as diversas fases da mesma. Somente no capítulo IX (Barbárie e Civilização) é que temos o confronto entre essas fases.

Mas deve-se frisar que

Friedrich Engels publicou em 1884 uma reelaboração do esquema de Morgan, à luz da concepção marxista das formações econômico-sociais, definidas como tipos históricos de sociedades caracterizadas pela combinação de um modo de produção (tecnologia + divisão do trabalho) como uma forma determinada de organização social e com um corpo particular de concepções ideológicas. Nesse estudo clássico, Engels distingue cinco formações: o comunismo primitivo, o escravismo, o feudalismo, o capitalismo e o socialismo que se suce-

deriam historicamente, sempre nesta ordem, para todas as sociedades (RIBEIRO, 1991: 31).

F. Engels consegue transformar completamente o modelo de Morgan, mostrando-nos a importância das forças produtivas, aliadas à tecnologia + divisão do trabalho.

A esse respeito o arqueólogo Vere Gordon Childe explica que

Engels conseguiu brilhantemente estabelecer uma correlação na transição de um status para o seguinte, no esquema de Morgan, com as modificações nas forças produtivas à disposição da sociedade.

E conclui:

Na prática, certamente, Engels teve de modificar o esquema de Morgan, não para enquadrá-lo em teorias já formuladas, mas à luz de seu conhecimento mais profundo dos resultados relevantes da arqueologia pré-histórica na Eu-

ropa (CHILDE, 1961: 19).

A propósito da observação de Childe (1961), no item VI de *A origem da família* (Barbárie e Civilização), F. Engels revela-nos que não desconhecia as pesquisas arqueológicas que se realizavam na Europa:

(...) Assim, foram encontradas em muitos lugares restos de oficinas para a fabricação de instrumentos de pedra, procedentes dos últimos tempos da Idade da Pedra (ENGELS, 1987: 180).

E ainda:

Os broches de bronze, por exemplo, mostram-nos com que uniformidade nasceram e se desenvolveram tais indústrias; os exemplares achados na Burgândia, na Romênia e nas margens do Mar de Azov poderiam ter saído da mesma oficina que os broches ingleses e suecos, e são sem dúvida de origem germânica (ENGELS, 1987: 160). ►



Para Engels, “não há dúvida de que a diferença entre os homens e os outros animais está na força do trabalho”

› MUITO ALÉM DO EVOLUCIONISMO CULTURAL.

As fontes de *A origem da família* ainda não foram devidamente estudadas. São ricas e bastante variadas – vão da antropologia à história.

A fonte histórica se baseia em historiadores clássicos, de Marcelino Amiano a Públio Cornélio Tácito, autor de *Germânia*.

Dos historiadores mais modernos destacam-se John Ferguson Mac Lennan, historiador da família e do matrimônio, Georg Ludwig Maurer, historiador alemão que fez vários estudos sobre o regime social da Alemanha na antiguidade e na Idade Média, Theodor Mommsen, autor de vários estudos sobre a história de Roma, Alexis Giraud – Teulon, discípulo de Bachofen; destacou-se, porém, como historiador da sociedade primitiva.

O objetivo de rastrear as fontes de *A origem da família* é para mostrar que F. Engels não se deteve apenas nos autores clássicos do pensamento evolucionista na antropologia, ele foi, de fato, muito além do evolucionismo cultural.

Mas uma coisa é certa: Engels escreveu *A origem da família* sobre a base de *Ancient Society* de Morgan (cf. Krader, 1979: 282).

Stedman Jones em *Retrato de Engels* (1979), diz que a intensidade de ódio de Engels pela propriedade privada, pelo governo, pela miséria da “civilização” transparece nitidamente na *Origem da família, da propriedade privada e do Estado* (JONES, 1979: 420).

A nosso ver, no texto de Engels não transparece nenhum sentimento negativo. Sua análise é fria e imparcial. Somente, às vezes, tem um quê anedótico, quando se refere ao adultério na família: “Com a monogamia, apareceram duas figuras sociais constantes e características, até então desconhecidas: o inevitável amante da mulher casada e o marido cornudo. Conclui assim: Os homens haviam conseguido vencer as mulheres, mas as vencidas se encarregaram, generosamente, de coroar os vencedores” (ENGELS, 1984: 72).

Voltando à doutrina evolucionista de Morgan e a sua visão de mundo. Teria sido Lewis Morgan um socialista utópico? Ou, mais precisamente: um materialista ingênuo. Esse questionamento foi feito por Alexander Krader em *História e Marxismo* (1979).

Na cosmovisão materialista “o movimento da história se deu num nível material, não no nível espiritual” (cf. Eriksen, 2007).

Nota-se que Marx e Morgan se envolveram com explicações materialistas. Apesar do escopo e os objetivos da obra de Marx contrastarem agudamente com os de Morgan (cf. Eriksen, 2007).

Mesmo assim, há afinidades entre os dois:

A afinidade das teorias de Morgan com as de Marx seria completa: “Na América, Morgan descobriu de novo, e à sua maneira, a concepção materialista da história – formulada por Marx quarenta anos antes – e, baseado nela, chegou, contrapondo barbárie e civilização, aos mesmos resultados essenciais de Marx”. Numa carta a Kautsky, do mesmo ano, Engels repetiria que Morgan redescobriu espontaneamente, nos limites que lhe traçava seu objeto, a concepção materialista da história de Marx, e suas conclusões relativas à sociedade atual são postulados absolutamente comunistas (CASTRO, 2005: 14).

No prefácio de Morgan à *Sociedade Antiga* ele afirma categoricamente que “A história da raça humana é um só – na fonte, na experiência, no progresso” (MORGAN, 2005: 44).

A experiência e o progresso na história do *Homo sapiens* transformam completamente o bicho homem. Tornando-o assim senhor absoluto do meio onde vivia, modificando-o a seu modo.



O matrimônio não poderia deixar de ser abordado em uma obra da natureza de A origem da família

Essa superioridade do homem sobre a natureza foi analisada argutamente por F. Engels, num trabalho pouco conhecido: *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem*. Diz Engels:

Os animais só podem utilizar a natureza e modificá-la apenas porque nela estão presentes. Já o homem modifica a natureza e a obriga a servi-lo, ou melhor: domina-a. analisando mais profundamente não há dúvida de que a diferença entre os homens e os outros animais está na força do trabalho (ENGELS, 1990: 33).

Engels, quando detalha os estágios pré-históricos da cultura, no início de *A origem da família*, refere-se a Morgan no que diz respeito aos progressos obtidos na produção dos meios de existência – leia-se trabalho. Ou seja: o homem dominando a natureza bruta. Eis a observação de Morgan, citada por Engels:

“A habilidade nessa produção desempenha um papel decisivo no grau de superioridade e ▶

domínio do homem sobre a natureza: o homem é, de todos os seres, o único que logrou um domínio quase absoluto da produção de alimentos. Todas as grandes épocas de progresso da humanidade coincidem, de modo mais ou menos direto, com as épocas em que se ampliam as fontes de existência” (ENGELS, 1987: 21).

A segunda parte de *A origem da família*, - sistemas de parentesco e formas de família, baseia-se em *A história do matrimônio humano*, de Erward Alexander Westermarck e, naturalmente, nas ideias de Bachofen, desenvolvidas em *Das Mutterrecht* (1861). Nota-se neste capítulo que a influência de Morgan é mínima. Domina em todo o texto as teses de Maxím Kovalévski, esboçadas no *Quadro das origens e da evolução da família e da propriedade*.

No final do capítulo, introduz

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A antropologia marxista ainda não descobriu *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* – as várias possibilidades que se tem de interpretar esse texto de Friedrich Engels.

Com a leitura dos estudos de Lawrence Krader sobre Marx, *Engels e o pensamento etnológico*, principalmente *Etnologie und Anthropologie bei Marx* (1976) revelou-nos a riqueza antropológica (etnológica?) de *A origem da família*.

Assim, partimos para estudá-la à luz da antropologia: o papel do evolucionismo biológico e social de L. H. Morgan (1818-1881) nessa obra de Engels.

É notório que “Morgan exerceu influência considerável sobre a antropologia posterior, especialmente sobre os estudos relacionados com parentesco, mas também sobre os materialistas culturais americanos e outros antropólogos evolucionistas no século XX” (cf. Eriksen, 2007: 31).

Rastreamos as fontes de *A origem da família*, para determinar o jogo intertextual implícito no texto de Engels. São vários autores citados. A fonte histórica baseia-se em historiadores clássicos: Marcelino Amiano e Públio Cornélio

um novo elemento: a comunidade familiar patriarcal, isto é, a vitória do direito paterno sobre o direito hereditário materno que, segundo Engels, resultou na “derrota histórica do sexo feminino em todo o mundo”:

O desmoronamento do direito materno, a grande derrota histórica do sexo feminino em todo o mundo. O homem apoderou-se também da direção da casa; a mulher viu-se degradada, convertida em servidora, em escrava da luxúria do homem, em simples instrumento de reprodução (ENGELS, 1987: 61).

Essa forma de família, conforme Engels (1987), “assinala a passagem do matrimônio sindiasmático à monogamia”.

Com ela surgem a escravidão, o adultério e a prostituição – a origem histórica e manifesta desses “males”. E Marx acrescen-

tácito – este último escreveu *Germania*. Obra bastante citada por Engels e utilizada na elaboração dos seguintes capítulos: *A gens entre os celtas e entre os germanos* (VII) e *A formação do Estado entre os germanos* (VIII).

Vê-se, pois, que F. Engels não se deteve apenas nos autores clássicos do pensamento evolucionista. Indo muito além do evolucionismo cultural.

Naturalmente, *A origem da família* foi escrita tomando por base *Ancient Society* de Morgan, como frisou L. Krader (1976).

Mas a segunda parte de *A origem da família*, onde trata de sistema de parentesco e formas de família, aparecem dois autores novos que são evidenciados no discurso textual. São eles Erward Alexander Westermarck (1862-1939) e Johann Jakob Bachofen (1815-1877).

Prevalecem no discurso textual vozes vivas vozes de Westermarck e de Bachofen, ou seja, *História do matrimônio humano*, de Westermarck e *O direito materno*, de Bachofen. Obras importantes para interpretação da família humana.

Por outro lado, domina em todo texto as teses do sociólogo e historiador russo Maxím Maxímovich Kovalévski (1851- 1916), considera-

ta: “A família moderna contém o germe da escravidão como também a servidão”, citado por Engels (1987: 62).

É exatamente nesse ponto (ponto de mutação?) em que encerramos a nossa leitura antropológica de *A origem da família*; praticamente, o próprio Engels, reconhece que afastou-se das ideias de Morgan, na segunda parte de sua análise.

Os próximos capítulos são *A gens iroquesa*, *A gens grega*, etc. Com exceção da Gens iroquesa – um capítulo inútil e desnecessário no contexto de *A origem da família*; os outros tratam apenas da civilização que, certamente, excede os limites de *Ancient Society*, como notou Engels.

Assim, então, concluímos a análise e interpretação da primeira parte de *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* – o restante está completamente fora dos objetivos e limites deste estudo, pois não há mais nenhum diálogo entre o texto de Engels e as ideias de Morgan.

do pelos seus trabalhos sobre revelações gentílicas primitivas.

Note bem: quando Kovalévski escreveu *Quadros das origens e da evolução da família e da propriedade*, publicado em Estocolmo (1890), Engels já tinha publicado *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (1884). Assim, somente na quarta edição de *A origem da família* (1891) entra em cena Kovalévski – está de corpo inteiro no texto de Engels.

Esses novos autores (atores?), como se diz, roubaram a cena de Morgan que, infelizmente ficou “esquecido” na avalanche textual que domina toda *A origem da família*. Chegando até Engels confessar ao final do capítulo II: “Voltemos, todavia a Morgan de quem nos afastamos muito”. E inicia o capítulo III: *A gens iroquesa*.

Terminamos a nossa análise e interpretação de *A origem da família*, quando cessou o diálogo entre esta obra e *A sociedade antiga*, de Lewis Morgan. ✦

Carlos Alberto Azevedo é antropólogo, membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) e conselheiro do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep). Mora em João Pessoa (PB)

Eu (não) sei o meu lugar

(A PROPÓSITO DE QUE
HORAS ELA VOLTA?)



Regina Casé faz o papel da empregada doméstica Val em *Que horas ela volta?*

Genilda Azerêdo
Especial para o *Correio das Artes*



Que horas ela volta?, da diretora Anna Muylaert, é um filme que tem como protagonista uma empregada doméstica, chamada Val, representada por Regina Casé. Tal como as protagonistas Macabéa, de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e Biela, de *Uma vida em segredo*, de Autran Dourado – cujas vidas são aparentemente destituídas de interesse e significância –, Val não parece ter uma vida relevante para ser registrada ou partilhada. Sua vida define-se pela árdua rotina de trabalho doméstico, no casarão desta família do Morumbi, em São Paulo.

A escolha da cineasta Anna Muylaert por dar visibilidade a uma subjetividade socialmente desvalorizada e marginalizada já evidencia uma subversão das posições tradicionalmente ocupadas pelos diferentes grupos sociais e subjetivos: classe dominante e subalterna; empregados e patrões; pobres e ricos; nordestinos e sulistas; favela, periferia e Morumbi; estudantes de escola privada e estudantes de escola pública; pais e filhos, ou, mais especificamente, mães e filhas.

Em *A partilha do sensível*, Jacques Rancière afirma que “a questão da ficção é, antes de tudo, uma questão de distribuição dos lugares”. O que se vê? Quem vê? Quem é visto? Quem tem poder de mostrar? O que se vê a despeito de não ser (ou de ser) pouco mostrado? O que vale a pena ver? Essas são questões desde sempre imbrica-

das em relações de (falta de) poder que interferem diretamente na apreensão das diferentes sensibilidades e subjetividades. Considerar a questão da ficção como uma questão de distribuição de lugares significa chamar a atenção para o potencial político da ficção – não apenas em contexto literário (como os exemplos acima ilustram), mas em contexto audiovisual e fílmico. Significa subverter uma ordem tomada como regra, como pré-estabelecida, de modo a desordenar o discurso do “sempre foi assim”. E sendo o cinema uma arte de grandes públicos, uma das interferências desta distribuição pode supostamente acontecer em relação à própria audiência e recepção, ao lugar do espectador.

Não sem razão, é o curso de arquitetura que Jéssica (Camila Márdila), filha de Val, quer estudar na FAU – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Uma das formas de se compreender *Que horas ela volta?* é exatamente a partir da configuração espacial, do modo como os personagens se movem e circulam nos diferentes espaços, em sua travessia de limites e fronteiras; também a partir de vislumbres no esboço de novas subjetividades políticas. Jéssica é inteligente, segura, observadora, questionadora, corajosa e sensível (segundo um espectador, quando da exibição do filme, Jéssica é “metida” – um adjetivo que dá bem a medida de sua ação e interferência no espa-



Anna Muylaert é roteirista e diretora de cinema e televisão. Dirigiu *Que horas ela volta?* e *Chamada a cobrar*, entre outros filmes

ço da casa). A dupla subjetividade como filha e mãe também diz de sua maturidade. O fato é que sua chegada à casa do Morumbi instaura uma mudança positiva e irreversível, principalmente para Val, sua mãe.

Inicialmente inconformada por ter que ficar na casa dos patrões da mãe, e ainda mais, no quartoinho asfixiante dos fundos – mas não é este o lugar desde sempre designado pela configuração arquitetônica para as empregadas domésticas? – Jéssica reclama que ali não poderia estudar. Em *passageio* inicial pela casa, descobre a existência de um quarto de hóspedes e “força” uma mudança do quarto dos fundos para este novo espaço. É claro que sua mãe sente-se constrangida diante dos patrões – um constrangimento que aumenta à medida que a narrativa avança, já que sua inserção no quarto de hóspedes deflagra uma penetração em outros espaços da casa, a exemplo da cozinha, da sala de jantar, da piscina, do ateliê.

Os patrões parecem inicialmente compreensivos e amáveis, recebem Jéssica com flores, conversam com ela sobre o curso que ela quer fazer, sobre a escola que frequentou, etc. O marido, José Carlos (Lourenço Mutarelli), mostra-lhe a casa, empresta a Jéssica um de seus livros, convida-a para sentar-se à mesa com ele, a partilhar a refeição – permite, inclusive, que ela saboreie o sorvete diferenciado de Fabinho (Michel Joelsas) –, convida-a para conhecer seu ateliê e até lhe dá de presente uma de suas telas! E não demora muito para José Carlos abraçar Jéssica de um modo estranho, que extrapola limites. A eventual sequência do pedido de casamento é toda permeada pelo mútuo constrangimento – afinal, qual o lugar do marido na casa, naquele casamento? E o que, de fato, ele quer com Jéssica? Resquício de um tempo quando era comum aos patrões frequentarem o quarto de fundos de suas empregadas (ainda que Jéssica não seja empregada doméstica) para outros “serviços”.

Em termos de linguagem fílmica, *Que horas ela volta?* está mais para a *transparência* do que para a *opacidade* (para usar os termos de Ismail Xavier), mas seu modo realista e despretensioso de narrar também contém nuances metafóricas instigantes. Tal é o caso do presente de aniversário – uma garrafa térmica com um conjunto

de xícaras para café, que Val compra para dona Bárbara (Karine Telles), sua patroa –, inicialmente um objeto meramente referencial. Ao recebê-lo, Bárbara agradece e diz que o mesmo seria usado em uma ocasião especial. Por isto, Val, ingenuamente, não hesita em inaugurar-lo na festa de aniversário de Bárbara. Acontece que o conjunto para café destoa do refinamento das outras louças e bandejas, e Val é repreendida por querer servir café aos convidados no mesmo.

Uma característica do jogo de xícaras é que ele mistura as cores branca e preta, fazendo pares com pires branco e xícara preta, ou pires preto e xícara branca. Considerando o contexto geral do filme – que tem como problemática a convivência entre pessoas de classe social diferente –, a mistura no objeto é metafórica de uma mistura que se vislumbra no nível das relações sociais e humanas. Uma mistura, inclusive, que é ressaltada através do cartaz que divulga o filme – Fabinho (filho da patroa) com a cabeça deitada no colo de Val (empregada). Ao final do filme, quando Val pede demissão e decide “roubar” o presente que ela havia dado à patroa, o objeto volta a servir uma função referencial, a de servir café, mas agora imbuído de uma partilha genuína entre mãe e filha.

Ainda sobre a festa de aniversário de Bárbara, trata-se de um evento social em que fica muito visível a invisibilidade de Val. Ela circula pela casa, com a bandeja na mão, servindo os convidados, mas ninguém sequer olha para ela. Quando ela passa, as mãos dos convidados alcançam mecanicamente a bandeja, mas seus olhares jamais se direcionam a Val, jamais a percebem como sujeito.

Outro dado que desliza do referencial para o metafórico diz respeito ao “figurino” de Val. Em dois momentos, ela aparece usando camisetas de países estrangeiros: Viena/Áustria e Houston/Texas/USA. Certamente devem ter sido presentes de viagens dos patrões, viagens que Val talvez nunca venha a fazer. Ou seja, ela “veste a camisa” daquilo que sequer conhece.

O título *Que horas ela volta?* alude a três diferentes temporalidades e contextos. No início do filme, é a pergunta que Fabinho, ainda criança, faz a Val, referindo-se a sua mãe (Bárbara). Eventualmente, a mesma pergunta é

feita por Jéssica, que foi deixada pela mãe (Val) em Pernambuco, para ser criada por Sandra (evidentemente, com o dinheiro seu enviado por Val). No momento presente do filme, imaginamos que a mesma pergunta deve ser feita por Jorge, filho de Jéssica, também deixado em Pernambuco, enquanto a mãe veio prestar vestibular em São Paulo.

As diferenças positivas advindas da presença de Jéssica são alentadoras: 1. A despeito de todas as adversidades, ela faz mais pontos no vestibular que Fabinho; em certo sentido, algo já antecipado pelo espectador quando compara os dois, e quando ouve Jéssica dizer que gosta de ler. Jéssica não estuda apenas para o vestibular, mas para um aprendizado geral, para a vida. 2. É por causa das atitudes de Jéssica que Val, pela primeira vez, entra na piscina, ainda que de roupa e escondida, um gesto simbólico de subversão e travessia de limites; 3. É também por causa de Jéssica que Val pede demissão, decide ir morar com a filha e se dispõe a pagar a passagem de avião – de avião – para o neto vir ao encontro das duas.

Que horas ela volta? é um filme tocante, e constitui um convite à percepção da diferença – inicialmente, em termos de seus efeitos negativos, ligados à discriminação – como quando, por exemplo, Bárbara diz a Val que Jéssica deve circular apenas da cozinha para o quarto dos fundos. Ou quando manda esvaziar a piscina porque Jéssica a “contaminou” (a mentira inventada, a de que tinha visto um rato na piscina, é imediatamente compreendida por Jéssica e pelo espectador). São várias as razões por que admiramos Jéssica e suas ações subversivas, afinal, as coisas não são como são simplesmente porque alguém disse que tinham que ser assim. É preciso questionar quem disse que as coisas são como são. E por quê. Este é o ensinamento de Jéssica à sua mãe. Jéssica tinha tudo para ser traumatizada, fraca, revoltada. Mas sua sensibilidade e crença na vida são potencialmente transformadoras. E Val compreende que seu lugar no mundo pode ser outro – mais arejado, mais igualitário, mais acolhedor, mais humano e afetivo. ■

Genilda Azerêdo é professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e pesquisadora-bolsista do CNPQ. Mora em João Pessoa (PB)

EM MEMÓRIA DE

Angelina dos Santos

*de tanto morrer antes
foice veloz no pescoço
de vez*

Vamberto Spinelli Júnior, "para sui e cida".

Wander Shirukaya

Especial para o *Correio das Artes*

O homem esperava ansioso do lado de fora do banheiro. Volto já, não demoro, meu amor. Como um cavaleiro aguardava, abrindo um champanhe. Angelina se olhava no espelho, observava com atenção. Os sapatinhos de cristal, caríssimos; as meias finas delineando as pernas grossas e tenras, marcas preciosas de seus vinte e dois anos; o vestido branco cravejado de pequenos pontinhos cintilantes, o colar mergulhado no busto com uma discreta esmeralda em seu centro; as luvas tão alvas quanto o vestido, trêmulas por causa das mãos; o rosto com maquiagem impecável, leve sombra azulada adornando os olhos cor de mar, que brilhavam mais que a tiara de brilhantes à testa, como querendo se lavar;

se lavar na pequena gota de lágrima que escorria, indo parar perdida entre as rosas do buquê. Parabéns, Angelina.

Por sinal, o banheiro parecia ter sido criado para coadunar-se à beleza de Angelina. Muito espaçoso, mas bem sabia ela que, por maior que fosse este, não conteria seus sentimentos querendo explodir. Retocava a maquiagem com o dedo mínimo. Lágrima chata. O som de piano percorre o banheiro, vem de fora. Ele pusera música clássica para a ocasião. Ploc! Esse estalo deve ser outro champanhe sendo aberto. Ela sorriu ao ouvir-lhe a voz. Já está pronta, meu anjo? Calma, meu amor! Estou indo, disse ela sorrindo para si ao espelho, atenta para a beleza, atenta para as pérolas, atenta para seu belo sorriso. ▶

► Belo?

A parábola formada pelo belo sorriso esvaneceu-se aos poucos, sobrou uma linha reta e sem muita expressão. As duas mãos forçaram o buquê. Ai! Sentiu um espinho lhe fisgar o dedo, tal qual um sinal. Olhou-se ainda mais pelo espelho. Que é que eu estou fazendo aqui? Deu alguns passos para trás, quase tropeçou em sua grinalda. Querida! Aconteceu alguma coisa? Eu... já estou indo, meu amor! Deparando-se com o fato de não poder mais se esconder, pensou em atirar o buquê no vaso; acabou apenas por colocá-lo próximo à banheira, com delicadeza. Abriu a porta, arqueando antes os cantos dos lábios para cima.

Seu homem admirou-se ao ver a bela vindo do corredor em direção ao quarto. Os olhos dela pareciam buscar algo mais distante, atravessando tudo, cortando as caprichadas cortinas de seda azulada que tremulavam leves com o pouco vento que vinha da janela entreaberta. Mal viam os quadros de muito bom gosto na parede, os tapetes felpudos que a conduziam para a cama que mais parecia uma intensa reunião de plumas formando um perfeito ninho de amor, em que se encontrava o homem de posse de duas taças de champagne. Seus ouvidos não buscavam as melodias que retalhavam o quarto, insinuantes e sedutoras por excelência. Ela não estava ali, tanto que parou pelo caminho. O coração pulsando no seio. Tinha mesmo que ser assim?

Angelina pensava e repensava em seu mundo aquilo tudo, a emoção, o sentimento, o luxo. Eu não mereço tudo isso, meu Deus. Mais uma vez a lágrima foge, como quem diz para que fugisse. O que estou fazendo da minha vida? E respirava fundo e expirava e pensava e não sabia que ordem seguia para estas ações que se costuravam no tremer dos pés, no coração que não queria, na razão que a retalhava fria e severa na promessa de um final feliz. Por um final feliz, é, eu tenho que fazer isso. Os pensamentos de Angelina enfim a conduziram ao seu homem, senhor bem apanhado, elegante, um primor, cavalheiro por excelência. Isso tudo é alegria,



é? A lágrima que viu não conseguia responder, mais um meigo sorriso se seguiu na tentativa. Um gole da bebida, a mão envolvendo a cintura, o beijo quente na nuca. Vem, meu amor... Tenho que fazer isso. Por ele, meu filho, apenas.

O sorriso de Angelina se portava em idas e vindas, de acordo com o olhar do homem que tirava o *smoking*. Agarrava forte sua cintura, deslizava a mão por suas pernas. O sussurro era encoberto pelo som do piano; para ela mais parecia o sussurro um grito. Ele se sentia mais forte ao perceber o gemer. Angelina puxou as luvas, cravou as unhas no corpo dele, apertava forte. Vem, meu amor! As taças delicadamente postas no criado-mudo – que não falava, mas se deleitava com tamanha beleza na cena. Essa cena arde, o vestido ferve, os lábios tremem. Ela chama, nem se aguenta em pé, ele atende, rompendo-lhe o vestido.

O seio à mostra, o corpo arrepiado do frio do beijo, do frio da janela querendo conter o fervor. Ele a penetrou, um cavalheiro até

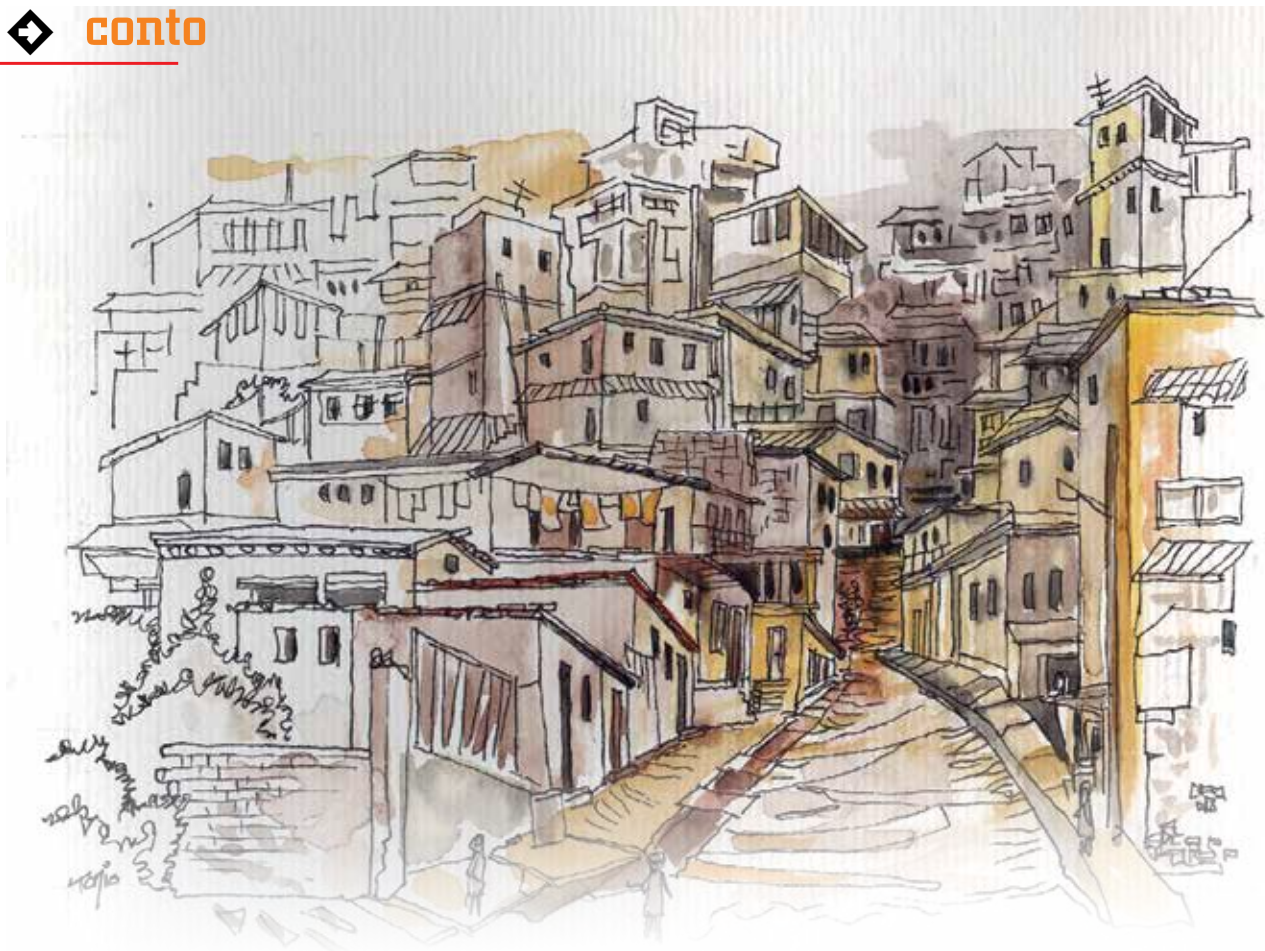
nisto, seguiu-se o gemido de Angelina, um dos mais carregados de lágrima que já se ouvira. Ao fim do ato, ambos nus entre os lençóis com bordados de anjo, Angelina deitada com a cabeça no ombro dele, ainda ofegante. Meu, Deus, o que estou fazendo aqui? E os pensamentos de Angelina vertiam lágrimas mornas que chamaram a atenção. Por que o choro? Nada, meu amor! Estou feliz! Relaxe. O sorriso sem sal ia e voltava durante a conversa. Ele já pegava no sono quando percebeu o corte da música, ela de pé, desligando. Vou ao banheiro, já volto. E no banheiro se olhou novamente ao espelho, não se reconhecia, se-minua, os olhos borrados do azul da maquiagem, das lágrimas, do suor. Uma lágrima correu novamente, implorando para ser morta. Me mate, Angelina, me mate, me mate!

— Aaaaah!

O grito ecoou forte na noite, dentro e fora do imenso banheiro, o sangue nas mãos, obra do golpe direto no espelho, os cacos de vidro escorrendo como lágrimas. Ele empurra a porta que estava entreaberta, ela chorando sentada no vaso. Por ele, meu Deus, por ele. Esses pensamentos a fizeram engolir o choro, sorrir novamente para seu homem. Desculpa, meu amor! Vem cá.

O homem a chamou de volta para cama, pegou as calças para se vestir. Você não está bem. Não gostou? Ela mais muda, sorrindo ainda sem graça, enrolando uma tira de pano na mão. Kelly, você sabe que isso não estava previsto, não sabe? Angelina fez que sim, enquanto punha a saia e uma blusa. Não se preocupe, tá? Gostei tanto de você que não vou descontar os estragos. Ele abriu a carteira, ela recolheu o valor em sua bolsa. Quer que te deixe em algum lugar? Me deixa na Avenida de Todos os Santos, perto da ponte. Por favor, desculpa, senhor. Tudo bem, meu anjo. ❖

Wander Shirukaya é Mestre em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), desenhista, músico e escritor. Publicou *Balelas* (2011) e *Ascensão e queda* (2015). Participou das antologias *Contos de sábado* (2012) e *Goiana revisitada* (2012). Mora em João Pessoa (PB)



Coincidências

Manoel Herzog
Especial para o *Correio das Artes*

Houve tempo em que não acreditava em nada além do que viam os olhos. Ainda, do que estes viam, algo havia de que desconfiasse, negando evidências. Esse tempo se foi, hoje de nada duvido. Antes, a única coisa em que efetivamente não acredito são as coincidências.

Naquele tempo o Casqueiro era um bairro pobre, quase favela, as ruas de terra tinham valas, esgoto a céu aberto. Pior do que é hoje a Vila dos Pescadores, antiga Vila Siri, favela que está virando bairro.

Sandra conheci na escola. Era mais velha dois anos. Não bastasse a natureza avançada das meninas, desenvolvem-se antes de nós na adolescência, estes dois anos criavam, à época, um distanciamento abissal. De maneira que sempre fitei Sandra de um ponto escondido, atirador de elite cujos tiros malogravam.

Posição privilegiada, pontaria péssima.

Doeu quando ela, minha musa sem o saber, passou a se interessar pelos garotos do colegial. Estávamos na sexta série. Fosse fazer uma colocação de acordo com nossa maturidade sexual, ela estaria às portas da faculdade, aspirando a baixinhos, eu ainda no primário. Chamava assim naquele tempo, colegial, ginásio e primário. Assim foi que amarguei ver Sandra de graças com jogadores de futebol e vôlei, os bons da educação física, sujeitos que já ostentavam muitos pentelhos e alguma barba, bem mais altos que eu. Isto a ponto de sequer considerarem minha hostilidade, viam-me apenas como um fedelho mal humorado. Era um colégio público de subúrbio, o Castelão. Dos amigos do primário, dois terços chegaram ao ginásio. Destes, um oitavo, digamos, chegou ao colegial. ▶

► Dali pra faculdade fomos eu e mais dois, que me recorde: Luciano, hoje economista, e Zeca, advogado. A favela, o desemprego dos pais, o trabalho precoce dos estudantes, tudo tragava o contingente de meninos à vala da pobreza, financeira e cultural. Conforme o Casqueiro virava bairro de classe média, a população original, tangida, ia saindo. Sandra também, chegou só ao primeiro colegial. Mudou pra Vila Socó, hoje São José, em 1982, o que não impediu que a reencontrasse, quando já cursava eu a universidade e tinha um emprego relativamente bom numa indústria. Dei sorte na vida. Me aguentei lá. Não fui pra favela.

Isto se deu de forma curiosa, no princípio dos tempos em que comecei a ver com olhos mais céticos as coincidências. Trabalhava comigo, lombando sacarias, um tipo por nome Pedro, alcunhado Venta-de-Boi. Era um negro de nariz grande e achatado, as narinas tão anchas que se podia, diziam, ao levantar do queixo, ver-lhe os miolos. Sujeito rude e briguento, metia-se em confusões por nada. Diziam ser macumbeiro. Certa vez o engenheiro da área onde trabalhava caiu doente, perdeu todos os cabelos e vinte quilos. Nenhum médico descobriu. A AIDS estava começando. Todos falavam que fora macumba do Pedro-Venta-de-Boi. Ele não negava, gozava o prazer do poder atribuído. Não sei por que situação difícil passei que me fez fraquejar no ceticismo, fiz ao Venta uma consulta espiritual. Ele se dispôs a me ajudar, levando-me ao centro onde, soube-o ali, era pai-de-santo. Pedro morava então na Vila Socó, isto foi uns anos antes do incêndio que destruiu a favela. Fomos no meu carro, que até carro eu já tinha naquele tempo. Dei sorte na vida. Perguntou se teria problema dar carona à sua vizinha, falei que não. Pois a vizinha era a Sandra, ainda bela, só um tanto judiada. Não lembrava mais quem eu era. Ali, de carro e tudo, pentelhos e barba, falando bonito, fui encantando a Sandra até o centro. Dias depois da consulta liguei para tomarmos um chope. Saí da minha tocaia e ba-



leei Sandra à queima roupa. Era o dia 27 de dezembro de 1982. Consolidado o namoro, nos juntamos. Fiquei amigo do pai dela, Pedro também, por apelido Pedrão-Bigode, um tipo forte e calado, com o qual ninguém se metia. Tinha um bar na favela de Vila Socó antes do incêndio de 1984. Depois, indenizado, mudou pra Vila dos Pescadores. Montou outro. No bar do Pedro se jogava a dinheiro. Polícia não se metia muito, levava algum e deixava quieto.

A coisa com a Sandra durou uns anos, bem mais do que eu suportava. À medida que avançava no emprego e no estudo, criou-se uma distância entre meu mundo e o da Sandra. De onde estava, esgotado o Casqueiro na minha vida, tinha eu dois caminhos: mudar para Santos, de preferência pro elegante bairro do Gonzaga ou ir pra favela. Sandra não quis mudar, fez valer a baixeza de sua classe. Não bastasse a sucessiva gritaria com que expunha minha intimidade aos vizinhos, achou de fazer concessões a meus antigos inimigos de escola, que começou a receber em casa. Estes hoje não deveriam me incomodar, simplórios, menos aquinhoados na vida que eu. Mas Sandra procurava sua turma, e eu passava o constrangimento de perder ponto para quem julgava inferior. Não tardou a que eu desse uns espanques na Sandra, merecendo o ódio de meu sogro Pedrão-Bigode, homem que se mostrou violento e, sendo amigo de policiais, me levou na vida a algum risco. Esse combinado de nuances da miséria começou a me incomodar. Neguei minhas origens, sumi do Casqueiro.

Além disso a que me vi exposto, ainda deu o Venta-de-Boi, Pedro que nem o pai da Sandra, e tão perigosa ligação para mim quanto, de me hostilizar. Pedras no meu caminho. Fui obrigado a desprestigiá-lo numa situação conflituosa na companhia. Tomei as dores de outro funcionário, disso dependia uma promoção que eu almejava. Não pensei duas vezes para vender o Venta, que guardou profundo rancor por tal fato. Também por- ►

▶ que entendeu que depois do enrosco com a Sandra eu passara a desprezar nossa amizade, ele se julgava responsável pela nossa união, queria que frequentássemos sua casa, etc. O Venta era bom pra roda de samba, mas não dava pra privar de muita intimidade com ele, ainda mais agora que eu estava perto de me formar, já encarregado, quase engenheiro. O problema era que além de ser um sujeito valente e ignorante, o Venta tinha seus brios e, ofendido, deu para me afrontar de uma forma complicada, escarrando quando eu passava. Fiz de bobo um tempo, depois achei que ia acabar tendo que tomar alguma atitude, para não ficar feio na fotografia. Para não ter de ir a vias de fato, sugeri à chefia sua demissão. Ele nunca soube.

Poupou-me deste trabalho ingrato de usar de valentia o Zé Caju, no exato dia 27 de dezembro de 1991. Zé Caju não, a Providência. Pedro-Venta foi demitido da companhia. Desempregado, achou de vender droga. Tornou-se um sujeito verdadeiramente perigoso, dando vazão a sua veia de valente e angariando fama na

favela como patrão do tráfico. A miséria embrutece. Se eu estava livre dele no meio profissional, agora calhava de cruzá-lo pelas ruas, visitava sempre o Casqueiro. Aí entrou o Zé Caju na história. Este era um sujeito magrinho, bobo de tudo. Vivia no bar, gostava de tomar umas canas. Não mexia com ninguém, não fosse pela índole pacífica, mas também porque o porte físico acanhado não o garantia. Era um bosta, mas ninguém desgostava dele. Estava no bar do Plácido, perto da passarela que atravessa à Vila dos Pescadores, tomando sua cerveja, naquela tarde. Pedro-Venta-de-Boi entrou e chegou a trocar algumas palavras com ele – eram amigos. Não sei no que deu a coisa, mas depois de algum tempo o Venta passou a desaforar o Zé Caju, que ficou bem quietinho. Além de desaforar, deu-lhe uns tapas na cara, e mandou ele vazar do bar. Dali o Pedro atravessou pra favela. Zé Caju, engolindo o choro, não acatou o mandamento. Choro engolido fermenta, é um veneno. Não sei onde consegui aquele punhal, mas se armou e ficou no bar, chegando ao desaforo de

pedir mais uma cerveja, não acreditava que o valente fosse voltar. Armou-se só pra dizer a si mesmo que era homem. Só que o Diabo não dorme nessas horas, e o Venta, desempregado e agora bandido, tão logo chegou em casa, não sei por quê achou de voltar no bar para bater em mais alguém. Digo não sei por quê, mas sei que se trata de algo diverso de coincidência. Venta-de-Boi sequer se deu ao trabalho de achar novo destinatário pra sua ignorância, o próprio Zé Caju, desobediente, quedava ali, ignorando, e mais, tripudiando o comando de outra. Saiu dando-lhe sopapo, cego de bebedeira, droga e raiva, e com o Cão assoprando maldade em sua cabeça. Era a hora dele. Não contava que o Zé Caju guardasse o punhal embaixo da mesa, o mesmo que varou seu umbigo, indo sair de ponta bem perto do rabo. Venta ficou três dias no hospital, sempre que lembro chego a sentir a dor da punhalada no meu próprio umbigo. Depois dos três dias não agüentou e, para alegria de muitos, eu inclusive, finou-se o Venta. Quase ninguém foi no enterro. ▶



► Eu lembro que até a Sandra, que tinha medo do Venta-de-Boi, ficou aliviada depois do crime. O Zé Caju vazou lá pros lados de Mato Grosso. Passou uns dias me ligou – eu nem tinha amizade com ele. É que eu conhecia um advogado, o Zeca, amigo de escola. Falei com ele, preparou a apresentação do Zé Caju, que nem chegou a ir em cana. Legítima defesa: defendeu seus brios. Talvez se houvesse cansado de ser um bosta na vida, dera de carregar consigo, nos últimos tempos, o punhal do pai, o velho nunca aceitou sua covardia. Prestou contas ao pai, estavam quietes. Morreu uns meses depois, atropelado na Via Anchieta, bem embaixo da passarela de acesso à Vila – preguiça de subir, ou vontade de cumprir o destino.

Por duas semanas fiquei de boa com Sandra, que não fez mais baixaria. Achei mesmo que o Venta-de-Boi fosse um agouro enquanto vivo, e que perdera a condição de espectro com o trágico passamento, deixando minha vida em paz. Essas coisas esotéricas geram muita especulação, e sempre se fica sem uma comprovação científica, lamentavelmente. Depois, concluí que a paz trazida pela ausência do Venta durou só o tempo de seu ingresso pleno no mundo do além. Lá chegando, no prazo das duas semanas de minha breve felicidade conjugal, voltou a importunar, colado o grau de oficial de fantasma, e a Sandra voltou a berrar e ficar de graça com os otários do bairro.

Usei de alguma violência com ela, seguramente pedagógica e bem inferior à que ela merecia. Não considerou assim, no entanto, o pai dela, Pedrão-Bigode, e preferiu no bar, no meio da jogatina, minha sentença, jurando-me e levando a filha de volta para casa.

Por aqueles tempos achei mais seguro realizar meu antigo sonho, e mudei pro Gonzaga, onde aluguei um kitchnete barato. Os amigos meganhas do Pedro-Bigode não iriam atrás de mim. Eu é que ia de vez em quando atrás da Sandra, a gente se encontrava, dava uma, depois brigava. Muito feio. Cheguei a pensar que nunca ia me livrar daquilo, e que o Pedrão teria ra-

zão se me matasse. Não é fácil chegar a engenheiro.

Não tardou muito a que a Providência viesse de novo em meu auxílio. Um dia – dia 27 de dezembro de 2000 - estourou uma guerra de traficantes na favela, alcaguetaram a jogatina no bar do Pedrão-Bigode, dizendo que lá rolava droga, e a polícia, num tiroteio, acidentalmente alvejou o pai de minha doce inimiga. Fui no enterro, por uma questão de consideração, e a despeito da briga recente. Aconteceu no cemitério do Saboó, exatos dezoito anos depois do dia em que encontrei a Sandra, e nove meses do dia em que mataram o Venta-de-Boi. Foi este o penúltimo dia em que a vi. Há quem creia em coincidência, e até eu mesmo creditaria em tal conta o fato, não fosse ter visto acompanhar o féretro do Bigode ninguém menos que o Venta-de-Boi e o Zé Caju, redivivos, fitavam-me de longe. Travei, impossibilitado de gritar ou denunciá-los naquela fúnebre cerimônia. Fiz orações e tributei meus respeitos a este fato, que interpretei como de sinal divino.

Depois de outros nove meses, a Sandra foi quem morreu, vinha perdendo peso e cabelos. Eu não ia visitar. Envolvido naquela lama, julgava muita sorte não ter sido contaminado. Hora de parar. Recusou tratamento, que então já existia, se eu não fosse vê-la. Não fui, pagando meu tributo ao medo e escapando de comentários – vai que me julgassem contaminado. Uma vez morta, também não fui ao enterro – fobia, dela e do Saboó.

Depois disto a vida deslanchou. Moro aqui no Gonzaga, nem conheço meus vizinhos. Passo pelo Casqueiro todo dia pra trabalhar na Companhia, em Cubatão, mas batido. Sou um engenheiro considerado no meio – ao menos entre a chefia. Os comandados têm certa reserva comigo – na dividida, vejo meu lado. Faço minha oração diariamente pelos mortos na tragédia da Vila Socó, na ida e na volta. Sinto compaixão por estas vítimas da miséria da qual escapei. Dei sorte na vida.

No dia 27 de dezembro de 2009, voltava da companhia, de

carro, para casa. Havia um dos tradicionais congestionamentos na entrada da cidade, devido a um acidente em frente ao Parque Maria Patrícia. Entrei, para tomar atalhos, pelas ruas laterais do bairro Chico de Paula, passei por trás do Instituto Médico Legal, vim cortando por entre conjuntos residenciais até os fundos do cemitério. Nunca tinha andado por ali. Pensava que por detrás houvesse um acesso ao Morro do Saboó, e dali de volta à pista. Engano: o fim da rua de trás do cemitério dá-se numa parede. Fiquei parado, entre a frente de umas casas antigas e os fundos das carneiras, uns cinco andares de mortos deitados. Frente a esta parede branca, entre o limo da caiação dos fundos do cemitério e a porta de uma casa que limitava direto com a rua foi que eu vi os quatro conversando animadamente: os Pedros, Venta-de-Boi e Bigode. Ao lado deles tomava parte no assunto o Zé Caju, um bosta. Mais que tudo isso, ali estava também a Sandra, de shortinho e aparelho no dente, e dava um jeito de esfregar a bunda meio sem querer na cintura do Zé Caju. Saí dali de marcha à ré e nunca contei isso a ninguém, pra não pagar de louco. Vinte e sete anos passados, três vezes nove os fatos sucedendo. Quem quiser jogue na conta do imponderável, ou diga que são coincidências. Pra mim, há uma orquestração.

Manoel Herzog (pseudônimo de Germano Quaresma) é escritor. Nasceu em Santos (SP), em 1964, onde mora e coordena oficinas de literatura, na Estação da Cidadania, pelo projeto Ponto de Cultura. Em 1987, estreou com o livro de poemas *Brincadeira surrealista*. Publicou os romances *Os bichos* (2012), *A comédia de Alissia Bloom* (2014), *Companhia Brasileira de Alquimia* (2013) e *Amazônia* (2009). ◀

Manoel Herzog (pseudônimo de Germano Quaresma) é escritor. Nasceu em Santos (SP), onde reside. Publicou, entre outros livros, *Os bichos* (Romance, 2012), *Companhia Brasileira de Alquimia* (Romance, 2013) e *A comédia de Alissia Bloom* (Poesia, 2014).

O profeta Seráfico do Boi

José Leite Guerra

Especial para o *Correio das Artes*

Poderia nem haver acontecido. Mas deu na cabeça de Seráfico em ser Capitão de Cangaco. Logo ele que escutara dos mais velhos as malvadezas de Lampião e seus asseclas, ansiava por reeditar, no hoje convivido, tempos outros, algumas aventuras que o colocassem na história, nem que fosse criação de um conto, de uma invenção, de um desmiolado texto. Ele, Seráfico do Boi, era meio doido, fora recolhido em albergues, fugira matagal adentro, comprara um alazão magérrimo, esperou que lhe ovacionassem, esperou, esperou. Tinha uma garrucha meio enferrujada no fundo do baú da avó. A avó vivia tricotando suas manias, seus murmúrios, suas reumáticas conversas, suas falções com ninguém. Dizia conversar com o anjo da guarda, um menininho nu, a pintinha de fora, asas vastas vistas por ela em sua caduquice. Jurava de mãos postas que o anjinho lhe aparecia, revelando coisas proibidas do além. E profetizava um futuro para o neto Seráfico: domaria o alazão, estiraria por espichadas terras sua aventura, levantaria fardos, faria milagres, mataria gente safada, ressuscitaria costumes, escreveria com sangue, andaria caminhos imprevisíveis, tocaria a lua brava das noites do sertão, conversaria com Deus suas orações, amansaria doenças incuráveis, enfim, pelo que ela, a avó Gumerinda previa, haveria um novo messianismo diferente de todos os outros, muito diferente de enganação ou aritmias fanáticas. Se eu disser que a conheci, ninguém acredita. Portanto, fiquemos no desconhecimento mesmo. Se eu disser que Seráfico conversou comigo apocalipses e prosas misteriosas, ninguém daria crédito. Assim, melhor continuar nessa prosa duvidosa, tida por quem está lendo este depoimento como fugitiva da verdade. Acreditem ou não, vamos escrevendo que escrever é um dote transcendental, quando se lança casos ou causos na virgindade de uma folha branca que, antes, estava em paz. Seráfico do Boi, pirralho de calças curtas de fundo rasgado, gostava de puxar as tetas da vaca do pai, um exercício meio cansativo, que o deixava por demais gratificado ver a espuma no balde escorrer até tocar o chão cagado de merda mole e quente. Nunca fora à escola. A cabeça era um nó cego, não aprendia nada, deixava voar as mais rudimentares contas e o alfabeto lhe era um código indecifrável. Não, não nascera para ler, nem escrever letras. Lia e escrevia doutra forma. Uma forma primitiva e rústica de cinzentas e contorcidas avenidas naturais em pedra e barro, atrás de alguma

rês desobediente e dispersa. Seráfico do Boi crescia em tamanho, idade e graça. Fez-se homem completo, musculoso, a avozinha mantendo os murmúrios vagos e meio incoerentes. O anjo ia fugindo dela, a comunicação prejudicada, ela esquisita, até que estatelou. No quarto de lua cheia a pular sua claridade pela janela aberta. Após o enterro, Seráfico do Boi começou a meditar mais com clareza e compreensão sobre o que lhe confidenciara vó Gumerinda: enquanto assim procedia, um clarão estalou do alto do céu nu e lhe veio tal de pensar em ser cangaceiro do bem. Ora, que contradição! Visto e revisto pela História contada, medidas e pesadas as malvadezas do terror, a fazer e acontecer, levando rosários e amuletos pendurados. Paramentado naquela inspiração de imitação atualizada de lampiões acesos. Uma penumbra de ventilação, um arremesso de bala engatilhada, e lá vai Seráfico do Boi na solidão de seu sonho canhestro, certo e atravessado redimir todas as hesitações e crueldades cometidas pelas violentas histórias: as de crianças que eram retiradas das redes na caatinga e atravessadas pela ponta dos punhais, de velhos sovinas que eram forçados a defecar sem querer, de sacas de sal mastigadas por inocentes, por tudo, enfim que sofreram, em tempos atrás, algumas pessoas atanzadas pelos bandos que faziam suas justiças particulares. Um clarão de novo rasgou do alto de uma nuvem arroxeadada pelo calor imenso e dela surgiu um pingo d'água que caiu sobre o solo, bem perto da alpercata do Cangaceiro Redentor Solitário. E, acreditem ou não, perfurou o solo duro e cavou um riacho que se foi escorrendo, um lagarto líquido e cristalino e, por onde passava, floriam verdes e coloridos jamais esperados pelo herói profetizado pela santa avó Gumerinda dos Anjos Santos. Eram roseirais repentinos e, como se não bastasse, umas vozes afinadas, sons de violas acompanhando, de repente um sobressalto de figuras imaginárias ou reais que vinham de locas ou de matagais insuspeitados anteriormente, naquela terra de ninguém, tendo por rei o calor ▶

do sol inclemente, chuviscos que se dissipavam no ar sufocado. Seráfico do Boi olhava tudo parado como uma árvore ressecada, sem saber explicar tudo aquilo que aparecia, obra de Deus ou do fute, do bem para resgatar ou do mal para confundir. Estava transtornado o Cangaceiro Redentor, abilolado de ver tanta novidade surgindo numa reconciliação da natureza com a paz sonhada pelo povo, pelos deserdados naquele inferno dantesco bordado pela morte e sofrer dos famintos e sedentos. Falavam dos profetas e dos místicos, achavam que eram doidos varridos em quilométricas elucidacões, senhores de umas mentes desapontadoras ou tocados por uma maligna doença capaz de confundir, modificar, transformar, arruinar, anunciar e denunciar extravagantes atos de soberanas perturbações vindas dos opressores reis do mundo. Profetas eram aautos divinos. Oráculos que detonavam ambições e ele, o neto da mulher-profetisa orante e penitente, envolvido por todas aquelas aparições, por aquela confluência e comunhão que ia modificando a paisagem. Ele estava confuso, a garrucha enferrujada, testemunha ocular e única do fim do mundo perverso, desativado, minúsculo por saber e se convencer de que nada dependia dele, mas do sonho que ia se realizando, misteriosamente. Era a redenção zunindo em acordes mansos, uma trombeta tocando longe ou perto, não poderia distinguir de tão absorto estava. Só não viu o Anjo da Redenção porque não tinha mais coragem de levantar a vista. Ficou ali não sabe por quantas horas, ajoelhado, mudo, entregue às suas hesitações em acreditar num milagre daqueles, o mais chocante para suas esperanças amortecidas. De repente, se fez o silêncio. Uns trovões soaram dos porões da sua imaginação e de sua vontade. Mas era verdade: continuava o riacho, o matagal, o capim viçoso, apenas a multidão sumira. Seráfico do Boi esqueceu sua missão. Na verdade, tudo dependia de uma surpresa dos arcanos da natureza, do divino, do incompreensível. Uma utopia de ouro que se realizara muito independente do que o Cangaceiro



Solitário e Avesso, Redentor de caatingas e cantigas tristes, ousava cumprir, seguindo os ditames de uma mulher sonhadora, boa, porém desvirginada pelos seus pensamentos azeitados de muito fanatismo. Seráfico chorava de emoção e gargalhava a igual tempo, esperando se tornar realidade permanente a salvação do sertão lanhado pelas secas adversas. Mesmo que tudo fosse uma ilusão. Ilusão de desejo, de lampejo, de certo místico ou mítico aglutinar de luminosidades e vultos que interromperam a marcha que faria, mesmo em seu semblante solitário, em demanda a terras prometidas, a rios que nunca chegavam às paisagens desencantadas em extravios de abundante miséria. Não era redentor de nada. Nem se julgava um fracassado. Experimentara o sonho real sozinho. Se fosse contar, ninguém acreditaria. Tinha a fama de maluco, vivia confinado aos mimos de uma avó que sonhava atravessado, guardando em preces e jejuns, em terços recauchutados de orações labiais e coração distante, a fadiga de um desespero, uma anestesia de costumes estratificados em sua mentalidade emparedada em rituais domesticados, repetidos, nome de mensageiro de boas realizações provocativas a todos os descrentes de que horizontes não terminam. Poderia não haver acontecido. Mas aconteceu: o

painel criativo de uma redenção. Ele o vira com seus olhos abertos, não fora pesadelo, não fora sonho dormido, a esperança viera e ele começou a acostumar-se com uma possibilidade do impossível. Não era um cangaceiro ao contrário, mas um homem simples, personagem de um conto, circunstante de uma Prosopopeia encantadora, tão linda, pura e santa, que jamais seria colocada no nicho da realidade. Despiu-se inteiramente, sacudiu a garrucha enferrujada num barranco, caiu de joelhos, ergueu os olhos para a imensa constelação que já podia ser vista, pois anoitecera, rapidamente. E ficou naquele êxtase, estando em si e fora de si. Parece mentira: estava saboreando as estrelas. Elas caíam quais gotas de luz sobre o mundo, sobre o sertão e, à medida que se aproximavam, havia uma sensação inexplicável de poesia. As estrelas não alcançavam o solo. Seráfico do Boi parecia estar sendo levado pela brisa gostosa da noite. A ascensão simbólica de um desprezioso homem comum dos amargurados sertões. Mantinha-se imóvel, ao se encontrar consigo mesmo numa paisagem despejada pelos quatro cantos do mundo. Após a noite, a aurora despertaria e a metamorfose do sonho. ✦

José Leite Guerra é escritor. Mora em João Pessoa (PB).



ILUSTRAÇÕES: TONIO

Memórias em banco de praça

Lizziane Negromonte Azevedo
Especial para o *Correio das Artes*

Ele morreu no dia 15 de fevereiro de 2013. De lá pra cá fiz o possível pra manter a minha mãe lúcida, que já é uma septuagenária. Ela sempre foi uma mulher forte, batalhadora. Seu sorriso iluminava meus dias. Eu nunca a via doente ou queixando-se da sua vida doméstica, ela amava cuidar do meu pai, de quem sempre se despedia pela manhã com um beijo. Cantarolando, sempre rindo aquele sorriso solar, não descuidava dos seus afazeres, enquanto que o meu pai trabalhava como vendedor na farmácia do seu Agenor, homem rude que nunca estava satisfeito com a vida. Eu posso dizer que tive uma família feliz, sim, eu posso! E isso não é nada clichê,

pois mesmo no tempo dos meus pais havia muito relacionamento descartável, claro que não tão generalizado como hoje. Mas, infelizmente o tempo passou rápido. Eles envelheceram, mas não se desgrudavam. Minha mãe, cuja vida toda serviu o meu pai com todo o amor que era capaz, nunca quis que eu contratasse uma empregada pra eles. – “*Eu quero lá ninguém nos meus côs, menina!*”. Passei a visitá-los todas as tardes, assim eu dava uma espiada nas coisas pra ver se estava tudo em ordem, como minha mãe dizia. Preocupava-me com os dois ali sozinhos, sem ninguém para ajudá-los. Mas, eu não podia passar o dia todo com eles, afinal já tinha a minha ▶

▶ própria casa, marido e filhos há cinco anos.

Não foi fácil pra mim nem pra minha mãe ver o meu pai em um caixão, inerte, com o corpo intumescido. Ela chorava convulsivamente, todo o seu corpo tremia. Não dizia nada, apenas chorava. Após o enterro, levei-a para casa e fiquei lá com ela por três dias seguidos. Tentei convencê-la de que ela deveria ir morar comigo, pois minha casa era grande e não teria problema algum. Não consegui convencê-la, ela manteve intacta aquela determinação que lhe era peculiar. Vencida em meu propósito, retomei minha rotina, visitando-a todas as tardes. No início não percebi nenhuma diferença no comportamento dela, exceto que estava um pouco mais triste, sem aquele sorriso que sempre fez florescer o melhor em mim. Só uns três meses após o falecimento do meu pai foi que comecei a perceber que ela não estava bem, às vezes desconectava-se das conversas, tornava-se introspectiva e, quando voltava a si, não sabia mais sobre o quê falávamos. Eu dizia pra mim mesma que aquilo era só um esquecimentozinho, não havia de ser nada de mais grave. Mesmo assim eu tentava convencê-la de que ela não podia ficar só, mas a resposta era sempre a mesma – *“Eu quero lá ninguém nos meus côs, menina!”*

Eu era filha única, não tinha a quem recorrer e não podia forçá-la a nada. Por isso, resolvi respeitá-la. Passei duas semanas sem vê-la para cuidar de um dos meus filhos que havia contraído pneumonia. Apesar disso ligava para ela todas as tardes, sem falta. Ao retomar minhas visitas vespertinas, notei a casa em desordem. Havia panelas na sala, um rolo de papel higiênico dentro da geladeira... Eu nunca havia visto algo semelhante em toda a minha vida! Minha mãe sempre foi tão zelosa com a casa, cada coisa no seu devido lugar. Sentei-me no chão do meu antigo quarto, tranquei a porta e, baixinho, bem baixinho, comecei a chorar. Chorei todas as lágrimas que me eram permitidas. Esgotei-as todas! Foi quando decidi – e agora era eu que não

abriria mão da minha decisão – que ela ia ser acompanhada por uma cuidadora.

Eu e Lourdes chegamos à casa da minha mãe no outro dia cedinho. Lourdes seria a cuidadora da minha mãe, assim eu poderia ficar mais descansada, certa de que a alimentação, a higiene e a medicação seriam administradas da forma certa e nos horários prescritos.

– Quem é essa moça, filha?

– É a Lourdes, mãe. Ela cuidará de você todos os dias, assim a senhora terá mais tempo pra seu tricô e suas novelas. A senhora está ganhando umas férias do serviço da casa, mãe. A senhora já trabalhou muito aqui e, como se diz, todo filho de Deus tem direito a férias!

– Eu não quero, não!

– Que não quer o quê, mãe! Ela ficará aqui, sim! E não tem conversa!

Ela resmungou algumas palavras e deu de ombros. Não falou mais comigo por aquele dia. Mesmo assim fui pra casa aliviada por saber que a Lourdes cuidaria da minha mãe. No dia seguinte fui visitá-las.

– Boa tarde, mamãe!

Para minha surpresa, ela não me respondeu, ficou a olhar-me como a um estranho. Eu achei que era birra dela, por ter levado a Lourdes pra morar lá. Afinal, ontem ela não quis falar comigo por causa disso. Ignorei aquele olhar de surpresa e desconhecimento e falei novamente:

– Boa tarde, mamãe!

Nenhuma resposta, apenas aquele olhar vago, indeciso. Eu não estava entendendo nada daquilo.

– Lourdes, ô Lourdes, vem cá!

Correndo, com um pano de prato dependurado nos ombros, Lourdes apareceu ofegante na sala.

– O que foi que houve dona Marta? Algum problema?

– Minha mãe, Lourdes, ela não me responde!

Vendo a chegada precipitada da sua cuidadora na sala, Clara perguntou:

– Ei, quem é essa moça, hein?

Sentindo-se fulminada com a pergunta, Marta deixou-se cair na primeira poltrona à sua fren-

te. O silêncio foi quebrado por Lourdes, que prontamente interveio, perguntando:

– Não se lembra dessa moça não, dona Clara? É sua filha, a Marta, lembra?

– Eu mesma não! Nunca vi mais gorda!

– Não diga isso não, dona Clara! É a Marta, ela vem aqui toda tarde.

– E você, minha filha, quem é, hein? Você chegou aqui hoje, foi?

– Quem, eu? Eu estou aqui desde ontem, dona Clara!

Sem se importar com aquele diálogo, Clara desviou o olhar para uma borboleta verde que havia entrado na sala num silencioso alvoroço. Estava alheia às perguntas, ao mundo em sua volta. Naquele momento só a borboleta atraía sua atenção.

Aos sussurros, como que para não despertar Clara do transe no qual se encontrava, Marta perguntou à Lourdes o que estava acontecendo:

– Eu não sei como foi que ela ficou assim tão rápido, dona Marta. A senhora não tinha falado que ela estava ficando esquecida das coisas? Que já tinha trocado um monte de coisa do lugar por não lembrar onde ficavam?

– Sim, é verdade que ela não estava bem, Lourdes. Mas... mas é a primeira vez que ela esquece meu nome. Eu até entendo que ela esqueça o seu, afinal você chegou aqui ontem. De ontem pra hoje você notou algo diferente nela, ela fez algo que chamou sua atenção?

– Ontem à noite, ela passou muito tempo olhando um álbum de fotografias antigo e, além disso, espalhou as roupas do seu falecido pai em cima da cama. Eu não entendi nada, mas como era meu primeiro dia, não achei que deveria impedi-la ou que deveria telefonar pra senhora. Eu achei que fosse normal. Ah, depois de um bom tempo no quarto, com as roupas na cama e o álbum nas mãos, dona Clara me perguntou o nome daquele homem das fotos. Até um pouco antes de a senhora chegar aqui hoje, ela só me perguntava sobre o nome do homem.

Atônita, sem saber o que fazer, Marta calou-se. Buscava um sen-

▶ tido lógico para tudo o que estava acontecendo. Não imaginava que a sua mãe, que antes fora tão saudável, fosse chegar àquele estado. O silêncio foi tornando-se cada vez mais denso. Tudo ali tinha o cheiro do tempo, das vidas vividas. Estava tudo fora do eixo, o mundo girou e colocou tudo de ponta-cabeça. Lourdes, vendo que pouco ou nada podia fazer, voltou para a cozinha, tinha que preparar o jantar antes que a novela das seis horas começasse.

Mergulhada em pensamentos, Marta mal pode ouvir quando sua mãe falou-lhe alguma coisa. Foi então que apurou os ouvidos, queria ter certeza do que estava acontecendo.

– Ela voou, você viu? Ela era tão linda! Parecia com uma borboleta que eu vi na praça, quando esperava por ele. A propósito, você lembra o nome dele? Eu o amo, mas não lembro o nome dele.

Sem oferecer resposta, Marta despediu-se da mãe com os olhos boiando em lágrimas. Aquilo era demais para ela! Despediu-se de Lourdes e prometeu voltar no outro dia.

Às sete horas da manhã do dia seguinte, o telefone da casa de Marta começou a tocar sem parar. Era a Lourdes, que tentava desesperada falar com ela. Como Marta não atendia ao telefone, Lourdes resolveu desistir e partiu desesperada para a rua na tentativa de encontrar dona Clara, que havia sumido enquanto Lourdes limpava o quintal da casa. Por ser cedo da manhã, ninguém soube informar sobre o paradeiro de Clara. Lourdes bateu de porta em porta por toda a vizinhança. Foi na padaria, no supermercado e em todos os lugares que podia. “- Nada, nada, nada! Nenhuma informação que preste, meu Deus!”

De volta à casa de dona Clara, Lourdes ligou novamente para Marta que, desta vez, atendeu ao telefone prontamente.

– Calma, Lourdes! O que foi que houve? Fale mais devagar, eu não estou entendendo nada! Como? O que é que você está me dizendo? Mamãe não está em casa? Como é que isso foi acontecer, Lourdes? Meu Deus! Estou

indo até aí, Lourdes. Você já procurou pela vizinhança? Tente novamente! Enquanto eu chego aí, tente novamente!

O trânsito naquele dia estava caótico, para o desespero de Marta. Ao chegar à casa de sua mãe, duas horas depois, encontrou Lourdes aos prantos, sentada no sofá.

– Dona Marta, eu não tive culpa, dona Marta! Eu não posso perder esse emprego. Ai meu Deus!

– Pare de chorar, Lourdes! Pare de chorar agora mesmo e vamos procurar minha mãe novamente! Ela não pode ter ido muito longe. Vamos logo!

– Vamos, sim! Vamos, sim!

– Você já ligou para a polícia, Lourdes?

– Polícia? Não, eu nem pensei nisso, dona Marta. Eu achei que encontraria ela logo. Já andei por toda a vizinhança.

Enquanto a polícia deslocava-se para a casa de dona Clara, Marta andou por toda a casa, olhando cômodo por cômodo, em uma tentativa insana de encontrar alguma pista que a levasse até a mãe. Mas, o que encontrou foram algumas fotografias dos pais em uma praça. – “*Eles eram lindos! E como se amavam!*”

– Olhando as fotos, com os olhos já em lágrimas, ela viu uma placa que indicava o local da praça onde as fotos foram tiradas. – “*Não é possível, essa praça fica a cinco quarteirões daqui! Mas será que ela foi até lá, Meu Deus!?*”

– Lourdes! Lourdes! Eu tive uma ideia!

– O que foi dona Marta? Que ideia é essa?

– Lourdes, você falou que a minha mãe passou a perguntar insistentemente pelo nome do meu pai, não foi?

– Foi sim. Mas, em quê isso vai ajudar a gente, dona Marta?

– Não sei, mas eu acho que tenho uma pista!

– Você vai ficar aqui em casa, Lourdes, esperando a polícia. Enquanto isso eu irei procurar minha mãe.

Sem esperar resposta, Marta saiu em disparada para a rua. Ela foi a pé, deixou o carro em casa, não queria correr o risco de entrar em um congestionamento.

Caminhava lentamente, olhando cuidadosamente para cada esquina, rua e casas ao redor. Nada até ali revelava o paradeiro da mãe. No entanto, ainda havia uma esperança. – “*Ela haveria de estar na praça! Ela haveria de estar na praça!*” – Marta repetia aquilo mentalmente como um mantra, na tentativa de que se transformasse em realidade. Caminhou mais e mais até chegar à praça da foto, que não tinha mais o esplendor de outrora. Agora, era uma praça suja, cheia de moradores de rua que se misturavam aos pombos e cães que perambulavam por lá, alheios ao burburinho do comércio que funcionava ao redor. A única coisa que resistia ao tempo, se bem que já um pouco acinzentada e suja, era a placa, aquela placa da foto. Atenta, Marta percorreu cada banco daquele lugar. A praça era grande e ela já estava cansada, mas mantinha a esperança de encontrar a mãe naquele lugar. Foi no banco mais afastado da praça, próximo ao que antes era um jardim muito florido e multicolorido, que Marta viu a mãe sentada. Marta não acreditava no que via. – “*É minha mãe! É minha mãe!*” Dizia em uma explosão de alegria para si mesma. Controlando a emoção daquele encontro, Marta resolveu ir em direção à mãe em silêncio, para não assustá-la. Ao chegar por trás dela, Marta pode ouvir que ela falava sozinha, mas não a interrompeu.

– Era daqui que eu sempre o via chegar, sorridente, em plena tarde de domingo. Bastava vê-lo, do outro lado da rua, para meu coração bater mais forte. Ah, como eu o amava! Sempre o amei. Casamos dois anos depois daqueles primeiros encontros na praça. Aqueles, sim, foram dias memoráveis! Lembro-me até do cheiro do perfume que ele usava. E as rosas, então! Sempre lindas!

– *Olha a vassoooooura! Vai passando a vassoooooura!* O estrépito do grito interrompeu os pensamentos de Clara e o que ela dizia ali a viva voz. Irritada com a intromissão, Clara gritou, sem perceber que Marta estava por perto:

– Ah, esse cretino do Zé vassoura! – Vai gritar na casa da sua mãe, seu safado! – Eu estou ten-



▶ tando lembrar o nome dele! Eu preciso lembrar o nome dele!

Batendo na cabeça com as mãos, Clara começou a chorar. Comovida com o que via, Marta resolveu sentar-se ao lado dela. Queria ajudá-la, mas não sabia o que dizer ou fazer. Secando os olhos com as costas das mãos, Clara percebeu a presença de Marta, mas não a reconhecia.

– “Eu acho que essa moça pode me ajudar.” – pensou Clara ao vê-la.

– Olá, moça! Faz muito tempo que você chegou? Eu não percebi que você estava aqui. Já estou aqui a um bom tempo, eu acho. Eu estou tentando lembrar o nome dele. Dizendo isso, mostrou a foto do marido. Ele me amava, moça. Teve um dia que ele trouxe uma linda flor pra mim. E foi nessa praça mesmo. Eu me lembro disso, sim, sim, eu me lembro! Lembro até da música que tocava nesse dia por aqui. E começou a cantarolar como fazia nos velhos tempos, quando tudo parecia ser eterno: “O teu corpo é luz, sedução / poema divino cheio de esplendor / teu sorriso prende, inebria e enton-tece / És fascinação, amor...”

Marta não dizia uma palavra, apenas chorava sem que Clara percebesse.

– Você já percebeu como os ipês daqui são lindos, moça! São, são muito lindos, pelo menos pra mim. Eu só não gosto da imundície dessa praça. Acho que vai chover, hoje.

Sem falar mais uma palavra, Clara pôs-se a pensar. Havia se desconectado, como Marta já havia percebido em outras ocasiões. Entre elas, ali no banco da praça, o que se ouvia era o barulho caótico do comércio, nada mais. Depois de certo tempo, Clara sobressaltou-se e perguntou:

– Que horas são? Quem é você? Você é muito bonita, moça. Lembra-me alguém, sabe. Eu estou aqui tentando lembrar o nome dele, esse aqui da foto. Eu me lembro de algumas coisas, mas o nome dele... Ah, lembro que ele sempre me dizia: – “Eu te amo!” Com uma voz doce, suave. Aquilo me deixava nas nuvens. Beijos e abraços, sonhos e planos era tudo o que tínhamos aqui na praça, mas éramos felizes.

– Moça, moça, o que houve?

Por que você está chorando? Alguém te machucou? Não chore, não! Você é tão linda pra ficar aqui chorando!

– Alô, alô dona de casa! As lojas Tupã esperam por você! Venha já fazer seu enxoval! Aqui é mais qualidade, aqui é melhor preço! Vem! Alô, alôoo...

– Meu Deus! Onde estou? E, quem é você?

Secando as lágrimas, Marta levantou-se e disse-lhe:

– Marcos, seu esposo, esse aí da foto, pediu-me para vir buscá-la.

Sem precisar ouvir mais uma palavra, Clara levantou-se, vestiu aquele antigo sorriso e acompanhou sua filha, aquela notável desconhecida. ◀

Lizziane Negromonte Azevedo é escritora, advogada, cofundadora e coeditora da revista de literatura e arte *Boca Escancarada*. Tem contos publicados no *Correio das Artes* e na *Câmara Brasileira do Jovem Escritor*. Reside em Monteiro (PB)



Terrenho

— **T**udo isto que o senhor vê, é meu, sim senhor.

De cima do muro do cemitério, de onde procurava divisar alguns túmulos, eu escutava o que dizia a velhota com um sotaque lusitano carregado da gente do Norte, ao casal que procurava informações sobre a família.

— Todas estas fruteiras, continuava a velhota, fui eu que plantei, junto com meu marido — que Deus o tenha! Algumas tive que mudar da beira da estrada para cá, mais para cima, porque me roubavam as frutas. Outras eu mesma enxertei.

Juntei-me ao casal, pois a velhota, uma personagem do século XVIII ou XIX, perdida naquelas paragens, no cimo de uma serra, em pleno século XXI, chamava-nos para conhecer a sua casa. Gente da cidade, acostumada à vida sedentária e ao deslocamento em automóvel, subíamos o caminho um tanto íngreme da casa da senhora com um bocado de esforço.

Ela, apesar de sua idade avançada, não menos de setenta anos, sequer arfava. Pelo caminho, ela colhia frutas — ameixas, figos, pêras, maçãs — que nos ia oferecendo com uma grande satisfação. Não sei por que, mas veio-me à mente a história de Joãozi-

nho e Maria. A boa velhinha parecia-me uma bruxa que nos atraía com sua aparência de bondade e desprendimento a um covil, onde nós seríamos, por fim, assados e comidos. Mas subíamos, instados pela velha. Sozinha, viúva, idade avançada, filhos distantes, sua única distração era a plantação e a missa aos domingos. Quando chegamos a sua casa, a idéia de covil se cristalizou diante de mim, sobretudo por existir uma toca fechada onde um cão arfava e gania.

— Ah, este é o meu cãozito. É quem me faz companhia.

Tive a sensação de que era mais uma maneira de a velhota nos enganar. A qualquer instante sairia daquela toca um ogro que a ajudaria a nos devorar. Aberta a porta, saiu realmente um cãozinho carinhoso, que logo aproximou-se de nós, balançando o rabo e querendo nos cheirar. Já demorávamos bastante ali, sem ter conseguido saber nada a respeito da família do casal, uns Sebadelhes que haviam migrado há muito tempo para o Brasil. Saímos, não antes de batermos umas fotos com a velhota, sorridente, apesar de seus únicos dois dentes. Na sua solidão e abandono, tendo pessoas que a escutavam, ela insistia para que ficássemos, pois nos daria um pouquinho de pão. O sol, no entanto, já andava no meio-dia e ainda teríamos que ir a Terrenho, vilarejo de Trancoso, ali pertinho de Sebadelhe da Serra, onde nos alojamos.

Descemos um pouco a serra, chegamos em Corças, onde encontramos uma mulher que nos apontou um melhor caminho para Terrenho. Pelo mapa, deveríamos fazer todo o caminho de volta, pois Terrenho ficava paralela a Sebadelhe da Serra. A mulher disse haver uma ligação por cima da serra, que tornaria o caminho mais cur-

História, natureza e imaginação misturam-se na bela e misteriosa paisagem da freguesia de Terrenho, em Portugal



▶ to. Voltamos e fizemos o caminho pelo topo da Serra, aproveitando a visão do vale verde, todo plantado de uvas e azeitonas, com o rio Douro, caudaloso, abaixo, aproveitado em barragem. À primeira vista, Terrenho não nos pareceu grande coisa, pois ficava ao largo da estreita rodovia. Não nos demos conta de que deveríamos entrar pelas vielas estreitas e inclinadas para chegar ao coração da freguesia.

– Bom dia, senhores. Qual o caminho para a igreja? O grupo de três operários nos olhou com certa desconfiança e nos indicou o caminho, único, sem erro.

Uma igrejinha modesta, sombreada por várias árvores frondosas, parecia fechada. Em frente à igreja, um pequeno comércio que funcionava a um só tempo, como mercado, posto telefônico e correio. Uma senhora idosa, que não parecia nos compreender veio saber o que nós queríamos, mas foi a moça do pequeno comércio que nos ajudou. Nova na região, não sabia dizer nada, não senhor, mas sua tia talvez soubesse, pois vivera ali toda a sua vida.

– Tia Agustinha, Ó tia Agustinha! Está cá um moço que quer ter com a senhora, gritava ela para um sobradinho.

Da janela do sobradinho, tia Agustinha disse lembrar-se, sim, dos Sebadelhes e da menina Emília, que ali vivera e até deixara uma casita fraquita, pois sim. Mas quem se lembrava realmente e poderia ajudar era o senhor Amado que conviveu com eles. Descemos em direção à casa do senhor Amado para saber alguma informação da família do casal. Havia indícios, mais do que fortes de que a família teria vivido ali em Terrenho, antes de partir para o Brasil. Com um ar de desconfiança, sentado em sua cadeira de rodas, o senhor Amado nos recebeu, conduzidos que fomos pela sua afillhada, Dona Justina.

– Sou sobrinho-neto de Emília Pereira... tentou dizer o senhor Sebadelhe, que procurava rastrear as origens da família.

– Impossível, cortou o velho, ela não teve filhos.



Em Terrenho há registros muito antigos da ação humana sobre a natureza

– O senhor não entendeu. Eu sou neto do irmão mais velho de Emília Pereira, José Augusto Sebadelhe. Sou, portanto, sobrinho-neto de Emília Pereira.

O velho ainda nos olhava com desconfiança, como quem quisesse nos pegar em alguma contradição. O Senhor Sebadelhe disse que seu avô tinha partido para o Brasil, ainda jovem e lá tinha constituído família. Emília Pereira tinha ido ao Brasil para ficar com o irmão, mas por causa de desentendimento com a cunhada teria voltado para Portugal. Ele queria saber se o senhor Amado os conhecia, se tinha sido amigo de Emília, de quem ele não tinha tido mais notícias...

– Amigo, não, apressou-se a dizer o velho, amigo de amizade, sim.

– Sim, amigo, no sentido brasileiro do termo, é amigo de amizade. O senhor, então a conheceu?

– Sim, conheci todos. José Augusto, António Augusto, Teresa, Filomena, Joaquim e Emília. Filomena ainda vive? Perguntou o velho visivelmente emocionado.

– Eu perdi contato com ela,

não sei lhe dizer. Não sei nem mesmo notícia da filha dela...

– Telma, disse o velho.

– Sim, Telma. Pelo visto o senhor a conheceu também.

O velho, então, começou a falar de toda a família. Do avô e dos pais de Augusto Sebadelhe, dos irmãos deste. Haviam, em criança e na adolescência, convivido. Depois da partida para o Brasil, apenas mantivera o contato com Emília, que ali morrera e deixara alguma coisa, que ele mandara para Filomena e até hoje não sabia se ela recebera. A cada palavra, a cada recordação, o velho se emocionava e tinha que buscar ar para poder continuar a narrativa, muitas vezes atrapalhadas pela Dona Justina, sobretudo quando se tratava de falar de bens ou de algum documento da família. O senhor Sebadelhe, também emocionado dizia do bem que o senhor Amado lhe fizera, ao proporcionar-lhe um reencontro com a família, mesmo que fosse à base de recordações. Não tinha qualquer interesse material, mas sentimental nesse reencontro. Agora podia dizer com certeza onde vivera seu avô, ali estivera e pudera reencontrar as raízes.

Valera a pena sair de tão longe na incerteza de encontrar algo e subir uma serra de curvas estreitas para encontrar o passado personificado em velho numa cadeira de rodas.

Quando pegávamos o carro de volta para Salamanca, cruzamos com o padre que levava a comunhão ao senhor Amado, e ainda ouvimos a voz esganiçada da moça do pequeno comércio.

– Tia Agustinha! Ó tia Agustinha! ❖

(Serras do Norte de Portugal, fim de verão, início de outono de 2002)

Milton Marques Júnior é professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mora em João Pessoa (PB)

Dez dias

COM ELENA EM Havana

Analice Pereira

Especial para o *Correio das Artes*

SÉTIMO DIA:

RETRATO EM BRANCO E PRETO

Toda cidade tem uma luz e um cheiro próprios. O cheiro depende de alguns fatores como o clima, o nível de umidade no ar e, portanto, a luz. Toda cidade também tem cores próprias que também dependem da luz que recai sobre ela. A luz, por sua vez, a sua intensidade, depende do sol, da sua posição e do seu movimento. E sol, luz, cor e cheiro dependem sobremaneira dos olhos de quem vê, do olfato que distingue diferentes odores. O cineasta polonês, Krzysztof Kieślowski, por exemplo, partiu da ideia das cores, em seus sentidos ideológico e estético, para criar a *Trilogia das cores*, talvez a obra mais conhecida do diretor. Não por acaso, para Kieślowski, a igualdade é branca: pensava a estrangeira, trazendo para o centro de sua reflexão alguns lugares-comuns dessa cor. Além disso, lembrava que branca é a cor da luz porque reflete todas as cores; reflete raios luminosos. Mas as experiências adornadas por essa cor não tinham muito a ver com a simbologia expressa no filme, como se poderá ver adiante. Ela, apenas, se apegava ao título e ao significado, para ela eminente, da palavra “igualdade”, seguida de um predicativo bastante simbólico em sua cultura.

Foi assim que, enquanto passeava pelas ruas de Havana Vieja, ela reparou as roupas estendidas nas varandas das casas, dos apartamentos. Em sua maioria, brancas. Quis entender, e não perguntou a ninguém, nem a Elena. Tirou suas conclusões prévias que podiam ser, em certa medida, equivocadas: *podia ser roupa quarando; roupa branca, para ficar bem limpinha, deve ser quarada*. Um hábito comum no sertão do nordeste de seu país. Naquele mesmo dia, chamaram a sua atenção os negros vestidos de branco. Estavam nas ruas ganhando seus

trocados, junto aos turistas: *coisas de ciganos, como leituras de mãos*, dizia Elena.

A satisfação com que presenciava aquelas cenas só ia aumentando dentro dela, enquanto aquele contraste de cores ia cada vez mais fazendo um sentido, porque visto não simplesmente como contraste. Naquele dia, apreciava uma paisagem de casas, praças, teatros, bares, igrejas, pátios, muros e pessoas, muitas pessoas, dali e de acolá. Turistas aos montes. Cubanos nas ruas, tocando sua música, naquele embalo que, por ser tão envolvente, era capaz de dar autonomia ao corpo de quem passava. Alguns deles eram negros vestidos de branco. Imaginou que seriam praticantes de religiões de matriz africana, mas esse pensamento era um tanto aligeirado e poderia se equivocar. Usariam branco pelo simples gosto pela cor? Usariam branco para demarcar o contraste? Um contraste social? Um paradoxo revelado na prática de um regime político fincado num projeto de igualdade para todos? Assim como os homossexuais, os negros também sofreram suas agruras no período pós-revolução em Cuba, sobretudo devido às suas práticas religiosas e ancestrais num país que se constituía ateu. Harmonizar esses contrários, sabia a professora, é que era o desafio, um desafio de natureza ideológica.

E foi nessa tentativa de harmonização daqueles contrários que ela deu um contorno interessante ao seu pensamento, justamente naquele dia, quando assistiu a *El lago de los cisnes*, no Teatro Nacional de Cuba, na cida-





El lago de los cisnes, na versão criada pela bailarina e coreógrafa Alicia Alonso, diretora geral do Ballet Nacional de Cuba

▶ de de Havana. O balé, reconhecido mundialmente, é dirigido por Alicia Alonso, que se fez presente naquele dia. Ao entrar no teatro, foi recebida com aplausos de uma plateia esfuziante que, de imediato, levantou da cadeira para receber aquela senhora, numa demonstração de profundo respeito e reverência. Tudo era um luxo só: a começar pelo próprio teatro, passando pela orquestra, iluminação, figurino, e, o mais importante, a qualidade técnica e interpretativa daqueles bailarinos.

A história que aquela dança e aquela música apresentam não era o mais relevante. O que interessa anotar, para a estrangeira, é que se trata de uma história figurativizada em branco e preto; de um espetáculo dirigido por uns olhos aos quais lhe falta luz na mesma proporção que lhe sobram talento e sensibilidade. Ainda muito jovem, Alicia Alonso apresentou sérias limitações de visão que, ao longo do tempo, foram se agravando. Mas ali, naquele lugar, parecia que ela não precisava de olhos para ver as cores daquela noite. Ela via com os ouvidos e, certamente, extasiava-se na cadência dos aplausos da plateia, a cada ato, a cada *fouetté* realizado por seus bailarinos. A

luz, o brilho que faltava aos olhos daquela senhora, que outrora fora bailarina de reconhecimento internacional, sobrava na direção daquele espetáculo. E era dessa luz, ausente nos olhos de Alicia, que a alma dessa senhora se alimentava e, cria a estrangeira, a sua vontade de viver e de continuar na direção do balé, aos 94 anos.

Ainda assim, algo incomodava a estrangeira: a ausência de bailarinos negros no Ballet Nacional de Cuba. *Os negros, no geral, têm corpos robustos e, por isso, não dançam esse balé, que exige, acima de tudo, magreza corporal*: explicou-lhe Elena. *Seria mesmo branca a igualdade?* Pensava a estrangeira enquanto juntava, a essa informação, notícias de bailarinos cubanos que, nos anos duros de crise, aproveitando a oportunidade de estarem fora de Cuba, em turnês internacionais, desertaram em busca de melhores salários e de reconhecimento profissional. Tudo se justificava, por uma razão ou outra,

inclusive pelo que dizia Elena.

Desistia de questionar e de se autoquestionar, quando, ao final do espetáculo, subiu ao palco o regente da orquestra em gesto de agradecimento. Era negro, de terço preto e era, para ela, uma cena reluzente, dada a expectativa que havia criado, ao longo do dia, de assistir a um balé, na cidade de Havana, em que se harmonizassem as cores, de forma que pudesse vislumbrar um exemplo de igualdade. Uma igualdade de acesso a bens culturais, tanto no que se refere a sua produção, quanto ao seu consumo. Algo que a estrangeira não via, em proporções equivalentes, em seu país.

Juntou retalhos das lembranças daquele dia e imaginou, por fim, aquela melodia de Tchaikovsky como sonoplastia para a dança que o vento provocava nas roupas brancas, estendidas naquelas varandas quase pretas, desgastadas pelo tempo, necessitadas de reparos; um desgaste que não diminuía a poesia do lugar, pois, ao passo que revelava uma necessidade de ajuste social, também não escondia, para a estrangeira, as conquistas dessa gente noutros âmbitos de suas vidas.

Dada a sorte de poder vislumbrar esse quadro, assim capturou, em sua objetiva, esse “retrato em branco e preto”, e saiu do teatro certa de que se a igualdade tem uma cor, que esta não seja nem branca, nem preta, mas uma síntese desses contrários, ou uma harmonização cromática que possa representar o que há de mais nobre no ser humano: o seu gosto pela vida e a sua disponibilidade para discutir, entender e pôr em prática o que seja, de fato, uma igualdade de direitos, em que se considere, sobretudo, uma diversidade de quererem. ◀

Analice Pereira é crítica de literatura, ensaísta, contista e professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Mora em João Pessoa (PB).



O ser e a mudança

Aproveitei o convite para ministrar uma “aula magna” na Universidade Federal da Grande Dourados, no Mato Grosso do Sul, para rever Campo Grande, cidade em que morei quando menino. Principalmente para voltar a Nova Campo Grande, o bairro em que passei os melhores dias da minha infância.

Tão logo cheguei a Campo Grande, tomei um táxi e fui ao Colégio Dom Bosco, onde estudei. De lá, a pé, refiz o percurso que fazia, diariamente, do Colégio até a antiga estação rodoviária, onde tomava o ônibus para Nova Campo Grande. A cidade cresceu, mas continua acolhedora, limpa e organizada. É um prazer andar em Campo Grande, tanto de automóvel quanto a pé, pois lá não há buracos nas ruas e nas calçadas, não há lixo à vista nem esgoto a céu aberto – tudo tão diferente do Recife! Em frente ao prédio em que funcionou a rodoviária, tomei outro táxi e fui direto para Nova Campo Grande, a minha Pasárgada, única e inesquecível.

Durante o trajeto, vi que a minha memória preservara quase tudo. Tive mesmo que dar instruções ao jovem motorista de táxi, que me levava, inadvertidamente, a outro bairro, contíguo a Nova Campo Grande, ainda mais próximo do aeroporto e que surgira nas últimas décadas.

Desci do táxi à margem da rodovia, na entrada que meu pai costumava usar para chegar à nossa casa, ou seja, na rua da famosa casa em que morava meu amigo Luciano, casa que se identificava de longe, por conta de um enorme catavento que existia no quintal e era usado para bombeamento d’água. O pai de Luciano, que também se chamava Luciano e foi amigo do meu pai, era um homem de gosto incomum. Sua casa era um verdadeiro museu de objetos adaptados para novos usos. Um carro de bois fazia as vezes de muro da frente; a base de uma das mesas de centro era um timão de barco, visível sob o tampo de vidro; obuses eram usados

como pesos de portas; uma hélice de avião, na parede da sala, servia de moldura para um relógio, embutido no seu eixo; e assim por diante.

Há exatos 36 anos eu não pisava aquelas ruas – para mim sagradas – de Nova Campo Grande. Aos poucos fui me dando conta de que a atmosfera do bairro era a mesma, com as mesmas casas (algumas visivelmente reformadas, como a que pertencera à família de Luciano) e outras novas, construídas nos terrenos baldios em que eu costumava me esconder nas brincadeiras de trinta e um alerta ou de polícia-ladrão. A proximidade do aeroporto, impedindo a construção de edifícios, preservou o gabarito do bairro, que permanece com suas casas predominantemente térreas, todas com seus jardins e quintais. As ruas continuam tranquilas e praticamente sem tráfego de automóveis, de maneira que as crianças ainda podem brincar à vontade, fazendo delas quase uma extensão das calçadas, como era no meu tempo de menino.

No silêncio daquela tarde de sexta-feira, passei um bom tempo palmilhando aquelas ruas tão conhecidas, ruas que meus pés pisaram há tantos anos, e que se encontravam praticamente desertas, pois o sol ainda estava forte. Aqui e ali, eu escutava o latido de cachorros e o barulho de crianças, certamente brincando à sombra de árvores, nos quintais das casas mais próximas. Revi, tomado de emoção, o prédio abandonado e quase em ruínas em que funcionava o “Cine Nova Campo Grande” – um simples galpão de alvenaria que, aos sábados e domingos, se tornava o centro das atenções de todas as crianças do bairro, enfeitadas pela magia do cinema.

Meio encandeado pelo sol, e ouvindo, ao longe, o barulho de automóveis, que vinha da rodovia, tive a impressão de que, a qualquer momento, sairia de uma rua transversal àquela em que eu estava a “Cinqüentinha” de Marcelo Tigre, obviamente com ele ao volante e segui-

do muito de perto por Bel, a sua cadela e companheira inseparável. Ou seria a Mobilete vermelha de Lygia, pilotada por ela mesma, trazendo, na garupa, Márcia, a sua irmã, ou Ângela, a sua melhor amiga. Poderia ser, também, a “nossa” Garelli azul, minha e de Gerson, meu irmão mais velho, que então a devolveria para mim, pois agora seria a “minha vez” de usar a motocicleta, no revezamento acordado quando a recebemos de presente, do nosso pai. De repente, vi todos os meus amigos brincando na rua, correndo a pé, de bicicleta ou moto, naquela algazarra contagiante e indescritível. Eu não podia mais dar um passo sem me recordar de uma cena, de um gesto, de um rosto, de cada uma das tesselas do belo mosaico de lembranças daqueles dias tão bem vividos, e que ainda persiste, quase intacto, na minha memória.

Sim, era tudo verdade! As fotografias que ainda hoje guardo comigo não poderiam mentir. Tudo aquilo foi! Tudo o que me lembro de fato aconteceu naquelas mesmas ruas, em frente àquelas mesmas casas que eu revia agora, tanto tempo depois.

O meu irmão caçula, que é médico, é um partidário da teoria da mudança. Para ele tudo é trânsito, de maneira que, à ideia do ser, deveríamos opor a da ruína. Quando lhe mostro uma fotografia nossa, em Nova Campo Grande, eu com 11 anos de idade, ele com 7, ele me diz, taxativo:

– Essas duas crianças não existem mais!

Eu contesto, digo que não, que algo daqueles meninos fotografados em 1978 ainda permanece vivo em nós, mas ele, valendo-se de argumentos científicos, é irredutível: ao longo dos anos, as nossas células morrem e são substituídas por outras, e assim os nossos tecidos, os nossos músculos e órgãos, num movimento de mudança incessante. O coração que bate em meu peito, portanto, não seria mais o mesmo coração que batia forte no menino que sorri no retrato, em cima de sua motocicleta.

Trata-se, como se vê, de uma interpretação radical do princípio com que Heráclito se opôs a Par-



mênides, expresso naquela célebre frase: “nenhum homem se banha no mesmo rio pela segunda vez”. Entre Parmênides e Heráclito, entre o ser e a mudança, sempre procurei um meio termo. Olhando-me no espelho, vejo um homem maduro, já próximo de completar meio século de vida. Mas a minha consciência sabe que algo daquele menino que também já fui permanece vivo lá bem dentro de mim, dentro desta estrutura de ossos e carne já meio derruída pelos anos.

E a prova de que estou certo seria tirada também ali, em Nova Campo Grande. Bati na porta de duas amigas do meu tempo de menino, Lygia Cardoso e Cláudia Finotti. Não nos falávamos desde o dia em que parti, em janeiro de

1979. Mas ambas me receberam como se tivéssemos terminado uma brincadeira no dia anterior. Deram-me notícias dos amigos que não moram mais no bairro e dos que permanecem por lá. A conversa foi longa, prolongando-se noite adentro, principalmente com Cláudia, que, como eu, é aficionada de pintura e de arte, de um modo geral.

Ah, meninas! Como sou grato a vocês duas, por terem acolhido esse velho amigo de infância! Esta crônica é pra vocês, com a amizade de sempre. ✦

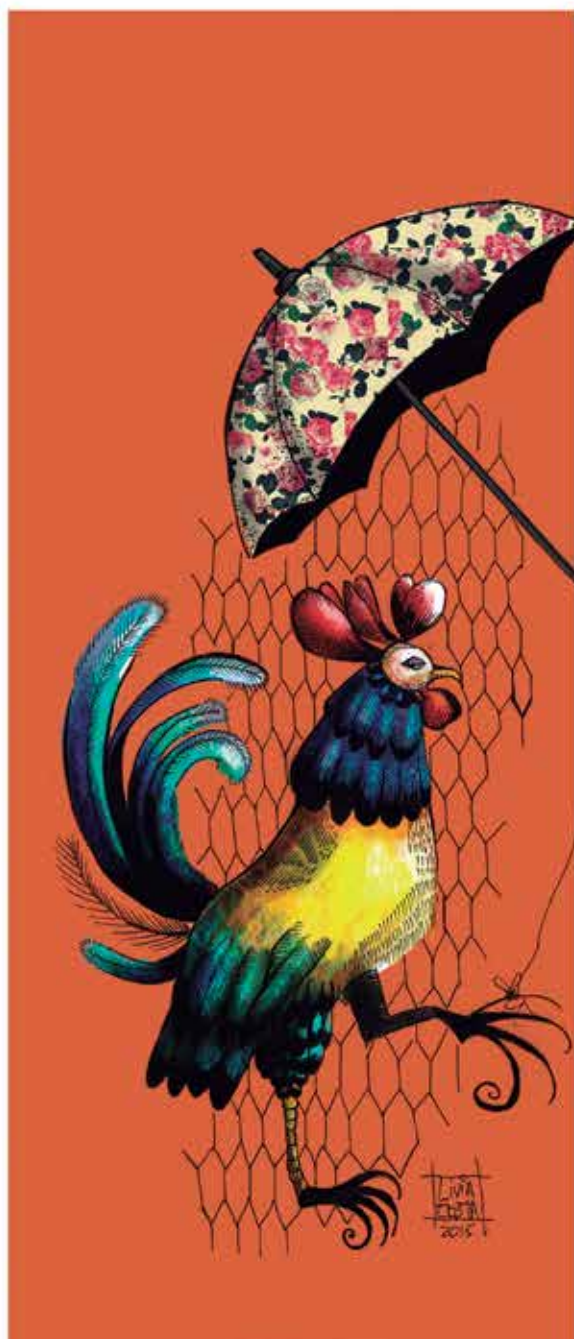
Carlos Newton Júnior é poeta, ensaísta e professor da Universidade Federal de Pernambuco.

Mora em Recife (PE)

Não costura

meu pensamento!

Eu quero voar por esse mundo, desatando nós apertados, crescendo e diminuindo; quero libertar tudo que eu alcançar!





122
anos

2015





uma nova História
para uma nova

A UNIÃO

Reserve seu anúncio (83) 3218.6526

Faça a sua assinatura (83) 3218.6518



www.paraiba.pb.gov.br |    [uniao.govpb](https://www.facebook.com/uniao.govpb) |  uniaogovpb@gmail.com

www.pb.senac.br



VONTADE DE APRENDER

**BOM NEGÓCIO É
CONTRATAR UM
APRENDIZ
DO SENAC**



ORGANIZAÇÃO

**JOVEM
APRENDIZ**

ABRA ESPAÇO PARA UM APRENDIZ.
OS CURSOS DO SENAC ESTÃO VOLTADOS
ÀS NECESSIDADES DAS EMPRESAS.


Senac